







Digitized by the Internet Archive
in 2007 with funding from
Microsoft Corporation

L. L. A.
Curso 2^o de Letras

273



Biblioteca Histórica
DA
RENASCENÇA PORTUGUESA

Volumes publicados:

| | |
|---|-------|
| O CERCO DO PORTO — contado por uma testemunha, o coronel Owen. Prefácio e notas de Raul Brandão | \$80 |
| A PRAÇA NOVA — por Alberto Pimentel | \$80 |
| 1817 — GOMES FREIRE (2. ^a edição) — Raul Brandão | \$80 |
| D. PEDRO — Coelho de Carvalho. | 1\$00 |
| MEMORIAS, 1. ^o vol. — Raul Brandão (2. ^a edição). | 1\$20 |
| DUAS GRANDES INTRIGAS — Alfredo Varela, 2 volumes | 6\$00 |

A seguir:

- HISTORIA DUM FOGO MORTO (2.^a edição) — José Caldas.
— DRAMAS DA INQUISIÇÃO (1.^o volume) — Antonio Bayão.



Retrato do Autor, tirado em França.



MEMÓRIAS DA GRANDE GUERRA

DO AUTOR

A Morte da Águia, 1909.

A Arte e a Medecina, 1910.

Esta História é para os Anjos, 1912.

Sinfonia da Tarde, 1912.

... Daquem e Dalem Morte, 1913.

Glória Humilde, 1914.

Cancioneiro Popular (Antologia precedida dum estudo crítico), 1914.

Cantigas do Povo para as Escolas (Seleção e prefácio), 1914.

O Infante de Sagres, drama em IV actos, 1916; 2.^a e 3.^a edições, 1917.

Cartilha do Povo, I-II, 1916.

Egas Moniz, drama em IV actos, 1918; 2.^a edição, 1919.

Memórias da Grande Guerra, (1916-1919), 1919.



Coronel Pereira Bastos

BIBLIOTECA HISTÓRICA
MEMÓRIAS
II

JAIME CORTESÃO

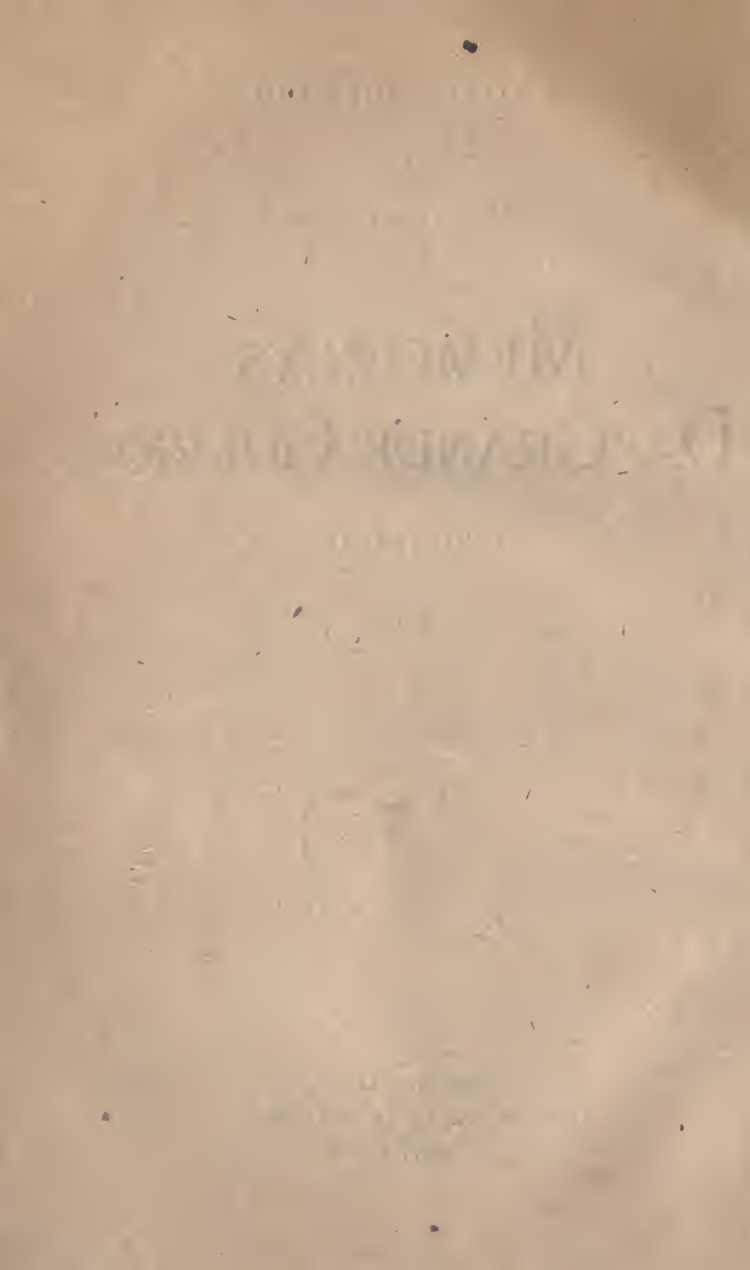
MEMÓRIAS DA GRANDE GUERRA

(1916-1919)

3.º MILHAR



EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PÔRTO



A MINHA MULHER E A MEUS FILHOS

— Àquela, cujo amado Amor foi o esteio mais corajoso nas grandes horas dolorosas;

— Àqueles para quem anseio, mesmo à custa da minha, uma vida mais bela;

Para vós a minha melhor obra d'Arte, que é a própria vida feita beleza suprema, na aspiração e pelo sofrimento.



fuso vendaval de fogo e lava destruidora. Vistas à distância imensa a que nós as olhamos cabem às centenas no mesmo fitar de olhos e espalham nas noites sem lua uma doce claridade.

A distância, — a distância no espaço e no tempo —, é a condição indispensável para que os astros, os homens e os factos tenham beleza. Que os Tácitos e os Homeros de hoje, se é que os temos, poisem o cálamio egrégio, deslacem as cordas da lira canora. É cedo. Mas quando o estatuário das obras definitivas e imorredouras largar, de escopro na mão, para jogar ao mármore o primeiro talho, já então êle tomou para o arranjo da sua estátua qualquer linha fugaz das que animam êste gêsso efêmero.

Êles virão e hão de colher um pouco destas páginas, onde há lágrimas, risos, misérias, drama e epopeia.

Há quem pretenda, — eu sei, — que esta, a nossa guerra, não dá um canto de epopeia. Que é mero assunto para relatos frustes, coisas de somenos, frioleiras. Felizmente os que assim falam não definem a nossa guerra mas o seu temperamento, marcado pela faculdade estreita de ver o riso e a espuma das coisas.

Nem por isso a nossa guerra, como as outras, deixa de se repassar de sofrimento e de epopeia. Para isso bastava a batalha do Lys e a arrancada épica daqueles homens, que, vencendo a inércia e a descrença dos grandes chefes, conseguem, atra-

vés de tudo, marchar para a frente, onde se ganhava a vitória.

Vem tarde êste livro, mas cêdo todavia para a visão inteira e larga da nossa luta.

Tambêm para a justiça dos homens e para a comovida curiosidade com que tu, ó leitor, o deveras folhear, eu sei que é infinitamente cêdo ainda.

O GÉNIO DO POVO

Março de 1916.

MAZINA, Kuangar, Naulila . . . Nomes que soam como bofetadas.

Depois hesita-se, disputa-se, combate-se. Já a face arrefece. Alguns querem mesmo oferecer a outra. Mais um passo: requisitam-se os navios . . . E a hora grande bateu: estala a declaração da Alemanha.

Na Câmara a sala, de pé, desde as carteiras até às galerias, ao formigueiro humano, delira e aclama, com uma só boca: Viva a República! Viva a guerra!

As almas abriram caminho dumas para as outras e a emoção de cada um multiplica-se pelo entusiasmo frenético da turba. Ao meu lado este grande *Gavroche*, que passou a vida a rir e a descrer, tem 'os olhos afogados em lágrimas. Uma voz vai erguer-se talvez com fria dúvida, mas a onda de fogo tudo engole.

Uma seriedade nova vinca as frentes e põe labaredas nos olhos. Comungamos a Pátria; somos em estado de graça.

Não durmo nessa noite. É um diálogo entre mim e a consciência. Decido oferecer-me para partir, e ao dia seguinte, em carta ao Ministro da Guerra, Norton de Matos, declaro-lhe sacrificar a essa grande obrigação os sagrados deveres de família, pois entendo que esta guerra terá para o bem da Humanidade conseqüências tamanhas, quais ninguém mesmo pode prever desde já.

Por terras de Portugal, nas cidades, o povo ergue-se ao grito de guerra. Em Lisboa uma multidão imensa vai à Câmara Municipal manifestar ao Chefe do Estado o seu apoio. Céu azul-rútilo. Dia de apoteose na Terra e nas almas. Olavo Bilac, o grande Poeta brasileiro, assiste ao desfilar da multidão e do alto duma varanda saúda o Povo que o aclama. Ao sair do Palácio do Município, na carruagem presidencial, além do ministro inglês e do Chefe do Governo, Dr. A. J. d'Almeida, vai também Guerra Junqueiro. Os dois poetas lusitanos, epónimos das duas nações, sagram com a sua assistência o acto ingénuo da turba.

Irá então reatar-se o ciclo truncado das nossas lutas épicas? Irá cumprir-se a profecia de Edgard Quinet?

Quando êle, em 1845, visitava Portugal, dizia de nós:

«*Dans le silence qui les environne, ces hom-*

mes ont l'air de continuer la bataille autour du corps du roi Sebastien.»

E acrescentava:

«Et pourtant, malgré cet engourdissement mortel, je jurerai que le feu moral couve encore quelque part. Cette terre recommencera de trembler et de jeter des éclairs.»

Em verdade, a nossa vida, há um século, denuncia-se apenas por isolados clarões de relâmpago. Esta nação, mal lhe roubaram a escota e a espada, que descobriu e avassalou meio mundo, ficou-se para aí abismada na contemplação da sua última aventura heroica.

O pensamento da sua independência inda a levanta para resgatar a liberdade, e, apenas quando a afrontam no seu brio, estremece e ergue-se toda ela, fulgurada pela mesma raiva: é na aurora e no ocaso do século XIX, — com as invasões napoleónicas e com o *ultimatum*. Mas, esfriada a canícula patriótica, recai a dormir. Só a mudança de regimen de novo a abala profundamente, de tal modo reacendeu aos seus olhos a estrêla da esperança.

É inútil negá-lo: uma grande parte da nação não pensa nem sofre. Há três séculos que está entorpecida. Ignorância, egoismo e cobardia. São o zero à esquerda. Por si nada valem. E dentre os que se disputam a primazia de factores da massa inerte, os valores mais altos uniram-se em tórno à bandeira da República por adaptação ne-

cessária a esta lei natural: só as formas e as ideias progressivas são elementos de vida contínua, isto é, se multiplicam.

Foi essa parte da nação — poucos chefes e muito povo —, que, ao estalar a grande guerra, encarnou *genialmente* esta verdade.

E mais o povo do que os chefes.

Os grandes nunca a disseram toda. Mas a arraia teve relâmpagos de intuição secreta. Em Portugal é assim: calam-se os profetas da grei, mas a Sibila do Povo lá delira os oráculos.

Que diabo fazemos sôbre a Terra?

Ocupamos, mercê das colónias, um lugar entre as maiores nações. Mas trata-se duma presença meramente passiva e corporal. Obstruimos o Mundo. Eis a ocasião de tomar lugar na vida, em presença activa do espírito. De contrário, o desmedido corpo morre, e arredam-nos, sem clemência, do caminho dos vivos.

O nosso esforço colonizador elevára-nos à função preeminente de pátria-mãe duma outra nação. Desprezámos há muito tão elevado encargo, o que só redundava em desprestígio próprio. Excelente ensejo para recuperar o ascendente materno, tornando-nos; pelo exemplo, a sua inspiradora moral.

E como? Encarnando o ideal comum, obedecendo ao génio da raça a que as duas nações pertencem. Vitalizando-nos, do mesmo passo voltávamos a radiar energias fecundas.

Trata-se duma luta mundial de grave risco e



Em Dohem

desmedido alcance? Nós, mal atingimos a maioria em Aljubarrota, logo, em nossa pequenez, definimos a vida como uma fôrça que tanto mais se exalta, quanto multiplicada pelo perigo e pela grandeza do fim. O Mundo foi depois o teatro das nossas acções.

Combate-se pela libertação humana? Mas o pensamento da independência tem sido o fulcro activo da consciência nacional, e as lutas pelas liberdades individuais veem de tão longe, na história pátria, que se lhe buscarmos o início até às origens da grei, as duas datas coincidem. É um grito, que não se cala. Se o abafam na boca, restruge depois mais violento.

Não; é mais ainda? O gigantesco esforço dos povos vai descobrir um Mundo novo do espírito? Melhor. Aprestemo-nos então para que ao abordá-lo assentemos na carta, como outrora, o nosso padrão das Descobertas.

Aí está. Se desde logo nos atraiu a causa dos aliados e ansiamos secundá-la não foi apenas pelo sentimento de fidelidade aos tratados. É que chegára a hora de reviver e reassumir a nossa grande missão civilizadora.

O povo encarnou esta verdade genialmente, dissemos nós. Genialmente, pela intuição superior de todos os interêsses e porque obedeceu ao génio próprio, às suas mais íntimas e puras virtualidades.

Assim realizaram profundamente, e sem o di-

zer, o culto da Tradição. Êstes são os iniciados: adoram a essência. Os outros, que proclamam êsse culto a cada passo, e se dizem seus detentores, são os profanos: degradando-se ao fetichismo, prosternam-se a um manipanço.

Assemelha-se a tradição àquela Fénix da fábula. Quando o corpo está decrépito, antes que a morte venha, procura por seu alvedrio incendiar-se com a antecipada certeza de que renasce das cinzas. O antigo corpo — êsse ardeu; mas o princípio activo reencarnou. Por isso os que a adoram na sua velha e primitiva forma dão-se a ilusão de certos sentimentais que, em memória do seu canto antigo, conservam a ave empalhada debaixo duma redoma.

Não nos esqueçamos: viver é progredir; mas demos ainda ao berço alguma coisa do túmulo.

A esfera armilar continuará a ser na bandeira pátria um símbolo de ansiedade infinita e de domínio sôbre a terra. O contrário seria renegar séculos de história. Mas deixe de atestar apenas um passado de violência e conquista. Que se dilate e inscreva, à chama das duas côres da vida — o viço da Terra e o sangue do Homem, na ânsia ilimitada em que elas pulsam.

Dominámos o Mundo pela superfície? Afundemos-lhe êsse domínio até ao coração; e a mão, que pesou sôbre êle, ajude agora a libertá-lo.

Junho de 1916.

11 de Abril: — Tomada de Kionga. Era tempo para uma hora de agitação e desafôgo.

Em Maio a mobilização; e agora concentram-se e exercitam-se as tropas em Tancos.

É pouco? O suficiente por agora para atizar a fogueira e alimentar a grande labareda.

Todavia há quem afirme e deseje ainda a vitória da Alemanha. A propaganda germanófila continua a fazer-se descaradamente. Antes da declaração da guerra vendiam-se em Portugal 30.000 exemplares por mês do *A. B. C.*, revista germanófila da Espanha. Diz-se que a venda diminuiu. Será. Mas vêm-se ainda por aí às dúzias os velhos fregueses deliciando-se na sua leitura.

Alguém, um médico ilustre, neutro em matéria política, a crer nas suas afirmações, mas germanófilo a atentar-lhe nas palavras, revelou-me em conversa como quem enuncia uma hipótese as esperanças *dêles*. À minha afirmação de que a vitória da Alemanha seria a nossa ruína e possivelmente a perda da independência: — Que não. À Alemanha também não convêm que a Espanha realize uma hegemonia peninsular. Não. Ela vence. Restaura-se a Monarquia; colocam no trôno um príncipe alemão; e nem ao menos nos tiram as colónias. Alguns cortes no mapa da Europa.

Talvez profundos. Mas deixarão o suficiente para um príncipe germânico se criar uma ilusão de império.

Sim. Deve ser a solução conjecturada.

E esta gente não pára; não desanima. No escuro vão furando sempre. Há pequenas coisas denunciadoras.

E que faz o govêrno? Porque não aproveita a primavera das almas para lançar a bôa semente?

Oh! por mim não se dirá que não cumpro o meu dever. De combinação com o Ministro da Guerra escrevo a *Cartilha do Povo* para o soldado. Mas o plano fica em meio. Por minha culpa? Não.

Mas como tenho um lugar no Parlamento, é ali que me cumpre falar. A 20 de Maio faço a minha interpelação sôbre a política geral do govêrno; e neste caso particular dirijo-me ao snr. Dr. António José de Almeida dizendo:

«Até agora não vejo que o govêrno tratasse de fazer a propaganda dos nossos deveres militares. Dir-se-ia que v. ex.^a está convencido de que uma única palavra sua, espécie de *Fiat* jeóvico, bastará para levar os nossos exércitos à guerra. Se nos convencemos de que o nosso povo está desde já resolvido a todos os sacrifícios pela Pátria, vivemos num engano. A idea da nossa cooperação militar, em qualquer dos campos da batalha, como necessidade nacional, que de facto é, ainda não entrou completamente no espírito público. Dizia

Michelet que nos povos uma idea apenas se torna em fôrça e actividade quando incubada pelo sentimento e fecundada pela fôrça do coração. Dêem-se, pois, àquella ideia, por uma larga propaganda, todos os estímulos affectivos: explique-se ao povo que êsse facto importa à nobreza do nosso nome, à dignidade nacional e que o exigem tôdas as necessidades materiais e morais. Enquanto o govêrno se esquece de a fazer, faz-se por todo o Portugal a propaganda contrária. Sabe v. ex.^a o que fizeram os outros países, quando entraram na guerra? Eu apontarei algumas das fórmãs que ali tomou a propaganda do govêrno. Na Inglaterra, o govêrno de S. M. Britânica foi até à propaganda pelos cartazes illustrados afixados nas paredes e o generalíssimo Roberts, a mais culminante figura de então no exército inglês, dirigiu às crianças das escolas de todo o Reino Unido uma mensagem em que lhes explicava as causas, as vantagens e a nobreza da guerra em-que a sua Pátria ia entrar. Na França, o govêrno da República criava o *Jornal dos Exércitos*, para leitura dos soldados, e ao lado dos mais illustres artistas franceses, os membros do govêrno, com Viviani à frente, foram dos primeiros a escrever para os *poilus* gauleses palavras de confiança, de incitamento e carinho. E na Itália, Gabriel d'Anunzio, junto ao pedestal da estátua de Garibaldi, rodeado dos membros do govêrno italiano, prégava aos soldados o evangelho das altas virtudes cívicas e o seu verbo de fogo des-

dobrava ao vento os guíões da batalha. Aqui, onde não existe a mesma educação cívica, numa nação que ainda hoje sofre do esgotamento causado pelas espantosas emprêsas doutras eras, v. ex.^{as} não começaram essa propaganda. Pois até no período do nosso heroísmo, quando nos ocupava e se realizava a temerária emprêsa das Índias, D. Manuel mandava cartas às suas vilas e cidades, explicando as vantagens de tais e tão perigosos empreendimentos. Em todos os países e em todos os tempos foi necessário para boa marcha dos negócios públicos uma estreita solidariedade entre governantes e governados. Essa necessidade avulta nas democracias e torna-se indispensável para a realização de factos como aquele que hoje o nosso brio nos exige. Essa solidariedade deve estabelecer-se com mostras da mais carinhosa atenção por parte do govêrno. Que o nosso soldado saiba por que motivos sagrados é que lhe exigem sacrificios e que tenha também a certeza de que o seu govêrno, enquanto êle combater, vela carinhosamente pelas suas famílias. Só assim se estabelecerá o estado de graça e de fé que nos leve à luta e à vitória.»

Sente-se essa necessidade. É mister desde já levar por tôda a parte o facho que apenas alguns trazem nas mãos.

A fé é o primeiro postulado da vida para o homem e para os povos. E o homem só por êsse esforço sublime ultrapassa a sua estreita animalidade.

Se esta excedência é necessária aos indivíduos é imprescindível para os povos. Ai dos que não crêem num grande destino! Uma Pátria, um povo que não ilumine a hora que passa com a visão do Futuro não se impondo uma alta missão, a si mesmo se condena à morte.

E todavia há factos reveladores de que êste grande esforço mergulha as raízes no que há de mais belo no passado. Portugal confia no seu destino, e volta os olhos suplicantes para as suas divindades gentílicas.

Outrora, à partida das naus, dirigiam-se as procissões e as preces a Santa Maria de Belém. E ao surgir dos grandes feitos ou dos grandes homens, os olhos do povo viam aparições de milagre, os altos sinais reveladores cheios da fôrça do Destino. Hoje é a multidão que invade os templos, e a Pátria reza a S. Camões a maior divindade lusitana. Já Lisboa fizera do dia de Camões o *Dia Santo* da cidade, mas ei-la organiza agora a sua procissão. Lá passa o cortejo: carros alegóricos, figuras evocadoras, palmas, abadas de flôres aos pés da estátua do Épico . . .

Mas há uma parte da nação que não vive êste culto. Não o vive porque desconhece tanto o bardo como o épos. É o sonâmbulo povo das aldeias, o povo sem letras e sem cultura que não seja a cristalização moral dos aforismos, das cantigas, das lendas seculares.

Também êsse povo, a seu modo, numa flora-

ção misteriosa de instinto, nos põe a alma às claras. Dizia, há dias, um jornal de província que em terras de Coímbra e seus lugares vizinhos se afevorava o culto pela Rainha Santa e que entre o povo corria a voz de que ela aparecera no caminho, a um batalhão de mobilizados, anunciando-lhes a vitória. As rosas da lenda, que Santa Isabel dava em abadas aos pobres, voltam a florir secretamente no coração do povo. Também êles, os rudes cavões portuguezes e as ingénuas mulherinhas das aldeias, vestem de flôres a velha espada das nossas épicas façanhas. Não; êles não conhecem Camões. Mas sabem de cór a história da Santa das Rosas. E sôbre o crepúsculo da sua fé e amor pátrio acenderam, num sorriso, aquela estrêla de milagre.

Porque não hão de semear de estrêlas a sua infinita sombra, que palpita em desejos de luz?



Hernani Cidade.

O PALÁCIO NA LAMA

Setembro de 1916.

«A propaganda pelo facto é sempre a melhor», tinha-me respondido o snr. Dr. António José d'Almeida, a quando o interpelára. Há dois homens, um dos quais pertence ao govêrno, que encararam esta idea: o ministro da guerra Norton de Matos e o comandante da Divisão Naval, Leote do Rêgo. São duas fôrças. Duas tremendas vontades. Devido a êles a nossa participação tem já teatro, o que é indispensável para a multidão. O Povo só aprende olhando.

A 2 de Julho foi a parada das Sociedades de Instrução Militar Preparatória. Norton de Matos, o general Pereira d'Eça e o seu estado-maior assistem ao desfile, junto à estação central dos caminho de ferro. O Chefe do Estado e o Chefe do Govêrno, com outros dos seus membros, estão na larga varanda do *Nacional*. A multidão delira. É um reboar de vivas e aclamações.

Depois é o corpo de marinheiros, que desfila nas grandes artérias da cidade. O comandante Leote do Rêgo passa em revista.

E os senhores já viram o carinho que o nosso povo tem por essa rapaziada de blusa e boina? Não sabem porquê? É o melhor espelho da Raça para um português se mirar.

Agora temos melhor: é a 22 de Junho, a grande parada de Montalvo com as fôrças que se tem exercitado em Tancos. Lá estão na larga tribuna, ao lado do Chefe do Estado, os membros do govêrno, os presidentes das Câmaras, os ministros e os adidos militares estrangeiros, assistindo ao desfile dos 20.000 homens, que ali tiveram os seus três meses de aprendizagem. Uma aura viva de esperança refrigera a sêde de todas as almas. O exército ressurgue. E depois seguem-se sem interrupção os exercícios finais dessas tropas, emquanto a marinha de guerra realiza, também com a assistência do govêrno, os seus exercícios de combate.

Mas pouco antes Afonso Costa e Augusto Soares chegaram da sua viagem à Inglaterra e à França. Por toda a parte magnificamente recebidos. A 7 de Agôsto os dois ministros anunciam à Câmara o resultado dos seus trabalhos no estrangeiro. Grande sessão solene a que assiste o Chefe do Estado e os ministros aliados. Já não há dúvida. Vamos entrar em guerra.

A Inglaterra presta-nos o seu concurso finan-

ceiro para podermos entrar eficazmente na luta. E quanto à nossa entrada na guerra o governo inglês reconhece plenamente a lialdade de Portugal e a assistência que já lhe está dando e «convida-o a uma maior cooperação militar ao lado dos aliados na Europa».

E, dias passados, manhã clara de Agosto, o *Suffolk* e o *Narcissus*, da armada britânica, fundeiam no Tejo: veem saúdar Portugal. O contra-almirante Yelverton e os seus oficiais, os correctos *gentlemen* de bordo, atravessam a multidão efusiva, por um dia de brasas, e lá vão saúdar o Chefe do Estado ao Palácio de Belém. Uma visita rápida — não há tempo para recreios — a Cascais e a Sintra; um almôço de marinheiros ingleses e portugueses no Castelo da Pena, ao ar livre; aclamações e abraços, *shake-hands*, e êles lá voltam para a sua faina. Dois belos dias!

Chegam depois as missões militares inglesa e francesa para concertar assuntos que dizem respeito à nossa cooperação ao lado dos aliados. Vamos então entrar em guerra. Já não há dúvidas. Devem, pois, ter acabado os manejos que procuravam inutilizar o nosso esforço. Qual? Vão vêr. Muito pelo contrário. O próprio governo, reconhecendo a necessidade urgente de fazer a propaganda da guerra, resolve iniciar uma série de comícios junto aos grandes monumentos nacionais. Pelos vistos dão-nos razão. O primeiro dêesses comícios realiza-se na Batalha. E lá falam entre outros o

Dr. António José de Almeida é Afonso Costa. Resultado: o povo aplaude. Êle comprehende sempre, porque não está contaminado. Mas a propaganda contrária recrudesce. O que aí vai agora a propósito da pena de morte! Sob a capa do respeito pela vida humana ataca-se o govêrno violentamente. Contra a pena de morte reúniram-se todos os que teem combatido a nossa intervenção na Europa. Foi aprovada afinal sómente em caso de guerra com país estrangeiro e apenas no teatro de guerra. Mas a opposição foi tal que durante a sessão no Parlamento se distribuíram nas galerias papelinhos escritos à máquina cheios de insultos e insídias e com um incitamento claro ao assassinato dos *bandidos* que querem a pena de morte. O papelinho no género é perfeito. Aquilo vem de alto. É uma canção de ódio. Cada período, a geitôs de estrofe, depois de apontar os criminosos à sanha popular, termina regularmente por êste ritornelo, bradando a voz de matar: «Fogo! Fogo! Fogo!»

O ministro da guerra, por seu lado, não pára. Nos fins de Setembro Lisboa anima-se com a passagem de tropas, automóveis, viaturas militares: é a mobilização da 1.^a divisão que vai exercitar-se para as linhas de Tanços. Mas o fermento da desordem já lavrou nas mesmas tropas. Parte dum regimento de Lisboa, não sei a que pretexto, insubordina-se. O general Pereira de Eça, homem de rápidas decisões e processos rudes, sufoca tudo prontamente.

Mas afirma-se que tudo isto é um *conto do vigário*. Já se diz que o govêrno não terá coragem para continuar com os comícios. Cobrem aquilo de ridículo. E começa-se a descrever geralmente da ida das nossas tropas para a França. Tudo comenta, insinua, segreda, baralha. E agora vá de chacota. São as revistas que jogam *piada*. Por exemplo, venham aqui ao *Eden* e ouçam o fado do *Ganga*. Vale a pena: venham. O *Ganga* é o carroceiro afasditado desta Lisboa gingona. Foi arrancado à rua. É assim mesmo. Sem tirar nem pôr. Cheira ainda a alcouce e a cavaliariça. Então o Amarante delicioso no papel. Vem a matar: calças justas, blusa azul arremangada, a faixa na cinta descaída à banda, o boné atirado pra a nuca, e sôbre a gorja núa um carão deslavado a respirar insolência. E o que êle canta e diz! Gaba o grande sistema nacional da lambada. É aquilo dito em calão, sublinhado pelo guisalhar do macho, muito rufia, muito refileão, muito português, é de enternecer. Aí vem êle a gingar, a prisca entalada nos dedos e o chicote caído do sangradoiro. O público sorve-lhe as palavras e os gestos. Canta:

*E quando chegar o dia
Em que a gente fôr p'ra guerra.*

Vai o macho e põe-se a guisalhar.

Ai! ó! sempre estás c'uma pressa!

E a multidão ri. Ri . . . E cada um, ao voltar a casa vai dizendo com os seus botões que afinal talvez o *Ganga* tenha razão . . .

Dezembro de 1916.

Vencer numa arrancada, sem preâmbulos, à doida — amigos, que ideal!

Agora que se passem oito ou dez meses na instrução de soldados, em compras de material, criando oficiais — a improvisar um exército, no máximo de segurança e método possível com estes nervos e o desarranjo anterior — oh! isso é insuportável. Se fôsse questão de uns oito ou dez dias a resolver, vá, tolera-se — com todos os diabos! — Mas assim: um rôr de meses, um ano, uma eternidade. Sabe-se lá!

E muitos cançam, duvidam, verberam . . .

Não obstante a preparação lá segue.

Verdade, verdadinha, ninguém estava acostumado a trabalhar. Oficiais de gabinete, habituados ao ronronar burocrático, comandam uns, ao sol e ao vento, e outros vêm-se a braços com trabalho. Adivinha-se um arquejar imenso e aflito. É o arrancar duma locomotiva enferrujada. E aqui, alêm, no tumulto da obra, dentre a poeira levantada pelo formilhar das gentes, surgem a pouco e pouco caras de homens, arrugadas de energia,

vultos ásperos de construtores, ofegantes, absorvidos na grande faina.

Hão de ver: esta guerra vai abrir uma escola de vontades e caracteres. Dentre a caótica massa humana erguem-se já algumas figuras nítidas. Por enquanto são escorços a carvão, máscaras em três vincos, — olhos fitos, bôcas premidas, masseteres obstinados que se contráem.

Já as escolas de oficiais milicianos deitaram cá para fóra algumas centenas dêles, em Lisboa e Pôrto. Aqui na Lísbia, a rapaziada sempre avara nos louvores aos mestres (Meu Deus! com que razão!...) é ouvi-la falar dum deles: tem extremos de carinho. À uma, todos o incensam. Êsse homem raro, pois alcançou o respeito unânime dos alunos, é o tenente-coronel Pereira Bastos, director da Escola.

Ouçó, no acaso das ruas, discipulos seus de todos os credos políticos: sempre o mesmo culto desvanecido pelo mestre. Desvanecido, sim! Orgulham-se dele! E eis como o pintam. Claro e insinuante na cátedra, do mesmo passo atencioso e enérgico fóra dela, imperturbáavelmente calmo e correcto, conseguiu numa terra de maldizentes e scépticos, veneração para si, um alto respeito para a sua nova missão e, no pior dos casos, que se aproximassem da República.

Em obra tamanha, a influênciã moral dum verdadeiro mestre, como êste, perdura no tempo e a distância. Vamos ter uma guerra de milicianos,

lembrem-se disso. A memória das suas palavras há de inspirar mais tarde muito acto nobre e heróico.

E os exercícios continuam. Enquanto a 1.^a Divisão se prepara nas linhas de Torres, mais 10.000 homens se concentram em Tancos.

Oh! e os risinhos de certa gente, porque o Dr. Afonso Costa assistiu, montado num cavalo, em companhia do Ministro da Guerra, ao desfilar dêsses milhares de homens, ao findar os exercícios... O Afonso Costa a cavalo... Hão de concordar que é de morrer a rir! Pois é certo: meia Lisboa disse a sua gracinha.

Há espirituosos que levam tudo isto de troça. Muita gente começa mesmo a convencer-se de que não estamos em guerra. Que importam os avanços das nossas tropas em território inimigo, no Leste Africano, agora um êxito, logo um re-vez? Coisas nas colónias.

Também a *Ibo* foi atacada por um submarino. Veem os periódicos e dizem que à entrada do Tejo os navios da nossa divisão teem rocegado e feito explodir minas dos *boches* e êsse trabalho é inçado de perigos e extenua. Tudo isso, afirma-se à bôca pequena, são cantigas do Leote, para mostrar serviços. Um grande número dêstes detractores fala apenas pela preocupação da esperteza. É vezò do indígena. A êles, ninguêem os engana. Outros... Outros lá teem as suas razões e aproveitam o ambiente.



No páteo duma *ferme* na Flandres



Desta vez no Funchal sempre foi mais sério. Um submarino afunda a canhoneira franceza *Surprise*, o transporte *Kangaroo*, da mesma bandeira e o navio inglês *Dacia*, ancorados no pôrto. Umas cincoenta granadas sôbre a cidade em duas horas de combate com a fortaleza da terra, alguns edifícios escavacados, umas dezenas de mortos, vários feridos.

Mas foi na Madeira. «Aqui, sossegam êles, tenham a certeza: não querem atacar de propósito». O diabo o jure. E as mesmas bôcas escarninhas e scépticas falam agora de grandes escândalos com navios e compra de material. Dizem até, com ar misterioso, que não vai ninguêm: Haverá em tudo isto um plano? Seja como fôr, vão partir as primeiras tropas por êstes dias, segundo os jornais afirmam.

E uma bela manhã, um pouco tarde (eu tinha assistido a um ensaio geral que deitara pela madrugada) ao entrar na Câmara vejo gente a descer com o ar desocupado de quem regressa. Caras de caso.

— Que há? interrogo ao primeiro.

— Uma revolução!...

— Onde?

— Não se sabe bem... em Tomar, ou coisa assim...

— Não acredito. Pode lá ser! Pois agora que as tropas iam partir...

— Já lhe disse. O Governo não vem e naturalmente não há sessão.

Mais gente que chega. Grupos, informes. É o Machado dos Santos, esclarecem. E desconfia-se que mais êstê e mais aquele. Já partiram tropas.

Afinal tudo acabou sem um tiro. O movimento gorou e liquida com episódios grotescos.

Mas como se prenderam alguns parlamentares, na Câmara interpela-se o govêrno com violência desesperada, e quando as interpelações se dirigem ao Ministro da Guerra os ataques são a matar. Na sombra apertam aquele homem num círculo de ódios. O movimento foi vencido, é certo, mas é voz geral que estavam comprometidos nele centenas de oficiais.

Foi vencido, mas a atmosfera não ficou limpa. Apontam nos confins do ceu algumas daquelas nuvens floconosas, amarelo turvo, que dias a eito, ao capricho dos ventos, ora se escondem, ora se amostram, até galgarem de lá, pesar sôbre a terra e despedir o raio.

Creio que o govêrno também sondou os astros.

É o caso que uma noite destas, estando no *República*, o snr. Dr. Afonso Côsta chama-me ao telefone. Se no dia seguinte podia ir a sua casa às tantas. Pois não. E fica combinado. Vou. O govêrno reconheceu a necessidade de fazer uma larga obra de propaganda da nossa intervenção. E para isso pensou em criar uma revista em que

colaborem políticos e artistas, repartindo-se em números para o povo, para os soldados, para o estrangeiro. Será quinzenal ou semanal, conforme as necessidades. Grandes tiragens. O govêrno convida-me para a dirigir em colaboração com o snr. João da Rocha. Farei o que puder, enquanto não partir. Hei de ter ainda uma conferência com o snr. Dr. António José de Almeida para assentar minudências.

Ao sair, descendo a Avenida, revolvo o caso, peso as responsabilidades daquela incumbência. A leve inquietação que há dias sinto, pulsa-me cá dentro num ritmo mais célere.

Porque não continuou o govêrno com os seus comícios? Porque não resolveram esta obra desde mais longe, desde o princípio, matando assim com lufadas de ar puro os gérmens da podridão?

Março de 1917.

Já temos tropas em França. Desfez-se o pesadelo.

Ah! quanto isto custou! O homem que hoje dirige a rude faina militar, posso afirmá-lo, provou horas terríveis de amargura.

Os senhores sabem — estas coisas sabem-se sempre: em dois regimentos, oficiais houve que, na hora de sair dos quartéis...

Não. Calarei o resto: a horrível verdade. Mas ali, como sempre o povo foi o maior. Em Portugal é sempre assim. O que lhes disseram! Como os soldados viram tôda a verdade! E marcharam sem hesitação... Passavam por cima do pântano e lá foram.

Em Janeiro os primeiros barcos seguiram. O Presidente da República com os ministros da guerra e das finanças foram visitar a bôrdo os expediçionários. Fui lá ter para sondar as almas de perto. Subo aos navios. Os soldados bem. Riem, aclamam, dão palmas num ou noutro barco. Dos oficiais alguns, os conhecidos, veem ao nosso encontro com alegria e emoção. Outros, e são muitos, em frente dos visitantes, perfilam-se, hirtos e impenetráveis. Por trás das caras de pau sente-se todavia a hostilidade.

Ainda não compreenderam. Esperemos: muitos hão de compreender e resgatar-se. Ficam ali no Tejo longos dias à espera da partida: dificuldades da última hora, pormenores a resolver, o receio às noites de luar, não se conhece ao certo... De súbito partem sem ninguém saber.

Por acaso assisti ao abalar do segundo grupo de transportes.

— Fins de Fevereiro: um dia de primavera precoce. Côrro a Baixa ansioso por encontrar um amigo que vai partir. É o poeta e oficial Augusto Casimiro. Chamado ao seu regimento, regressou na véspera, e sei que póde partir dentro dalgumas

horas. Tôda a manhã o procuro na aflição de o não poder abraçar à despedida. Além dos laços muito íntimos que nos ligam, Augusto Casimiro é dos que mais desejaram a hora da partida e do sacrifício, e partem com orgulho e alegria. Quero vê-lo, pois, nesse supremo instante. Por fim um pródigo acaso faz-nos encontrar em plena rua. Abraçamo-nos e seguimos. Mas alguêm nos previne que daí a três horas os transportes largam barra-fóra. Tem apenas o tempo necessário para fechar as malas, dar o último abraço aos seus, e seguir para bordo. Tudo feito, voamos de automóvel para Alcântara-Mar.

Tarde suavíssima no caminho de Abril. O Tejo róla safira e oiro. Para a barra nuvens alvas mergulham como ondinas na volúpia do Mar. E as gaivotas que pairam, sobem e descem, numa alegria bárbara, debuxam no ar com as asas trémulas a largada antiga das frótas e evocam na grita áspera os evoés da maruja que partiã à Descoberta.

Encostados ao cais mergulham em fila os transportes. E junto dos leviatans de ferro, em cujo ventre enorme vão seguir alguns milhares de soldados, agita-se uma vária multidão, queimando-se àquela hora no brasido do sol e das paixões. Como as pontes ligam ainda os navios à terra, muitos soldados enxameiam entre as mulheres, os marujos e os carregadores do cais. Há lágrimas, abraços, olhos atados em êxtase, e uma alegria

doida no rôsto dos que vão. À pressa ainda chegam carros pesados de carnes e hortaliças. Braços musculosos despejam tudo dentro dos vastos cestos presos aos guindastes. Guincham as rodas girando; a longa haste de ferro ascende; e a mancha das carnes rasga o ar numa ferida sangrenta té descaír ao ventre do monstro.

Ao aproximar-se a hora extrêna, uma angústia revolve e crispa a multidão. Redobrou o falar das gentes. Apêlos, gritos, silvos, pregões e sons metálicos — o *brouhaha* dos homens e das coisas, tocado de febre e sofrimento, ensurdece e excita. Os soldados, na comunicação violenta dos peitos, abraçam todo o mundo. Olho-os de perto com enternecimento. Não há um único rôsto triste. Antes uma alegria generosa e bárbara, que lhes brota da profunda consciência da sua missão, radia das suas faces, enaltecendo-lhes as rústicas figuras de cavões e zagais. Um mais alegre concita o bando dos camaradas a ir ali perto beber um gole. E o Poeta serenamente chama-o e diz-lhe:

— Nem tu nem os teus companheiros devem beber mais vinho. Estás alegre e bem disposto como um homem que parte a cumprir um grande dever. É assim que deves estar. É com essa e não com a alegria do vinho que deves abalar. Peço-te que não vás nem leves ninguêem mais a beber. E tu sabes que eu só quero o que é direito.

E o soldado logo aquiesce. Comunica aos ou-

tros e todos concordam. Mas eis que chegam as vendedeiras ambulantes de laranjas. Os soldados esvaziam os cestos. O Poeta come também sôfregamente os últimos frutos de Portugal. Está magnífico. Uma iluminação íntima esplende-lhe no rosto. E é tão forte, tão poderosa a alegria heróica a desbordar-lhe a Alma, que eu a sinto directamente na minha, já que a sua bôca também balbucia apenas um entusiasmo quási infantil.

Chegou a hora. Os soldados sobem à pressa para o navio. Aperto ao coração o amigo que vai partir e despedimo-nos. Agora levantaram a ponte. Os apitos de bordo silvam, e um velho oficial da marinha inglesa brada as vozes de comando. Alguns soldados retardatários, suspensos no gancho do guindaste, que os leva pelo ar, ainda conseguem entrar no navio, e os companheiros riem e batem as palmas àquele novo espectáculo. Já o monstro lentamente, movendo o vulto imenso, começa a afastar-se do cais. Abre-se então um pequeno silêncio. Um arrepio angustioso, e heróico passa nos peitos. Uma noiva, alta e elegante, que esteve horas de pé, no cais, olhando o noivo que parte — um jovem oficial — deixa agora correr as lágrimas em silêncio. A soldadesca está tôda na tolda, olhando — quantos! — pela derradeira vez a terra sagrada da Pátria. Nas faces caladas daqueles homens incultos dos campos e dos montes há um momento de grave serenidade. Apenas um soldado, um único, talvez alguma pas-

toril e saúdosa alma de Bernardim, que olhava de olhos parados a terra, tombou a cabeça sôbre a amurada e desatou a chorar ansiadamente. Mas dois oficiais clamam aos camaradas que o rodeiam:

— Tirem daí êsse homem que está a chorar como uma mulher!

E o pobre, envergonhado, limpa as lágrimas e sorri. É a única discordância que perturba aquele silêncio de instantes. Porque logo, começando de bordo e secundado em terra rompe um côro formidável de gritos: Viva a Pátria! Viva a República! Abaixo a Alemanha! À uma, sôbre o convés do navio a multidão dos soldados, num delírio sublime, bate as palmas e aclama a Pátria querida que leva no coração. Durante minutos acenam lenços e estrugem aclamações.

Ao alto, na ponte do navio direito ao Mar, já longe, o Poeta agita o barrete e grita também. No cais as mulheres choram e limpam as lágrimas em silêncio. Só uma delas, mulher do povo, mãe de certo, com a face crispada duma saúdade aflita, repete incessantemente, entre soluços, numa voz lancinante, êste belo grito:

— Adeus, amor! adeus, amor!

Já distantes, os navios afogam-se na bruma violeta da tarde.

Vão-se e eu entro de novo na cidade. Sózinho e alheio à turba, penso naqueles que deixei. Mal entrevêm no fundo das suas consciências a gran-



Belfroi d'Armentières

deza augusta da obra a que os chamam, mas dão-se-lhe com todo o sangue e fogo das suas vidas e com uma tamanha exaltação de júbilo, que os diríamos a caminho da festa, da bôda, do arraial, do melhor dos seus ingénuos prazeres. Estes — eu sei — hão de vencer, porque levam em si a Pátria. O que ali vai, alegre, tumultuoso, gritante, é um pedaço vivo da terra, do coração de Portugal. De súbito encontro um conhecido. Vá de lhe dizer num sagrado alvorôço as emoções que trago em mim: a grande fé na estrêla de Portugal, a sublimidade da hora que passa e o desejo ardente de ir juntar o meu ao esforço dos milhões de homens que lá ao longe com as mãos fortes e ensanguentadas erguem o Futuro melhor. Não me entende. A sua bôca devoradora e grossa, os seus olhos, onde uma pálpebra mole descái, abriam-se de pasmo. Que não, não sente, não compreende o anseio dos que desejam partir para a batalha horrível. E lentamente, com surda e agressiva irritação, enumera as razões, as vantagens e os direitos de ficar. Sinto a bôca tímida de brutalidades. Mas calo-me. E, sem dizer palavra, despeço-me.

Sigo. Mais adiante é um janota que diz para outro «o perigo em que está de o chamarém, a estopada de ter de marchar também.» E logo a seguir um homem grave e douto perora com o dedo pendente no ar «que os pequenos povos não devem entrar na luta das nações gigantes, que

a defesa da civilização compete às nações mais fortes» e outras sábias razões ainda.

Então na sombra da minhamágua a cende-se uma certeza súbita. Êles vão dar-se as mãos. São de origens, de tendências, de educação, as mais diversas. Por agora alguma coisa os une: a solidariedade do ódio ou da baixeza. Vão ligar-se. E depois? Eu sei... Lembro-me dos animais que à beira dos charcos erguem construções de lama. E pressinto que o edifício da guerra assenta sôbre a vasa mole.

LUTA INGLÓRIA

Junho de 1917.

PASSO a passo, inevitavelmente, caminhamos para um desastre interno. A última crise política solucionou-se a favor dos inimigos da guerra. Um ministério partidário nesta conjuntura não pode governar em Portugal.

É o mais desastroso êrro político para a vida nacional.

Primeiro defeito saltando aos olhos: a organização do ministério. Alguns daqueles nomes nem os mesmos partidários julgam neste momento com arcaboço para investidura tamanha. O Presidente do Ministério tem a atenção focada sôbre tão alto escôpo, que não enxerga as misérias cá de baixo. Nem o suspeita, estou em crer. Do contrário não se julgava com abastança para substituir a pouquidade governativa dalguns dos seus colegas. Ao menos os nomes dêsses ministros deveriam conciliar o maior número de simpatias públicas. Desde logo se oferecia mehos corpo ao ataque.

Não aconteceu tal, e compondo-se o ministério com alguns nomes excelentes, outros ali há dos que mais irritam uma boa parte da opinião.

E assente, por hipótese, a necessidade dum ministério partidário, dado que ao partido democrático caiba governar neste momento, iremos descreditar com o organismo político que mais defendeu a guerra a própria obra da nossa participação.

— É o mais forte, — dirão. Nós vamos mais longe. É a grande fôrça organizada da República; constitui, por assim dizer, a sua coluna vertebral. Atirar-lhe golpes é, além de prejudicar aquela alta missão, atacar a própria estabilidade do regimen, no seu eixo vital. Exagêro? Onde o govêrno capaz de solucionar pelo menos os problemas de urgência? O equilíbrio na vida económica nacional desfez-se de há muito e não há quem tenha a fôrça de promulgar as medidas radicais que o refaçam. Resultado: já em Maio êste govêrno houve de vencer um conflito muito grave e novo no género: os assaltos em massa aos estabelecimentos de víveres, qualquer coisa como a revolução da fome, mas com plano e organização secretas. Desmandos, violências, mortes, suspensão de garantias. O governo teve de empregar a fôrça; e êsse facto acarreteou-lhe fortes antipatias nas classes populares. Mais um desastre a somar-se a uma longa série deles, pouco a pouco acumulados.

Nós prêgamos nõ Parlamento a necessidade

de estabelecer entre governantes e governados a mais estreita solidariedade. Um dos meios a empregar seria a propaganda. O govêrno chegou a reconhecer essa necessidade, mas tarde. Pois nem mesmo assim teve fôrça de a utilizar. A projectada revista que eu e João da Rocha fôramos chamados a dirigir, nunca chegou a aparecer. Em parte por incúria do govêrno e maiormente porque os factos começam a pesar mais que a vontade dos homens. Como pode, pois, um govêrno partidário, seja qual fôr, estabelecer agora essa solidariedade com a nação?!

Agora que deixaram desorientar a opinião pública?!

— As fôrças que se opõem ao govêrno não teem valor.

Não tem cada uma de per si, para uma acção definitiva. Mas unidas, sabe-se lá? Entrem em linha de conta com um povo cançado, faminto e por demais desorientado.

Dentro do partido democrático e particularmente no seu grupo parlamentar, muitos homens começam a ver o perigo. Nós pertencemos a êsse número. De princípio hesitamos em dizê-lo claramente na reunião do govêrno com os parlamentares. A prosápia partidária, as hegemonias criadas, a passividade de muitos hão de lhe opor-se. Depois, aparecem logo a insinuar-se: indisciplina, traição, ambições. Mas a consciência do dever afronta a idea das possíveis suspeitas que hão de

lançar sôbre nós dentro do próprio partido. E pouco a pouco o pensamento ganha forma. Nasceu na própria Câmara dos Deputados duma conversa entre mim, José Ferreira da Silva e António da Fonseca. Assistia um amigo comum — o jornalista Herculano Nunes, redactor da Câmara dos Deputados, que, entrevendo a mesma verdade, apoiava as nossas intenções. Aí assentamos em que se devia entregar ao chefe do govêrno um documento enunciando em poucas mas firmes palavras as nossas reclamações e propósitos.

Sabíamos pelas conversas dos Passos Perdidos que muitos outros deputados dentro do partido eram da mesma opinião: João de Deus Ramos, Ramada Curto, João de Barros, Artur Leitão, Francisco Trancoso, Sousa Rosa, Alberto Xavier, João Camoesas, Lúcio de Azevedo, etc., etc..

Houve uma reunião em casa do António da Fonseca, a que assistiram alguns deles, e aí ficou assente entregar ao Dr. Afonso Costa uma mensagem expondo e fundamentando claramente as nossas disposições e assinada por todos aqueles deputados. Excluir-se iam apenas, e de propósito, os nomes dos dois marechais que na ocasião discordavam da conduta governamental, mas que podiam dar ao nosso movimento, com a sua chancela, um carácter de scisão partidária, falsa idea, que sistemáticamente importava arredar. Eram êles o Dr. António Macieira e António Maria da Silva.

A mensagem, que chegou a estar assinada por vinte e tantos nomes, rezava assim:

Ex.^{mo} Sr. Presidente do Ministério:

Os deputados signatários, reconhecendo a grave situação política e económica, traduzida pelas queixas, reclamações e inquietações da opinião e da imprensa, convencidos da necessidade de obter a confiança e a cooperação da maioria do país, para atender às urgentes preocupações do momento e assentar as bases do ressurgimento nacional, cuja aspiração é para todas as angústias presentes o alento e a fôrça; certos de que só no respeito da verdade e da livre opinião pode a democracia portuguesa encontrar as soluções úteis aos interesses nacionais; veem comunicar a v. ex.^a que estão no decidido propósito de apoiar o seguinte programa político:

Constituição imediata de um govêrno nacional em que sejam representadas, quanto possível, as correntes partidárias e as classes produtoras, de modo a assegurar às medidas governativas o apoio daquelles a quem compete a sua realização.

Esclarecimento público por parte do govêrno, de um modo sistemático e quanto possível completo, das questões nacionais, como base indispensável da colaboração

de todos e justa condição dos necessários sacrificios.

Estudo e revisão dos problemas actuais, particularmente no que respeita ao esforço militar português e às garantias ou compensações internacionais correspondentes, em harmonia com a necessidade imprescindível de assegurar a vida financeira do país e de promover, desde já e mesmo à custa de imediatos sacrificios financeiros, o seu desenvolvimento material e moral.

Ao fazer a v. ex.^a esta comunicação, julgam os deputados signatários cumprir o que nêste momento é o seu mais imperioso dever; e tão evidente que supõem adquirida, para os fins superiores que se propuseram, a cooperação de todos os que, como v. ex.^a, inspiram os seus actos no interesse supremo da Pátria e da República.

Lisboa, 15 de Junho de 1917.

Como êste documento tinha um ar de cominação delicada, na previsão extrema dum conflito aberto no próprio Parlamento, resultando numa divisão de opiniões, um dos deputados signatários encarregara-se de sondar os unionistas sôbre a possibilidade de se formar aquele govêrno nacional com a sua cooperação. Não era nosso desejo atingir aquele fim por tão violento meio, mas, se o conflito das opiniões lavrasse até aquela assem-



O Cristo de Neuve-Chapelle

bleia, e que outrem o aproveitasse para uma moção de desconfiança, redundando na queda inesperada do govêrno, melhor seria prevenir a tempo os inconvenientes que uma crise súbita poderia acarretar... E o António da Fonseca conversou longamente com o sr. José Barbosa nos corredores da Câmara. As impressões colhidas, ao que parece, não eram boas.

O snr. Dr. Afonso Costa, por certo informado dos nossos intentos, antecipou-se e provocou a questão em reunião do grupo parlamentar, decidido a fazê-la abortar.

No dia seguinte àquele em que o choque se esboçara eu, que tinha em meu poder a mensagem, resolvi entregá-la em plena reunião do grupo parlamentar, e isso mesmo comunicára a alguns dos signatários.

Ali, antes de abrir a sessão, recebi uma carta do António da Fonseca, pedindo-me, por motivos que depois explicaria, sustasse o meu propósito. Como o documento me não pertencia exclusivamente, acedi, contrariado. Esclareceu depois a conveniência de que êle comportasse outras assinaturas dalguns deputados, que ainda o não tinham feito por estarem ao tempo fora de Lisboa.

Assim a luta veio a travar-se, mas com outro aspecto. Adivinhados os nossos intentos, e tornada imperativa na consciência de muitos a primeira resolução, cada um, tratou de pôr o problema a seu modo. E ao abrir a sessão do grupo, João de

Deus Ramos, um dos deputados, em cujo espírito aquele pensamento mais se radicára, tomou a idea da formação dum ministério nacional e lançou-a corajosamente nesta moção que largamente defendeu:

«A maioria parlamentar, reunida em sessão extraordinária para apreclar a situação política;

Ponderando as graves dificuldades com que o actual governo está lutando, e lutará cada vez mais, para manter com segurança e inalterável regularidade o bom nome português na frente da batalha, e, sobretudo, para conservar internamente a nação em sacrificada e serêna expectativa;

Considerando que muitas dessas dificuldades poderiam desaparecer, ou diminuir de importância e gravidade, se o governo, em vez de ser partidário — embora fazendo política nacional — fôsse um governo caracterizadamente *nacional*, em que tivessem representação todos os partidos republicanos e ainda outros elementos extra-partidários, de reconhecido valor económico e social, que acatem a bandeira da República;

Reconhecendo a necessidade duma urgente solução que dê absoluta garantia de tranquilidade ao país, e de que os actuais ministros das finanças, da guerra e dos estrangeiros possam ter assegurada a sua acção governativa enquanto durar o conflito internacional;

Resolve nomear uma comissão, composta de dois senadores e três deputados, para tratar com as minorias parlamentares e as oposições partidárias a formação dum governo nacional.»

Depois eu, Ramada Curto, Alberto Xavier, Francisco Trancoso e António da Fonseca falámos todos, uns defendendo a moção, outros declarando ideas, forçadas por ela.

Tudo quanto expresso estava na mensagem se expôs e defendeu com desassombro.

Disse eu então, e não o esquecerei, ser convicção minha que aquele govêrno, continuando no poder e dentro da mesma política, terminaria com uma revolução, pois, a acrescentar a todas as dificuldades anteriores e vícios ingênitos do govêrno, o sr. Dr. Afonso Costa, chefe dum partido radical, sem a coragem de enfiar pelo caminho que êsse título lhe impunha, esquivando-se a deliberar as medidas financeiras imprescindíveis, como o lançamento de impostos sôbre os lucros de guerra, fazia entre as classes conservadoras e as populares uma política de equívoco, toda de puro danô, porque poupava os inimigos irreduzíveis e distanciava-se dos únicos capazes de lhe dar apoio. Noutra sentida era acanhada a sua política financeira: fechando-se a todas as despesas sem imediata e restrita aplicação à guerra, desdenhava as medidas capazes de nos apetrechar material e moralmente para colher os frutos do nosso esforço, acabada a luta europeia.

Para a formação do ministério nacional preconizávamos a entrada de representantes não só dos partidos republicanos, como das classes operárias, indo eu até pronunciar-me pela entrada no ministério dum católico, dos que se afirmavam neutros em matéria política. Um govêrno assim teria a confiança da nação e ainda, quando os unionistas teinhassem no seu alheamento, com a representa-

ção restante êle tornava, só por si, impossível qualquer tentativa revolucionária. Eram necessárias pesadas concessões? Tudo era preferível à intransigência e à perspectiva dum desastre interno.

Mais ou menos todos defendemos estas opiniões.

O snr. Dr. Afonso Costa ouviu-nos até ao fim de boca cerrada e viseira sombria. E ora o vereis que se ergue e se lança ao ataque, tomando uma a uma as suas melhores armas, lento, calmo, arrogante, até despedir sobre nós o raio fulminatório.

Descobrira o ponto vulnerável: uma *démarche*, de nossa iniciativa, para a formação do governo nacional, representava um cheque no governo e no partido e eram a sua confissão pública de incapacidade e desautoração suprema, dadas as responsabilidades gravíssimas assumidas no problema da guerra. E com o seu esplêndido poder dialéctico, a danosa prática do fôro (àquela hora já os jurados haviam de estar seguros) e a educação de esgrimista, insistiu no ponto fraco, deu-lhe proporções capazes de esconder tudo o mais, levou-o, por hipótese, até às piores consequências, e, chegado ao ponto culminante em que o auditório se deslumbra e o inimigo jorra sangue, ataca-nos então de frente, apoda-nos de descrentes, indisciplinados, a doença do partido, e de tal forma empolga a assemblea que os próprios rebeldes de há pouco deixam cair as armas e já lhe pagam, humildes, tributo de apoio e aplauso. Um confessa-se vencido e

convencido, outro entrega-se com armas e bagagens, e até o Ramada Curto, que pronunciára nas vésperas um discurso formidável conclui afirmando-lhe que o conflito tivera uma vantagem, — mostrar mais, uma vez e duma maneira irrefragável a sua superioridade sôbre todos os outros. Era verdade. Tinham sido vencidos os liliputianos.

Tentei ainda resistir: que êle versára apenas um lado da questão, que se o meio não era o melhor, era o propósito excelente, levantei os epítetos depreciativos... Mas que importava agora? Acutilava sòzinho em meio da debandada final. Era forçoso curvar-me. Nenhum de nós tinha pulso para a funda de David; nem do coração da arraia brotava o arrôjo dos fundibulários. Toda a gente mesmo se erguia fatigada. Findára o torneio.

E era de ver o vencedor radiando alegria triunfante. Abraços, cumprimentos, risos. E, ao cortar a sala, ei-lo, pára na minha frente, poisa-me a mão no ombro e sai-lhe, na efusão da vitória, a modos de balanço final:

— Êste é o mais ingénuo. . .

Juizo profundo, que, excluindo, é lato e tenta, com as molas próprias, compor a engrenagem da máquina inteira.

Eu volto:

—Agradeço-lhe do coração: não podia dizer-me palavra mais lisongeira.

Em verdade vos digo: alguma razão lhe dou. Oxalá êle não venha também a dar-ma.

EM VIAGEM

Agosto de 1917.

N^{ESTES} últimos seis meses voltei a ser estudante. Como, desde a formatura, há mais de sete anos, não exerço a profissão, posto assim ao abrigo da lei que isenta todos os médicos, em condições tais, do serviço militar, refaço nos hospitais a minha educação médica. Pois que sou voluntário, valorizô a oferta e justifico a lei.

Também o meu recente fracasso, esfolhando-me as ilusões sôbre o proveito de lutar, desviou-me do *ring* político. Vencido, mas não convencido, continuo, todavia, na minha atitude de protesto. O meu desejo agora é partir quanto antes. Além de que, como todos quantos rompem o círculo dos logros convencionais e veem cá para fora dizer, como o garoto da lenda, que o rei vai nú, começo a convencer-me que sou de mais, assediam-me com suspeitas, oferecimentos equívocos e olhares desconfiados.

Uf! No dia em que partir teremos todos um suspiro de alívio.

Sim! eu permaneço na minha. Ainda agora os acontecimentos de julho, a grêve da construção civil com todo o seu violento aparato, me levam a crer que estou na razão. O govêrno divorcia-se do povo, ou pelo menos duma parte dele. E tudo por estreiteza de visão. E por falta-da verdadeira coragem.

Parto. Chegou o dia. E na véspera vou despedir-me do ministro da guerra. Encontro-o no seu gabinete, à hora préviamente marcada para me receber.

O snr. Norton de Matos está na sua cadeira e finca sôbre os joelhos as palmas das mãos, com o geito afadigado, que, até no repouso, guardam os homens activos. Uma grande sombra de cuidado arruga-lhe a frente e os olhos.

Digo-lhe o meu desejo de que a sua elevada missão possa alcançar o termo vitorioso, sem grandes esforços. Cala-se. Tem um mômimo de quem duvida, e logo me diz claramente o seu receio, acabando à laia de comentário:

— Não; isto não se leva com panos quentes.

A seu vêr, requeria-se uma política mais decidida e radical. E a sombra, feita de cansaço e preocupação, alastra dos sulcos da frente a tôda a cara.

Despeço-me. Apertamos as mãos.

À saída vou também dizer adeus ao Tejo, que

ali vai na frente. Engolfo a vista, ao largo, sôbre o vasto estuário do Rio, todo a turqueza azul e espumas irizadas.

Belo rio! Bela terra!... Mas por que demônio, desde sempre, mal um homem alevanta ombros fortes sôbre a turba-multa dos derreados, logo a matilha dos ódios arreganha colmilhos à sua volta?

Sim! os seus ombros são válidos e isso amachuca os homúnculos de espinhela caída.

Aquela sombra, que eu lhe vi no rôsto, anuvia-me também por dentro.

E começo a recompôr, traço a traço, a sua obra e figura.

O seu vulto, só por si, exala esfôrço contido. Meão, entroncado, a gorja curta e larga, o gesto brusco, e, na máscara dura, os olhos graves e quási tristes das aves de prêsa. Sôbre isto uma correcta distinção; monóculo.

Todo êle é um imperativo de energia máscula. Não descansa. Trabalha no seu gabinete pela noite dentro até altas horas; ao começar a manhã, volta, indomável, à faina.

Homem para agir, é-lhe penoso falar. Mas, quando fala, na própria rudeza da frase, excluindo todo o artifício, palpa-se a sinceridade. Se o atacam, assemelha-se a um grande pedreiro irado, que interromperam na obra: argumenta com as mesmas pedras que tem na mão, ou brande os punhos fechados no rasgo sacudido de quem abate um camartelo. Então, lembra certas estátuas

Arcau J. Franco



Uma cara das trincheiras
(o alferes miliciano Carneiro Franco)

de Rodin, cuja figura vaga e áspera a custo arranca na massa do mármore.

Arrebatado, excede-se nas virtudes, até os seus defeitos.

E, sendo, em meio lamecha e tórvo, como o nosso, por demais agreste para aliciar simpatias, inevitavelmente fere e irrita na sua passagem. Quem tiver alma de o compreender assim, em bloco, admira-o e estima-o; de contrário, detesta-o. Cercam-no ódios terríveis e caluniam-no, claro.

Todavia êste homem fêz isto: lançou na França um exército, — o núcleo máximo de energias que alguém podia arrancar à nossa anemia moral.

E os senhores, que o detráem, afirmavam em côro que a nossa cooperação na Europa era inteiramente inviável, por absoluta carência de tudo, desde os oficiais ao mais simples material de guerra. Procurando afundá-lo, não fizeram senão erguê-lo.

Dizem então agora: teve excelentes cooperadores a auxiliá-lo. Teve alguns, é certo. Mas os que lhe opuseram a resistência passiva e a propaganda dissolvente, digam lá, não eram em maior número?

— Êsse corpo expedicionário tem defeitos de organização.

Pudera! Pasma até que não seja mais. Pois os senhores procuraram fazer disto uma torre de Babel e queriam que êle regesse lá dentro um orfeon?

Não; confessem: julgavam que as portas dos altos destinos nos estavam trancadas para sempre e eram inabaláveis. E quando o viram seguir, disposto a entrar, desataram a rir, arvorando a impotência própria em dogma universal.

Êle veio; meteu-lhe os ombros; e forçou-as. Depois ficou de sentinela, à entrada.

E como de lá, do palácio aberto, vem uma luz de glória, mas de risco e morte, quantos o querem derrubar para saltar por cima e fechá-las de novo!...

Lá fica ainda, mas com o rosto velado pela inquietação. Vê-se melhor assim, à luz própria.

No claro-escuro do tempo, que passa e o envolve, lateja-lhe esforço, o vulto doloroso, — cariátide do grande edificio da guerra, a que êle pôs os braços válidos e a quadratura possante dos ombros. Póde ser — quem o sabe? — que os êrros de todos e os crimes de muitos, socavando os caboucos, aluam sôbre êle as pesadas muralhas. Mesmo assim ficará intacto sob os escombros.

Embora os ventos do ódio se desencandeiem, a sua vontade foi tão ardente que não lhe apagam o nome.

*

*

*

Adeus, adeus, terra de Portugal! Farrapos de panorama, relâmpagos de beleza, entreluzindo pela janela do comboio.

Adeus, Almourol, castelo encantado, escarpa de mistério e lenda, ilha de sonho na doçura do Rio . . . Constancia de braços entre o Tejo e o Zézere, nascendo do beijo das águas . . . Alto-Alentejo, planície de sobreiros, a perder de vista, verde-glauco de Mar . . . E tu, adeus, castelo de Marvão, sentinela da raia, ruina do tempo, mais cheia de alma, porque estás ao alto e no extremo, como os olhos na face. Adeus . . .

Lá fica a terra natal! Digam que é pieguice... embora... mas isto dói cá dentro.

Espanha... Rolamos pela planície imensa e calcinada. Tarde de Castela-a-Velha. O sol caiu. A planura ensombrada engasta-se no fundo arco do poente, violeta e rosa-pálido. Para além, ao norte, o espaço é turvo e ardente; lavram nuvens de fogo, rolos de fumo: lembra um incêndio na savana. E na dramática paisagem, longe, no céu alto, só Vénus brilha,—sigla heráldica em campo azul e lilaz, encimando a terra de Portugal.

Manhã clara, estamos nas Delícias. Descançamos na cidade,—Madrid monumental, opulenta e esfaimada, tôrva de ódios,—seio de estátua, devorado por um cancro. Ao sol de Agôsto, exala encanto e violência.

Uma corrida aos Museus. Depois partir, partir de novo. À despedida tenho o Feliz de Carvalho, cônsul, que sempre me acompanhou, e os rapazes da embaixada, gentilíssimos.

Lá sigo. E cá dentro, na visão dos painéis, o

coração da Espanha arde: o Greco delira, no seu pesadelo místico, em labaredas de tinta soturna; Velasquez, clássico e realista, bruxo adivinhando os tempos, pinta com o sangue e a lama da vida; Goya, de olhos em braza, desnuda sôbre coxins violetas, a pinceladas de luxúria, o corpo maravilhoso da *Maja*; e Pradilla ergue, a manchas trágicas, à luz das tochas, a meio da sombra, do vento e da planície, e entre os fidalgos olhos desolados, o fantasma de *Joana, la Loca*, em frente do féretro do amante.

Acima, acima. . . Galgamos a noite e o espaço. Amanhecemos sôbre os Cantábricos, e, a rolar desfiladeiros, paramos em San Sebastian. Grande festa do Oceano, risos da gente e da espuma, com romeiros de toda a nação. Ao alto, o monte Iguel-do, último assento do anfiteatro das cordilheiras e no extrêmo das duas pátrias, olhando a prumo o Mar de Biscaia, em vertigens de abismo.

E estamos na França. Amigos, o contraste arripia. Esta gente sangra. Em Hendaia recebemos a primeira parada de faces pálidas, cavadas de emoção.

Um pouco acima estamos em Biarritz. Praia de mutilados e cruzes de guerra. As mães e as amantes trouxeram para ali os seus grandes doentes.

...E até o Mar está mais sério.

Voamos de novo através da noite; e de manhã saltamos na gare d'Orsay. O Melo Barreto

espera-me. E nas poucas horas, forradas ao seu grande labor da comissão económica, é o mais fraterno e solícito dos camaradas. Deambulamos as ruas, à cata de emoções.

Paris pode mudar no aspecto. Mas na essência múltipla e profunda é sempre igual a si mesma. Obra de génio dum povo, encarnação máxima de beleza e espírito, as mudanças do tempo podem decrescer ou avivar-lhe a chama; não lha extinguem. Trouxe-lhe a guerra esta vantagem: as lágrimas lavaram-lhe tanto a pintura da face que a alma ficou a nú. O aspecto, sim. Mutilados, doentes, cruces de guerra, um aparato internacional de fardas, e luto, muito luto: uma cidade em crepes.

Em espírito é a mesma. A grande cidade sofre. E sofre, porque ama. Ama sempre. Demais Paris proclamou de há muito os Direitos do Homem e os Direitos do Amor. E como ama, assim, orgulhosa de amar, nós outros lá de baixo estranhámos, porque na Península inda não arrancamos êsses Direitos à viciação católica.

Vi o beijo das epidermes; mas vi também o beijo das almas. Uma tarde, cortando o Jardim das Tulherias, aproximei-me do *Théâtre de Verdure*. Ao mesmo tempo chegava num carro longo, ligeiro e alto, como o das crianças, impellido a mãos, um grande ferido de guerra, com a Cruz e a Legião, marcando a farda. Vinha deitado, o corpo envolto, entremostrando o peito e a face.

Devagarinho... devagarinho... Como vem tão branco e macerado!... Prende-o de certo à vida a esperança de Lázaro no sepulcro: só um piedoso milagre pode ressuscitá-lo. O carro chega; e logo a multidão que assiste ao espectáculo se afasta a abrir-lhe lugar. Os homens descobrem-se. Um silêncio religioso em volta. E depois, uma mulher que o acompanha, alta e formosa, senta-se ao lado; ficam ali. E, longo tempo, o olhar dela, um olhar que estreita, oscula e embala, fita-se nêle, sem despregar, como se esperasse, por milagre de amor, uma influência transcendente, a sarar-lhe o grande mal.

Museus fechados. Um pedaço do Louvre e outro do Luxemburgo, apenas visíveis. Mas vamos daí a *Notre-Dame*.

A catedral é, a seu modo, em pensamento profundo e exuberância polimorfa, a imagem de Paris. Negra e enorme, vista de frente pela fachada alterosa,—que em baixo se cava no triplo envasamento dos portais, logo arrendada acima pelo friso dos nichos; e após levanta meio corpo; e se alça de novo na galeria das arcadas subtís, para se coroar das duas pesadas tórres,—a ciclópica mole apavora e deprime, despenhando-nos, súbito, pelo contraste da relação visível, na condição misérrima do grão de areia.

Ruiu toda a arquitectura anterior da vida, e esmaga-nos, tamanha a sua imponência, aquele brusco alçado.

Circunvolvida pelo exterior da fábrica, até a abside, no extremo oposto, e devassada em toda a superfície, o olhar é fascinado pelo encantamento diabólico das gárgulas e das quimeras, — umas que bordam e esquinam as cimalthas, outras que se alcandoram nos arcos, cavalgando os balaústres. Toda a fauna dos pesadelos medievos, — grifos, dragos e striges, centauros e mefistos, — se multiplicou, cruzando-se num caos hibridado, que ali reüniu *sabbat*, e, suspenso às platibandas do templo, conchavando horrores, agita as asas, escancara as fauces, gargalha ou deblatera, sôbre a cidade, as suas fomes e desejos torpes. Assim à primitiva opressão acrescentou-se agora um indizível sentimento de hostilidade terrífica.

Mas, transposta a doçura dos portais ogivados, cai-se, a fundo, na quietude suavíssima das naves, — bálsamo tanto mais grato quanto a estesia vem para ali dilacerada; e a gente não anda, paira, levitados pela magia celeste das visões. Só então, lá dentro, no coração da igreja, o espírito, dinamizado pelo impulso ascensional de em tórno, ganha envergadura d'asas, capaz de seguir no vôo a alma colectiva que a gerou, e ali abala da terra, numa aspiração infinita, como um supremo grito de liberdade.

Mas onde a elevação anímica ergue o surto mais livre é quando o olhar se embebe na sinfonia cromática dos vitrais.

Em baixo, nas longas aberturas fenestradas,

refulge, sob a torrente do sol, no meio dia das côres, a mina das pedrarias, — rubis, turquezas, esmeraldas, engastadas em fogo e crúos; logo acima, contra a paleta frouxa das rosáceas, o jôrro da luz arcoiriza-se nas mil tintas esmaiadas da ante-manhã e do ocaso, — róseo, safíreo, rúbido, aviolado; té que nos altos da abóbada e dentre os intercolúnios, um luaceiro místico se cõa, — esteira de aças níveas, confinando as gelosias cimeiras com os áditos do Céu.



Capitão Augusto Casimiro

BAPTISMO DE FOGO

Setembro de 1917.

NA gare do Norte, onde embarcamos para o sector português, temos o primeiro prenúncio da série nova de factos, à qual abrimos olhos ávidos: a violenta azáfama militar interna, isolada dos civis, que bradam, agitam braços, acenam lenços no adeus, que não podem levar lá dentro.

Lá seguimos de novo, no rápido Paris-Calais, à cunha com oficiais franceses, ingleses, americanos, belgas, escoceses, australianos e portugueses, de todas as armas e patentes, que, repleta a lotação, pejam os corredores, sentados ou caídos de bruços, por entre o pandemónio das bagagens, afogando em sono as vigílias de Paris.

De Amiens para cima, como entramos na zona de guerra, o cenário muda pela persistência quasi exclusiva das fardas. Acampamentos, alguns hospitais, damas da Cruz Vermelha, e, aí por alturas de Étapes, o primeiro grande cemitério militar. E

+

saltamos em Hesdigneul. Depois de algumas horas de espera, reembarcamos, emergimos no vai-vem dos combóios de munições ou de feridos, e de novo descemos em S.^t Omer. À falta de ligação imediata, lá temos de passar a noite. Mas na estação espera-nos um sargento português, ali destacado para guiar oficiais e soldados recém-chegados.

Postas as primeiras perguntas sôbre a necessidade urgente de jantar e a do alojamento para a noite, o nosso guia, a caminho dos hotéis, comunica-nos amávelmente que, visto a noite ser tão clara (caía um lindo luar...) os aviões *boches* não deviam tardar no bombardeamento à cidade. E dizendo, espreitava-nos com a curiosidade divertida do cidadão, à espera de que o provinciano desmanche sua pacata compostura perante as grandezas da capital. Acrescentava mesmo com estudada fleugma que, na véspera à noite, uma bomba de aeroplano surpreendera três oficiais ingleses em meio do repasto e em termos de não mais o poderem findar. Informes posteriores confirmavam aquela notícia. Vá... para que digamos... não era uma expectativa das mais sedutoras.

Todavia, instalados à mêsã do *Hotel Commerce*, breve esquecíamos os aviões, os *boches*, e o nosso malicioso informador. Tambêm o mais da gente amesendada não parecia ocupar-se muito com as ameaças do futuro. Duas criadas faziam, solícitas, o giro da mêsã comum. Uma delas, tipo

meridional, grandes olhos langorosos, ouvia, com modo afável, dum ou outro camarada português, as doçuras nacionais, mais distiladas dos olhos que traduzidas do vernáculo da terra. Nas mêsas isoladas, alguns oficiais ingleses digeriam plácida-mente, fumando ou lendo revistas. E até um, sentado ali perto em tracto íntimo com algumas garrafas, *gentleman* simpático, sem a fria correcção britânica, alheio a todo o sentido das conveniências, tenta comunicar com o próximo por gestos de alta fantasia. Em certo ponto decide-se a falar comigo; mas, como êle desconhece quasi palavra de francês, não nos entendemos patavina. Decido-me então por um recurso extremo de eloquência e saco duma pequena mala, que ali tenho adrede, certa botelha, cujo rótulo me não foi necessário traduzir-lhe para me convencer no seu olhar de que atingira as culminâncias demosténicas.

Portwine! exclama êle, num arroubo. E ao depois fita olhos de êxtase no copo de água que encheu de vinho, e, rápido, vai esvaziando. Trocam-se brindes misteriosos, pois as falas se não entendem. Os olhos dele estão duma ternura adorável. Por muito tempo quere dizer-me qualquer coisa. São esforços inauditos. Aponta-me o rosto, o cabelo, a barba. Articula sons incompreensíveis. Até que, achando a palavra, arranca, numa voz de *eureka*: «*Homme de lettres...*»

Nisto, pânico na sala. A artilharia anti-aérea dispara lá fóra, denunciando a chegada dos aero-

Setembro de 1917.

Caí num pântano! Primeiro atiraram comigo para o Quartel General da 2.^a Divisão. Aí, em última análise decidiram do meu destino. Lá fui. Está o Comando instalado em Roquetoire, num pitoresco *chateau*, ao qual se vai por uma longa rua, ladeada de altos choupos, pertença dum marquez de qualquer coisa, agora, ao que me dizem, fazendo também a guerra para as bandas de Salónica. Lá passo dois dias e uma noite até que, dado momento, um chefe de viseira sombria e modos bruscos, analisando certo mapa, resolve em seu alto juízo enviar-me para a ambulância 8.

Como adrega ser comandante da ambulância o major Alves Ferreira, o Helder Ribeiro, seu parente, leva-me lá de automóvel, para fazer a apresentação. Êste Helder é o primeiro dentre os altos agaloados, conhecidos e desconhecidos, em quem vejo modos humanos. Quanto aos outros, parecem todós profundamente ocupados com as congeminações da guerra.

A ambulância 8? O que será? Não julguem os senhores que a gente imagina daí a realidade complexa desta guerra. Mesmo, chegados cá, isso leva seu tempo. Uma ambulância, por exemplo, é coisa extremamente variável, quanto ao género de trabalho, a perigos e fadigas, conforme está na frente ou na rectaguarda. Esta começa a instalar-se

em Dohem a 45 quilómetros das linhas, o suficiente para se cair numa horrível pasmaceira.

Assenta Dohem numa pequena elevação, a meio da imensa planície flandrina; rodeia-se de pequenos bosques; e espalha por um pequeno traçado de ruas algumas dúzias de casas, quasi tôdas de mediano confôrto. Terra burguesa, católica até ao beatério, com um grande colégio de educação acentuadamente religiosa para o sexo feminino, muitos padres e irmãs professoras, e até famílias monárquicas, que atribuem à República os desastres da guerra, pelas deficiências do exército.

Aqui se leva apenas a vida da aldeia, com algum passeio, a missa ao domingo e um paisanismo, que certas preocupações militares tornam mais sorna e ridículo. Bons e alegres camaradas quasi todos... mas esta monotonia envenena. Só um ou outro consegue furtar-se-lhe derivando às aventuras amorosas.

Como a terra oferece certas ensanchas de acomodação, instalou-se aqui uma outra ambulância, a 9.

Quando a convivência começa a aquecer e a gente a aclimatar-se, por meados do mês, volvidos poucos dias sôbre a minha chegada, lá tenho de seguir para a ambulância 7, em Ecques, a substituir um colega, que foi de licença a Portugal.

A terra é diferente. Aqui a planície tem menos ondulações. A aldeia, em si, pouco interessa: um ou outro *chateau*, as *fermes* e os *estaminets* do

costume, com a sua horrível cerveja e as suas horríveis colecções de postais. De dia, findo o trabalho médico, escreve-se e passeia-se, e à noite vamos para os pontos mais altos vêr os lumes do *front*. E, como Ecques está um pouco inenos à rectaguarda, vêem-se melhor na linha do horizonte, relampagueando e pontiluzindo, os clarões da artilharia detonando, os fogachos lentos dos *very-lights*, e até as luzes dos aeroplanos. A certas horas, quando o horizonte crepita, vem de lá um vago marulho, como aquele que tem as bravezas do Mar a longa distância.

Como amostra de guerra, é pouco.

Assim, a vida marasma. Estiolam as flôres mais altas do espírito. Só uma vinga, esplendorosa: — a saudade, pois que toda a actividade refluíu ao íntimo e se concentra num laborar evocativo. Daí, a duas horas apenas, se vence o grande torpor; são as do correio, — a hora ansiosa em que chegam as cartas e a outra de carinho em que se escrevem. Vêem-se então vultos parados, de mão e pena poisada no papel e os olhos erráticos, cheios de névoa, focando ao longe espectros de graça ou paisagens idílicas que a memória exala.

E tôda esta gente sonha. Sonhar é o grande refúgio. Transpuseram a realidade e ei-los galopando sôbre o mundo. O sonho é a lança d'Atila. Êstes homens pálidos conquistaram a terra, aboliram o espaço e agora ardem na eternidade viva das fôrças profundas. Às horas da tarde, quando



1.^a Linha. Centro de Neuve-Chapelle.

as almas extravasam e imperiosamente querem comunicar, vêm-se os desterrados, a dois e dois, confidenciando em voz baixa as suas esperanças e amarguras.

Dizem que no deserto os viajantes, queimados da sede, se acontece adormecerem, sonham com a frescura gorgolejante das fontes. Ê vê-los: teem brasas nos olhos. E vai um e diz: «Quando eu fôr, hei de passar tantos dias na Serra.» E outro: — «Já então o meu pequeno há de correr.» E aquele: «Irei com Ela para a beira do Mar.»

As cartas então assumem por vezes o tom das éclogas. Um dia dêstes, censurando as cartas dos soldados, encontrei isto: «Mãe. Afinal fez bem vendendo a nossa cabrinha, se precisava de comer. Eu bem sei o que lhe devo como filho e não me zango. Mas tenho muita pêne, isso tenho. E às vezes ponho-me a lembrar que quando aí fôr já ela não vem da horta, entrando em casa, para me comer à mão. A gente também ganha amizade aos animais. Mas não me zango, pois se era precisão...»

Outros enviam versos, recomendam cuidados: «Olha o nosso filho... Trata de ti...»

E assim a vida corre. O tempo 'é uma oração. As horas passam entre os dedos, como as cortas dum rosário, na visão da divindade longínqua. E tôda a vida profunda é um acto de saudade.

Ora, aqui há dias, eu compreendi melhor esta palavra. Tive o primeiro encontro com os nossos mortos.

Por estas aldeias os cemitérios, por via de regra, confinam ou cercam as igrejas. Estas são quasi sempre templos pitorescos, construções novas, arremedando o gótico, cada uma com seu gracioso pormenor, — portada, vitral, painel e, á rematar, a tôrre esbeltá de flexa alta.

Fui visitar a da terra. Tinha-lhe feito o giro; no exame dos seus sumários encantos, quando meti ao pequeno cemitério a lêr os epitáfios. Vou de rua em rua, no silêncio desolado das lágeas e das cruces. De longe atráí-me a vista dalgumas campas térreas, mais bem tratadas entre as outras. Aproximei-me. Estavam ali sepultados três soldados portugueses. A terra fresca ainda. Á volta de cada coval uma ingénua cercadura de vergas entrelaçadas. Por cima molhos de flôres. Á cabeceira de cada um erguia-se uma cruz, em cujos braços havia o nome do soldado, e por cima escrito apenas:— Saudade.

Ali, na terra estrangeira, naquele desvão do mundo, onde êles iam ficar, breve, ao descaso de tôda a gente, aquela palavra, — erguida sôbre as três campas dentre as oferendas com que as mãos rudes imaginaram o geito das mães ou das noivas, — ganhou de súbito um sentido novo e tão fundo que uma dôr aguda me cortou o peito e os olhos se me encheram de água.

Era um novo baptismo de fogo. . .

OS SETE CÍRCULOS DA GUERRA

Outubro de 1917.

POUCO a pouco, relacionamos a guerra com o espaço. É um trabalho lento: demanda estudo. Como já fiz algumas viagens, ouvi e indaguei, compreendo agora. Ainda não fui à base, à base propriamente dita, no país das delícias, à beiramar, mas ouço falar; e porque fiz também, há dois dias, a 20, uma pequena excursão às trincheiras, ligados os vários ensinamentos, possuo agora uma idea, de conjunto.

Ocupamos aqui uma parte da Flandres francesa (servindo-nos da velha designação regional) que, em paisagem, caracteres do solo, condições de vida e até em costumes e património artístico, prolonga para ocidente as Flandres belgas — o núcleo mais rico e pitoresco da região tipo, desdobrada ainda a oriente sôbre o sul da Holanda.

A terra é planturosa e feracíssima, para mais banhada dum sistema de rios e canais, largamente

anastomosados, e sobejo praticável não só pelos cursos de água mas também pela rede profusa das estradas e vias férreas. A configuração do terreno, alongando-se em planície intermínua, apenas ligeiramente montuoso, a sudeste, no Artois das florestas, favorece excepcionalmente essa riqueza de irrigação e itinerários.

País de clima áspero e brusco, comum às zonas do norte, e húmido das planícies muito banhadas, de inverno longo e primavera súbita, encharcado em chuvas e nevoeiros ou fustigado pelas nevascas e os granizos, muitas vezes Abril nevado ainda, mas logo em Maio desabrocha e palpita numa festa de verdura, de tão repentina exuberância, que tem seu geito de milagre.

Por aí fóra choupos, muitos choupos, o que traz à memória a doçura virgiliana dos nossos campos.

Vida intensamente agrícola, a que faltam todavia dois produtos essenciais ao português: — o vinho e o azeite, e em que o cavalo normando, alto e pesado, substitui o boi no auxílio do homem.

A esta vida, clima e terra corresponde um tipo de habitação, — a *ferme*, casa de lavoura, geralmente enquadrando ao meio um pátio com fosso de estrumeira e distribuindo nos quatro lados de construção, a vivenda, o celeiro, o curral, o telheiro, o palheiro, coroando-se dum telhado colmado de empêna altíssima, debordando o frei-

xal num pequeno alpendre, o que presta declive à neve, resguardo ao frio, e ao edifício dá um ar primitivo e gracioso de cabana.

Êste é o grande modelo de habitação aldeã na Flandres, variando largamente, té derivar ao tipo fruste do tugúrio, a que faltam dois ou três lanços, ou atingir no extrêmo oposto proporções de residência sòlarenga para os donos dos latifúndios. Casa burguesa, que, nas vilórias, alteie andares, cerque um jardim e haja confôrto logo se enfeita com o nome de *chateau*.

E aqui e alêm, muito de longe em longe, nalgum recanto de *pature* e sôbre o teso das colinas, ergue-se um dêstes moínhos altos de grandes braços, tão vulgares em gravura holandesa, que assentam sôbre um eixo e alongam em cauda uma espécie de leme com que navegam no curso dos ventos.

Nas cidades de maior vulto, nessas então, há sempre, e ao menos, o *beffroi*, tôrre antiga de alarme, recordando os velhos tempos e dando a mancha própria e original.

O habitante das aldeias é trabalhador, sóbrio e económico, viciando por vezes êste último virtuoso atributo com o defeito a que êle pode conduzir.

Poucos homens por aqui ficaram. Levou-os a guerra. E os que restam, altos e loiros, quando pela manhã abalam, cavalgando de lado os seus cavalos tôscos, atrelados a qualquer ferralha agrí-

cola, alevantam assim sôbre esta Flandres o símbolo áspero da sua fôrça e uberdade.

Eis a região onde viemos parar.

Estende-se a gente portuguesa por uma facha do país mais ou menos limitável dentro dum grande triângulo isósceles. O vértice, que entesta com a nossa linha de batalha, longa de alguns quilómetros (12 com a entrada da 2.^a divisão), medeia entre Armentières, ao norte e Bethune, ao sul; e a base, larga de 60 quilómetros, é a própria costa marítima, banhada do Mar da Mancha. Fecham-no duas linhas que, do vértice vão terminar, uma em Calais, ao norte, outra em Etaples, ao sul. A perpendicular baixada do vértice sôbre a base de êste triângulo mede 90 quilómetros. As nossas tropas distribuem-se por aí fóra desde as trincheiras às praias e cidades marítimas, passando por tôdas as gradações possíveis que vão da vida troglodítica, ameaçada do termo a cada hora, à existência regalada dum janota a banhos.

São primeiro as tropas de infantaria ocupando as trincheiras e os apoios desde Fleurbaix a Festubert, passando pela Rue du Bois, Fanquissart, Neuve-Chapelle, Ferme du Bois. Segue-se-lhe logo a artilharia de campanha, e depois os quartéis de brigada e as ambulâncias da frente, estes últimos, gosando já um princípio de conforto.

Vem depois, por Lestrem e Lagorgue os quartéis generais de divisão, com as suas muitas e variadas secções: estado maior, comandos de enge-

nharia e artilharia, chefia dos serviços de saúde, serviços administrativos, serviços postais, etc., etc. Tudo isto se agita de automóvel, enverga peliças e braçais, calça botas luzentes e pimponeia de cabeça alta.

Logo após algumas escolas, oficinas e depósitos distribuídos por localidades de somenos importância. Agora Merville com o seu hospital de sangue n.º 1. Depois S.^t Venaint, quartel general do C. E. P. com a aristocracia dos galões. Seguem-se-lhe Aire e S.^t Omer, grandes centros do nosso turismo. Mais adiante Mametz com as suas escolas, e Marthes, Ecques, Dohem, Fauquembergues com as ambulâncias da retaguarda. É também por esta vasta zona que estacionam os batalhões em descanso ou os que se preparam para a vida de trincheira. E lá no fim sôbre o Mar, por Calais, Boulogne, Paris-Plage é a região paradisíaca do quartel general da base, dos depósitos da base, dos hospitais da base e doutras sólidas e felizes bases.

Também nos outros exércitos se encontra a mesma hierarquização do perigo, zona a zona. Ligando-as em todas as frentes, desde as linhas até às bases, teríamos assim os sete círculos da guerra, onde cabe uma *divina comédia*, bem diferente da outra, porque, regra geral, são os eleitos que estão no Inferno.

É a dentro dessa faixa triangular que se passa toda a vida do C. E. P. Os soldados, chegados

aqui por acaso em época terrível dum ano excepcional, sofreram as agruras dum inverno serôdio. Estranharam. Retraíram-se. Breve com a sua grande facilidade de adaptação sentiram-se em país conquistado. Como na sua grande maioria vieram das ocupações agrícolas, não é raro vê-los pelos campos, misturados com o indígena, trabalhando a terra.

Fácilmente aprenderam também da língua o indispensável para se fazerem entender. Além de que a guerra criou nestas paragens uma espécie de *argot* internacional, de reduzidos termos para as coisas urgentes da vida, aconteceu que êles vieram encontrar no *patois*, a língua popular da região, vestígios directos das línguas peninsulares, aqui deixados pelos dois povos respectivos, a quando as guerras da Flandres. É assim que muitas palavras do *patois* se assemelham grandemente às suas correspondentes em português: *capele*, capela, *vaque*, vaca, *chope*, copo, *caïere*, cadeira, *frou*, frio, etc.

Todavia ocasiões há em que o português, por demais sabido em muitos mistérios da língua grandemente affecta desconhecê-los. Dum caso sei eu, que ouvi fortuitamente na conversa de dois soldados.

Um dêles contava certa aventura que houvera com uma rapariga francesa, a qual, em dado ponto o sacudira com palavras desabridas, ao que êle, teimando, respondia, feito parvo: — *Non compris!*



O alferes Carneiro Franco, à porta dum abrigo na 1.^a linha

O outro, que ouvia calado, comentou:— « Sim, sim. Curto precisavas tu que te pusessem. »

Eis, a traços largos, o cenário e os actores. A acção, tóda a acção epo-cómica, ninguém terá a coragem de a contar por inteiro. Há conveniências a respeitar. Eu proponho-me dizer o mais que seja possível da verdade e, como êste ponto de observação é mau, vou mudar-me.

Voltei de novo a Dohem, a 8. Aqui sufoca-se. Esta vida, triste e monótona, longe de tóda a emoção profunda que não seja a lembrança dos que estão longe, enche dêste mal terrível e tedientto, destruidor da vontade a que aqui se chama *neura*.

Ora eu vim para a guerra; não foi para isto. Durante muito tempo se afirmou que a ambulância ia seguir para a frente. Mas o tempo passa e à ambulância fica.

Depois o outono caminha. O vento, o frio e a chuva chegam. As brumas do tempo pesam também na alma. E dos altos da pequena aldeia, os poentes da Flandres, duma finura sutilima de tintas, cambiando todos os tons do rôxo, laranja e rosa, amargam e desesperam.

Acresce ainda que me veio irritar certo pequeno atrito burocrático, dêstes que mostram, sob a muita deferência exterior, a soberba dos galões, mal escondida.

Tudo sômado, vou partir. E no próprio dia em que visito as trincheiras, antes de lá chegar, re-

queiro verbalmente ao chefe dos serviços de saúde, a minha transferência para as trincheiras. No dia seguinte, conforme a indicação do chefe, faço o meu requerimento por escrito. E dois dias depois a ordem dava-me como transferido, a meu pedido, para o batalhão de infantaria 23.

Toca a arranjar a mala.

Uf!

ECCE HOMO!...

Novembro de 1917.

MAL cheguei às trincheiras, renasci. Exaltaram-se-me súbitamente tôdas as faculdades de sentir e de viver. Depois o perigo fustiga os nervos. Acaba a gente de escapar à morte, com algumas boas chicotadas na medula, trémulo ainda, e vem-nos uma sêde de vida tamanha que alguns minutos de alegria mais quieta embebedam a alma.

Sinto-me novo, mais forte, e maior... Também é impossível deixar de crescer sôbre êste grande chão que pisamos.

Aos poucos entra a gente a compreender êste mundo novo. Agora, volvidos dias, conheço, além da terra, o homem.

E êste, sim, é qualquer coisa de novo para atentar.

Ao caminhar, da rectaguarda cá para as linhas, atravessam-se todos os círculos da agonia até parar nestas planícies da morte. São as aldeias des-

manteladas — casas mortas com as órbitas vazias e espigões de madeiros fracturados em ruas cemiteriais; depois as zonas, onde a artilharia ligeira se esconde e tropeja; agora os campos, eriçados de arame farpado, panos de paredes corcomidas, e granadas rebentando; enfim a terra cava-se, mergulhamos no chão: estamos nas trincheiras.

Aqui a rasoira terrível da metralha apagou as saliências; o fogo corroeu as coisas vivas; e na terra esventrada de rasgões, entre poucas ruínas desmoronadas, os fantasmas das árvores decepada gritam em vão, — mutilados da guerra, sem hospital.

Um sistema de fossos rasga o chão até à altura dum homem e sucede-se em três linhas paralelas, zigzagueando e entreunindo-se até aos para-peitos sôbre a *terra de ninguém*. Nestes fossos abriram-se lateralmente algumas cavernas, espécie de silos escuros para vegetar. As granadas e a chuva, aqui e ali revolvem, abrem, obstroem, encharcam em lama e água. Todavia, nesses fossos e cavernas, sujos e viscosos, alguns homens habitam.

Tudo ali é lodo e miséria. A esperança da vida assenta apenas sôbre o acaso. E a inquietação devora o peito nas horas lentas.

Êstes homens, que vivem dum modo nunca visto, ganharam com o tempo uma fisionomia especial, tanto mais acusada, quanto mais próximo do inimigo. Era inevitável. A vizinhança da morte,

as vigílias continuadas, os longos alertas de olhos apunhalando o escuro, à cata dos perigos, as soa-lheiras, as friagens e as lufadas do tempo acabam por tatuar e curtir a pele sôbre a caveira.

Nas caras duras e atanadas rasgaram-se os grandes sulcos dos sobrolhos e os que vão do nariz ao canto da boca; as comissuras dos lábios baixaram severamente: e os olhos pararam nuna fixidez ardente de espanto e penetração.

A imobilidade e frescura especial do rosto, que dão a mocidade e a vida calma, secaram, murcharam inteiramente.

Há crianças com caras de velhos.

A esta transformação dos rostos, corresponde uma outra mais profunda nas almas.

De ao pé da morte, o olhar, que se deita sôbre a vida, fixa apenas as coisas essenciais. As mentiras caem aos farrapos e vê-se enfim a verdade na sua nudez sublime e infame. Há olhos cá nas trincheiras que, nós fitam e revolvem até aos últimos escaninhos de nós mesmos.

Moços de 20 anos possuem a sabedoria de séculos.

Quando se anda pela primeira linha, surdem, a espaços, dos buracos do chão, rastejando e erguendo-se a custo, ou circulando nos traveses, uns espectros lamacentos.

Às vezes êsses fantasmas mostram os dentes num riso sinistro e olham com certos olhos implacáveis, como quem doutro planeta com mais

aguda vista considerasse as baixezas e os erros dos humanos.

No seu conjunto esta faixa estreita das trincheiras assemelha-se na hierarquia do risco ao conjunto do sector. Todos os que habitam fossos e cavernas vivem ao pé da morte, no meio das balas e das granadas, que são cegas.

Mas os oficiais do estado maior do batalhão, incluindo os médicos e o comandante, são nas horas mais calmas, os menos expostos aos perigos. Igual sorte, — a de todos os subalternos que os acompanham. Seguem-se todos os homens dos comandos de companhia. Chegam na escala máxima do risco e da miséria os pelotões, desde o alferes ao soldado. E leva-se a distinção a pontos que uma noite certo alferes, ao galgar do talude para a *terra de ninguém*, dizia, em despedida irónica, aos companheiros que ficavam na primeira linha e lhe desejavam *bonne chance*:

— Adeus, seus *básicos*. . .

Cada um ostenta sôbre o escudo com orgulho e prosápia fidalga quanto houver de incerteza e miséria na sua vida. Aqui só a valentia e o poder de sacrifício valorizam os homens e distinguem as classes.

Por um sábio acaso vim ter às trincheiras de Neuve-Chapelle. Em toda a grande linha da batalha poucos sectores haverá de tão pungente e pitoresco interesse.

Neste lugar se deu em 1915 uma grande batalha.

A pequena cidade daquele nome foi terrivelmente arrasada e de pé ficaram apenas alguns raríssimos farrapos de casas, uma coluna de jardim e um calvário, — um lindo calvário, com o seu Cristo, ao alto.

Os encontros dos combates abarrotaram os cemitérios próximos. Não obstante, muitos dos que caíram por terra, com o revolver simultâneo do chão, foram sepultados ao acaso, anónimos, no lugar onde tombaram e sob o próprio campo de batalha.

Caiu o fogo do céu, como as antigas cóleras dos deuses assoladôres; a própria terra foi saqueada até ao seio; e puro, perfeito, intacto só o Cristo ficou. A meio do madeiro cravou-se uma grana-da, e essa mesma não teve coragem de explodir.

De quando em quando, sôbre o terreno, um mosteiro cai, abre um fundão e põe à mostra um pedaço hediondo de cadáver. Os vivos tem de viver em promiscuidade com os mortos, — mais do que isso, com as mutilações dos cadáveres. Ali, ao pé da trincheira, a meio duma dessas paredes dum poço de explosão, emergem os dois ossos duma perna com farrapos de podridão suspensos e uma bota ainda calçada.

Às vezes o fedor a carne putrefacta é tão intenso que é necessário mandar tapar; outras o cheiro nauseabundo erra no ar, vindo não se sabe donde.

Todo êste chão exala carnagem, loucura, ne-

voeiros de morte. Em certos pontos dir-se-ia que a terra inda está ensopada de sangue negro.

Quando a tarde chega, nestes céus baixos e brumosos, apagando as formas para só deixar a nú a desolação imensa das coisas, aquele Cristo do calvário intacto, erguido no madeiro altíssimo, dominando toda a scena, ganha uma nova humanidade e assume não sei que proporções de revelação trágica.

Se êle resistiu a quantas ondas destruidoras nivelaram o solo é que ali simboliza uma verdade indestructível.

A tarde cai mais densa. Êste chão de batalha, —meio humus, meio carne, que sangra e apodrece, êste cemitério vivo, que remexe e sofre, — aumenta com desmesura, encharcado na mesma escura tristeza, e o madeiro subiu, alto, tão alto que já o Cristo estende os braços e espalma as mãos sangrentas para alêm; sôbre toda a terra do martírio e dos combates.

A tarde cai e afoga as coisas. Só a realidade terrível dêste sofrimento que o chão respira, fica visível, sobe como uma névoa e ergue até as estrelas o seu corpo de lágrimas e sangue. Mais o escuro é denso, mais ela cresce e apaga tudo à volta.

Uma dôr mais alta e próxima de Deus encarnou sôbre o mundo, dilatando sem fim, para salvar os homens, a paixão do Galileu.

E agora, lá em cima, pregado a cravos e aberto



1.^a Linha — Neuve-Chapelle.



em chagas contra os braços da cruz, que a treva alongou, vivo ainda e a gotejar aflição, agoniza um Cristo Maior: — é a turba martirizada, a multidão dolorosa e redentora, o soldado da grande guerra.

Na bruma da noite eu próprio perco o ser. Sofro e gemo a angústia do grande crucificado e soletro, para além do-tempo, as palavras clamorosas do seu evangelho, galgando e redimindo a terra até aos confins, na bôca dos milhões dos mártires-apóstolos.

TRÊS DIAS, COMO TANTOS

5 de Novembro.

HOJE fui almoçar com o Poeta Augusto Casimiro mais outros oficiais ao seu abrigo de companhia. Com o seu grande ar de veterano, já me levou à primeira linha, mostrando e instruindo.

Como, todavia, as primeiras voltas não foram por demais emocionantes, hoje depois do almoço volta a guiar-me aos seus estados.

Augusto Casimiro comanda a 3.^a companhia do batalhão, que êle próprio baptisou de *Quixote Company*. Descendo a trincheira, atraz dêle, curvado (sér alto acarreta alguns desgostos nestas paragens) percebo nas suas palavras que vai secretamente resolvido a oferecer-me algumas fortes emoções. Oh! a malícia das trincheiras...

E, a caminho vou dizendo, com os meus botões, que um comandante, que tão sugestivo epíteto escolheu, não é dos guias mais cautos para viagens melindrosas.

Correndo a primeira linha, chama dum grupo de homens um dêles. É o sargento Conde. Um môço baixo com dois olhos firmes e ardentes numa face pálida. O sargento parou perfilado. E êle aponta-mo em palavras graves e comovidas, como um dos homens mais bravos e cumpridores da sua companhia. Por isso mo apresenta. Aperto-lhe a mão com alegria.

Seguimos. A cada passo pára falando aos soldados; toma-lhes das espingardas; examina-as. Repreende ou louva. Em certo ponto mostra-me um *boche* do lado de lá. Espreito a medo e lo-brigo também. *A medo*, amigos, que as balas assobiam apontadas às cabeças indiscretas. Agora toma duma espingarda e aponta contra um *boche*.

E mais adiante dá as suas ordêns à guarnição dum morteiro para atirar alguns projecteis.

Damos uns passos à frente, à procura de sítio asado para vêr o espetáculo, e o meu amável guia convida-me a trepar um pouco ao parapeito. Os morteiros caem de lá, *pan... pan...* e erguem *geysers* de terra para o ar. Vêem-se tão bem daquele ponto que o meu companheiro, encantado, puxa dum *Kodac* de algibeira e começa a fotografar as explosões.

Eu olho o grande Cristo, que num pequeno alto à nossa direita e a bôa distância mostra o perfil puríssimo.

Nisto um silvo galopante vem de lá, rasa

numa lufada horrível as nossas cabeças; um estampido cataclísmico; a terra, os sacos, a madeira, nós mesmos, tudo dança, projectado; depois uma chuva de pedras, torrões, detritos, cai do alto, bate no capacete, fustiga a carne, graniza à volta, com violência.

— Fomos descobertos. Toca a fugir — brada-me rapidamente o meu guia, dando-me tão pronto exemplo que ainda lhe ouço as palavras e já êle desaparece ao longe.

Mas os silvos e os ribombos multiplicam-se e quando alguma rajada vem de lá mais furiosa e desabalada, à minha frente comandam:

— Atira-te ao chão! . . .

Atiramo-nos, rolamos na lama, enquanto o tempestuoso corpo passa rasgando o ar, que ruge agudamente com a dôr, e os estilhaços vôam cortadores e o chão pula e reflui com estremeções vulcânicos.

Já dura aquilo há minutos.

Por fim, ofegando, corro de cabeça alta no meio da tempestade, entre as explosões espantosas que fogacham incêndios sôbre o chão e o espadanar convulso das coisas arremessadas.

Chegados a um ponto relativamente seguro, paramos. De longe vemos e ouvimos ainda as explosões. Eu tenho o coração a saltar-me da boca. Sufoco com a violência do esforço. Então o meu *cicerone*, que já tem mais treino, desata a rir a bandeiras despregadas dum riso que os nervos

excitados sacodem mais. A sua ordenança que nos seguiu sempre, ri também. E eu, para não fazer má figura, rio igualmente.

A esta operação de fugir escondendo-se e trambulhando,—que os mais bravos praticam sempre que o dever não exige o contrário — chama-se *cavar*. Saber *cavar* não se aprende às primeiras, todavia eu levei uma bôa ensaboadela.

Rio então com vontade, quando acaso olhando o Cristo, o vejo ainda de perfil, mas desta vez à nossa esquerda.

É que os senhores não imaginam a *maratona* velocíssima que isto representa nestas longas trincheiras aos *zig-zags*.

Olhando a manga do meu casaco, negra de pólvora e queimada dum estilhaço, o meu companheiro confessa que êste foi dos mais violentos bombardamentos que o teem colhido e conclui, rindo sempre, que, no seu imaginado programa, não figuravam números de tamanho êxito.

7 de Novembro.

O pôsto de socorros da rectaguarda, vá lá, ainda oferece algumas invejáveis comodidades. *Greenbarn*, que assim o apelidaram os ingleses, é dentre os postos nessas condições em todo o nosso sector um dos mais graciosos e convidativos.

Construiu-se aproveitando as ruínas duma estreita *ferme*, relativamente bem conservada, circunstância que permite aos médicos ter uma pequenina sala de jantar e recepção, verdadeiro mimo em semelhante lugar. As paredes estão ornadas de alto a baixo com figurinhas recortadas da *Vie Parisienne*. Respira-se lá dentro uma atmosfera de galantaria feminina... tôda em gravuras.

Mas aqui nos postos de socorros da frente a instalação deixa algum tanto a desejar. No meu abrigo — êle baixo e eu alto — pouco mais posso que andar de gatas. A capa férrea do elefante que o protege é tão segura que uma granada ligeira, tendo caído em cima, sem rebentar, mesmo assim o furou. De maneira que entra por ali a terra, o frio, e a água nas noites de chuva. Lá dentro uma escuridão, salitrosa de humidade. Um catre estreito e uma tábua à laia de mêsá. Como o buraco é horrivelmente frio e esta noite geou, tive que me embrulhar, à falta de melhor, nas mantas que envolvem os mortos. Mas, as linhas da Bélgica, durante tôda a noite, marulharam com violência. Pouco dormi. E como vai nalguns dias me é forçoso deitar vestido e para me lavar, à laia de lavatório, só tenho um velho capacete inglês, ergo-me cedinho e resolvo dar um salto a *Greenbarn* para tomar um banho. Ali instalou-se um opulento balneário na cavaliçã abandonada, que tem o tecto todo rasgado e raras telhas, essas mesmas partidas pelas balas das metralhadoras. A banheira é um pequeno fundo

de pipo; e o meu impedido, rapaz de expediente, arranjou-me duma lata de petróleo, crivada de buracos, um magnífico chuveiro.

Apesar do frio e do vento, que entravam pelas rasgões do tecto (o recinto é um tudo nadinha desabrigado), o banho foi duma suprema voluptuosidade.

Aqui, em *Greenbarn*, sim, vive-se com notável confôrto. Mas tenho de voltar à *Ponte da Torreira*.

É verdade, — ainda não lhes disse, — como êste posto está à beira dum dreno e para se entrar cá é forçoso passar sôbre uma pequena ponte, algum torreirense saúdoso da terra natal, baptisou-o assim.

Cá estou de novo. Encontro em cima da mêsá quatro sonetos. Isto não é um batalhão, é o Parnaso. Um convite para almoço, uma saúdação e alguns comentários irónicos a certas galopadas nas trincheiras... e tudo em verso, e um até com ilustrações!

Depois de jantar, vou a *Greenbarn*, chamado pelo meu colega.

É à noitinha.

Conversamos lá dentro à luz da vela.

De repente a nossa artilharia, com sobressalto rápido, começa a disparar numa inferneira.

Saímos fóra. Alguém diz: «Foi o nosso batalhão, que pediu S. O. S.».

A toda a volta um círculo de incêndios. Dir-

-se-ia que a terra tem um grande coração de aço, e que êle pulsa com delírio.

É forçoso partir. Dum momento para o outro posso ter feridos no posto. Àquela hora, já é sabido, as trincheiras são batidas pelas metralhadoras. Há então certos pontos inquietantes, porque as balas veem de frente e de enfiada, e a única defesa possível é rojarmo-nos ao chão e ficar colado à lama, sem bolir, enquanto passam.

Mas agora é seguir e sem detença. Cerrou-se a noite. Eu meto pela *Baluchi Line*.

Corro, a toda a pressa, sobre a passadeira, batendo aqui e além, contra os taludes, escorregando e caindo nos ângulos mais bruscos.

Por cima, umas sôbre outras, num lufar de tu-fão, as granadas zôam incessantemente. A espaços, ouve-se de lá o *tac-tac* impertinente das metralhadoras e, cortantes, às rajadas, as balas silvam aos ouvidos. Súbito algumas, num bando, zunem tão perto como abelhões gigantes, irritados.

Uma bala *dum-dum* de metralhadora retine numa explosão metálica finíssima, como os dois braços dum diapasão, que voassem zunindo, no derradeiro extremo de vibrar.

Longo tempo, êstes sons ficam cravados no ouvido como estilhaços.

Chego. Não há feridos. A artilharia caiu de súbito em silêncio. Espero ainda, mas em vão. Foi um falso alarme, como tantos. Melhor. Vou-me deitar.



Trincheira coberta de neve.

Desenho do Capitão Menezes Ferreira.

Só noite-velha, chamam cá fora. É um soldado que passeando nas trincheiras se encontrou com uma bala vagabunda. Saio a tratá-lo ao posto.

Meu Deus, que frio! Gela. O soldado tem uma das mãos rasgadas, que borbulha e pinga sangue. Emquanto o pensam, à luz baça da vela, o homem bate o queixo, regelado.

E as balas veem; chofram, surdas, na terra. E toda a santa noite, lá por fora, sibilam, ressibilam, num assobio mais frio do que o ar gigante.

10 de Novembro.

Ontem, à noite, de supetão, ordem de partir para o 35, a substituir o único medico que lá restava e baixou, doente, a uma ambulância. Estas coisas, assim, arreliam, que tem diabo. Marchar duma hora para outra, de tralha às costas, sabe-se lá para onde! Eis uma das mais duras contingências da guerra.

A doçura dos hábitos adquiridos, um dos maiores encantos da vida, é coisa que aqui não medra. Vai a gente a criar com todo o amor um habitozinho inocente e zás! arrancam-no pela raiz.

Os amigos, as relações atadas, projectos comuns, tudo lá vai num segundo. Mas depois de três ou quatro dêstes trambulhões ganha-se a in-

sensibilidade e a resistência dos gatos. Ao fim, já temos também sete fôlegos.

Ergo-me por um romper de alva introviscado. Fôra uma chuva miuda empapa a terra. Breve encontro o meu novo batalhão, já em marcha, pois nesse dia, vai para a *recoca*, que é, como quem diz, descançar à rectaguarda.

Sigo mal humorado, como uma velha rabujenta. Agora a chuva cai, soprada por um vento frio dos demónios. A água molha a cara. Escorre pelo pescoço. Pinga das guias caídas do bigode. Pelos caminhos não há clareira firme onde poisar as botas. Enterram-se na vasa mole, chapinham, escorregam. Cada passada provoca um esparrilhar de lama líquida. Cá por mim, vou seguindo sem saber para onde, nem por quanto tempo.

Agora, andada uma légua, fazemos alto. A chuva parou um pouco. Mas o vento, mais ríspido, retalha a cara. Um grupo de árvores, ali ao pé, verga e bate os galhos dum modo lúgubre. E as nuvens baixas, escuras, estiradas, como os grandes dragões das faianças chinesas, veem do céu, rolam nos campos, galopam pelas estradas, furiosas, direitas a nós, disparando chuviscos.

Depois, não querem lá ver! êstes ineus novos camaradas olham-me desconfiados. E logo num dia dêstes. Raio de sorte!

Também, apesar da expectativa saborosa do descanço, tôda esta gente está furiosa. Mandaram-nos estar ali às tantas, para de lá o bata-

lhão marchar em *camions* e, o tempo corre, e ninguém aparece.

Até que enfim surge um oficial do estado maior polido e empertigado como um boneco; apeia-se do seu automóvel; e, espilrando importância, dá explicações.

-- Houve um engano. Os carros vão chegar. Sosseguem.

Mais um compasso de espera e agora lá chegam os monstros.

Encafuados, às dezenas, nas dezenas dos *camions*, seguimos.

O comandante, a quem me apresentei num intervalo, antes de subirmos apresentou-me a um oficial.

— O senhor tenente-médico Albano.

O quê! um médico! Pois obrigam-me a sair do meu batalhão, a pretexto de que êste não tinha nenhum e a primeira pessoa que me apresentam é um colega!

Encarripatados os dois na boleia do *camion*, eu rompo sôbre o companheiro, pedindo a explicação do estranho caso.

— Que à última hora resolveu não baixar à ambulância... que afinal... porque se lembrou...

Olhem que esta! Sinto ganas de o deitar do carro abaixo. Mas êle, compreendendo a minha irritação pelo incômodo deslocamento, diz-me que, dispensando o meu auxílio, declaração que há de

fazer ao comandante, talvez eu possa regressar em breve ao meu batalhão.

Durante horas, a fila enorme dos monstros coleia pelas estradas, espécie de leviatan mecânico, numa tintinação áspera de ferragens. A meio da tarde chegamos a S.^t Venaint. Paragem. Cada um trata de comprar e meter na bôca alguma pequena bucha com que entretenha a fome, pois a viagem demora ainda o dia inteiro.

Partimos de novo, mas no Aire os *camions* param. Não vão mais além. Dali a Quernes, o ponto de destino, devem ser ainda sete quilómetros para vencer a pé. Formo num resumido grupo de oficiais, que logo se me afigura o melhor, já porque é o primeiro a partir, já porque vejo, a meio, um dêles, de mapa na mão, indicando o caminho mais certo e mostrando conhecer aquilo a palmos:

— Tantos quilómetros... corta-se além... a entrada aqui é melhor... etc.

Decididamente êste homem deve ser um guia excelente. E arrancho, contente daquele achado.

Partimos. Vai a tarde a findar. Nêste mês e com o céu todo fechado por nuvens, o escuro cai rápidamente.

Andamos, andamos... e, ou seja a fome que aperta ou o desejo de me arrancar aos caminhos encharcados, já o itinerário me vai parecendo longo.

O homem dos mapas, alturas tantas, rapa do

cartapácio, que leva no bolso, interroga de nariz em cima e acaba por declarar que estamos perto.

—É exacto. Vêem aquella torre além?...

—Sim, senhôr, vejo perfeitamente.

—É a de Quernes; vamos chegar.

Um suspiro de alívio. Cada um medita secretamente nas delícias de comer o jantar, sentado em qualquer parte.

Para mais certeza, como naquela altura passa um carro, um dos meus companheiros fá-lo parar e pergunta se além é Quernes.

Cara espantada do interpelado:

— *Mais non! C'est loin d'ici.*

Sabidas as contas, o nosso guia havia-se enganado e tínhamos que andar outro tanto.

E a fome a apertar...

A noite a cair...

Olho com certo rancôr para o *cicerone* que engrola desculpas e explicações inverosímeis.

Bem! Toca a meter a caminho, de novo.

E parte-se. Mas, logo de começo, percorrida uma centena de metros, damos com a estrada, totalmente alagada num mar de lama. Tentamos rodeá-la: impossível.

Retrodecemos e inquirimos doutro caminho; mas informam-nos que, tomando outro, teríamos de fazer um rodeio de alguns bons quilómetros a mais.

A chuva voltou a cair. É quasi noite cerrada. Resolvemo-nos a tentar a travessia. Voltamos

atrás. Ao lado da estrada, corre um dreno fundo, que chegado ao poço da lama, se confunde com êle. E se caímos lá dentro? Passo a passo, ta-teando cautelosos os alti-baixos do leito da estrada, a água a bater na cara, a lama a entrar pelas botas, tão caídos, que não dizemos palavra, erramos no lodaçal, enterrados até aos joelhos, e a custo arrancando os pés.

Atravessamos. Seguimos. Agora por cautela indagamos de toda a gente se vamos bem.

Emfim Quernes, a autêntica, está próxima. Mas; quási à entrada, o batalhão, que afinal chegou primeiro, parou ali, formado por companhias, bar-rando a estrada, detido não sei porquê.

Vagueio com o meu camarada médico, por entre a turba. Ali perto, a comandar uma companhia, está o alferes Hernani Cidade, heroi do 14 d'Agosto e um dos poucos que já tem a Cruz de Guerra. Peço-lhe que me apresente. Apertamos as mãos. Na minha frente, metido no lodo e no escuro da noite, que também parece de lama, sob as bâtegas frígidas de Novembro, tenho um vulto de impermeável, a um lado a máscara e ao outro o capacete, pendurados. Da face pálida e fatigada vem um sorriso afável. Trocámos algumas palavras. Êle é tão simples e espontâneo, que daí a pouco já caímos numa daquelas conversações, em que duas criaturas, tocando o fundo das coisas, em poucos minutos recíprocamente se medem a altura. O batalhão põe-se de novo em marcha.

E ao apertarmos de novo as mãos, é já como amigos que o fazemos.

Ao chegarmos à aldeia, trava-se a grande luta pelo jantar e pelo alojamento.

Eu estou exausto, cheio de fome, ansioso de me sentar em qualquer parte. Do alferes-provisor ouço logo que se não distribuem rações a ninguém, porque o serviço dos abastecimentos só no dia seguinte pode começar. Os respectivos carros não vieram. Os poucos *estaminets* da terra fôram tomados de assalto pelos primeiros que chegaram. Já não há lugar. E lá de dentro, no clarão da luz, com tudo à cunha, vem um rumôr de copos e pratos, convidativo, que é de fazer desesperar.

Enfim o meu impedido, a quem eu dei dinheiro para me arranjar na aldeia, por todo o preço, pouxada e vianda para os dois, aparece com a notícia milagrosa de ter encontrado. Naquela altura estou com tres camaradas, como eu acossados pela fome, ainda que um possuía uma lata de sardinhas, outro tres garrafas de Bucelas e o terceiro duas de vinho do Pôrto. Pactuamos conduzir aquelas reservas para a minha locanda, em refôrço dum presumível banquete e aí abalamos os quatro.

Entramos: é uma *ferme* de aspecto pobre; mas, como a dona tem batatas, toucinho e ovos e há lá dentro um quarto com uma cama à minha espera, eu sinto-me senhor do *El Dorado* e ordeno magnânimamente que se cozinhe uma larga fritada para todos.

Daí a pouco, com a *mademoiselle* da casa, fresca e amável, a servir à mesa, no meu quarto, já todos esquecemos as contrariedades do dia e julgamo-nos no melhor dos planetas.

Afinal o meu colega é um companheiro excelente e possui um vinho do Pôrto delicioso.

O toucinho estava salgadíssimo, de maneira que nos vimos forçados a esvaziar as cinco garrafas.

Acabou a ceia. Fala tudo ao mesmo tempo. Ninguém se entende. E já no fim o meu colega, como eu atrevidamente lhe pusesse em dúvida os seus conhecimentos sobre Galileu, replica, ofendido, conhecê-lo muito bem, e afirma, entarantadamente:

— Descobriu até que o Sol volta à gira da terra.

Coisa que, de facto, Galileu não descobriu, por não ter usado o verdadeiro método científico, que consiste em beber vinho do Pôrto até ver os astros à volta.

Por onde se descobre também que naquela altura tudo girava às mil maravilhas.



Durante um bombardeamento de gás

DEZEMBRO DE 1917

QUISERAM os fados que eu neste mês viesse a Portugal para sentir mais uma dôr da guerra, completando assim com os infortúnios do acaso as deliberações do meu voluntariado. Dois dias volvidos sôbre a minha entrada no 35, regressava ao meu batalhão, o 23. Também êste veio para a rectaguarda. Ia demorar-se em descanso. Por fins de Novembro os deputados em serviço no C. E. P. reuniram e resolveram ir todos a Portugal, pois unânimemente concordavam que havia defeitos e erros graves a corrigir na organização do corpo expedicionário. Além disso, tinham assentado na necessidade inadiável de fazer substituir o govêrno.

Não assisti; mas por intermédio dum camarada recebi do meu amigo, o coronel Sá Cardoso, a comunicação das resoluções e o pedido de ir também. Todos tencionavam demorar-se o menos tempo possível. Era um dever a cumprir.

Não obstante conhecer já então muitos daqueles defeitos, — particularmente no que diz respeito a comandos, — e a necessidade de os corrigir, longamente hesitei, pesando conjuntamente no outro prático da balança a possibilidade de serem inúteis os meus esforços, mais uma vez.

Não. Quero ter mais tarde o direito de falar. Resolvo partir. É o tempo de ir a Portugal e regressar, quando o meu batalhão voltar às trincheiras. Aos meus camaradas peço que me avisem, apenas souberem do seu regresso às linhas. Compro o meu bilhete de ida e volta, e parto.

Fui o último ou um dos últimos a seguir. Quando cheguei a Portugal, a 10 do mês, a tragédia consumára-se. Volvidos três ou quatro dias, o indispensável para descançar, apresentei-me no Quartel General da Divisão em Coimbra, pedindo guia para regressar imediatamente à França.

Iam comunicar para Lisboa a minha estada e eu receberia ordens a seguir. Em Lisboa, esqueceram-se, burocráticamente, de responder ao telegrama. Tive que insistir e reinsistir no Quartel General pelo pedido da resposta, que afinal sempre veio, mandando-me regressar imediatamente a França. Todavia mandaram-me seguir para Lisboa a fim de regular certas formalidades de itinerário e passaporte.

Chegado aí, reconheci melhor o espírito que vencera a revolução e agora se mostrava às escâncaras. Vencera a mancomunação das fôrças

mais antagónicas, que se mascaravam inabilmente para esconder os desejos e pensamentos inconfessáveis que haviam. O partido democrático cometera erros? É certo. Não eram todavia tantos que contrabalançassem os inconvenientes gravíssimos duma revolução naquela altura, fôsse ela a mais bem intencionada. Uma única razão de carácter político, tomando esta palavra no sentido mais restrito poderia atenuar o criminoso movimento: era a convicção em que estavam o seu primeiro chefe e por certo muitos que o ajudaram ou favoreceram de que a Alemanha vencia.

Para a maior parte dêsses, tal convicção representava uma profissão de fé; que o era em dois sentidos, — pela declaração duma fé política idealmente representada nos processos da Alemanha e pelo desejo e confiança na sua vitória.

De qualquer dos modos, os defensores da nova situação dividem-se em dois grupos, pecando ambos por um excesso, ainda que de natureza diferente. Uns, por excesso de fé na vitória da sua causa política, inevitavelmente perdida, tanto é contrária ao sentido mais profundo da civilização humana; outros, os republicanos, por falta de fé na sua causa, que julgam comprometida com o poderío da Alemanha.

Muito antes da minha partida para a França, eu sabia pelo Dr. Augusto Soares, naquela altura ministro dos Estrangeiros, que o nosso ex-mi-

nistro na Alemanha, então de regresso, trazia a convicção de que o grande império não podia ser vencido.

O amor ou o receio da Alemanha, ambos servidos pelo ódio político e aproveitando-se do medo à guerra, que se explorou com promessas tórpes, eis o que é essencial neste movimento. O resto são palavras para esconder a verdade.

A contra-prova venho encontrá-la em Lisboa. Nós os que estamos em França somos olhados com desdem, quando não é com desprezo. Dizem-nos com o ar mais natural dêste mundo as coisas mais afrontosas.

Fazem todos os possíveis por denegrir uma acção, de cuja glória êles deliberadamente não querem ou não tem coragem de participar. Generalizam a todos as comodidades ou os erros dalguns; atiram-nos à cara o dinheiro que ganhamos; e decláram-nos sem reбуços não acreditar nos perigos da nossa guerra, insinuando, com pancadinhas maliciosas no ombro, que «aquilo é uma pândega».

Isto vai a termos que duas pessoas cultas e de categoria, contando-me os horrores do bombardeamento pelo 5 de Dezembro, me afirmáram que nunca nós em França sentimos coisa que se comparasse!!!

Ao meu sorriso responderam, teimando, com cólera indignada.

Mais tarde, duma testemunha presencial, dos

que combateram os revolucionários, ouço a afirmação convicta de que no próprio dia em que as forças governamentais retiraram do Rato, os revolucionários facilmente teriam sido vencidos, se uma coluna os ataca de frente, cara a cara, com energia.

Era sua opinião que ainda então êles estavam cheios de receio e sem confiança no resultado da empresa.

A mesma testemunha, que fazia parte dessas forças, ali propôs aquêlê alvitre, chegando a perguntar se alguêm o queria acompanhar naquêlê ataque. . . Os chefes eram de opinião contrária.

A honotabilidade da testemunha, o alferes miliciano e voluntário Joaquim Ribeiro, que viera de França, alguns dias antes, na sua qualidade de deputado e que tomou uma parte muito activa no ataque à Rotundá, dá valor ao depoimento.

Prova isso apenas que do lado do govêrno a falta não era de homens, mas de espírito combativo, fôrça esta què se não forma espontâneamente e isoladamente em cada individuo dum exército, pois é de geração colectiva e se inspira sempre nos movimentos secretos da turba, na atmosfera moral que nos rodeia.

Que as outras fôrças fôssem pequenas e desagregadas também é de crêr. Por isso mesmo a sua vitória se revestiu dum carácter de extrema violência, que a cada passo mais se afirma, exactamente para esconder as suas fraquezas.

Parto, mas, antes de partir, escrevo ao Dr. Afonso Costa para o forte de Elvas, afirmando-lhe a minha indignada revolta contra o procedimento havido com êle e oferecendo-lhe a minha solidariedade para a defesa dos altos princípios, pelos quais ambos tínhamos combatido. Eu sei que as suas cartas são todas abertas e que isto bastará para definir uma atitude, o que não faço publicamente para não dar ensejo a alguma violência que me prive de retomar imediatamente o meu nobre lugar nas linhas.

Parto com o coração dilacerado e cheio das mais graves preocupações. Pressinto que o nosso grande esforço em França vai sofrer muito no seu valor e significado. É quantas conseqüências pode essa transformação acarretar no futuro?

Ao chegar a França e especialmente em Paris, encontro ali nos olhares, na frieza das palavras, e em certa propositada desatenção, o mesmo desprezo por nós que me vexava na minha Pátria.

Mudou completamente a atmosfera de simpatia em que nos envolviam. Todavia aqui a causa é diferente. Lendo os jornais, logo a presumo, e, falando com alguns compatriotas, ratifico as minhas suposições.

Tanto mais que um camarada — o Joaquim Ribeiro, que viera alguns dias antes de mim, teve a explicação directa e inequívoca desse desprezo.

Estava êle nas Galerias de Lafayette, a olhar o mapa da guerra. Um homem parou também e perguntou a um segundo espectador que procurava êle na carta. Ao que êste respondeu, de olhos no portuguez, com aquella clareza do pensamento e do verbo, tão próprias do seu génio nacional:

— *C'est la prise de Lisbonne par les Allemands.*

A TERRA FANTASMA

Janeiro de 1918.

ESTOU de novo nas linhas.

Cheguei aqui num turbilhão de neve.

Em Amiens apeei-me. Nos braços dum vento agudo, mal eu cheguei, veio uma grande nevada.

Primeiro, como um bando de aves, alguns flocos brancos isolados. Cairam. Depois súbitamente os lírios desfolhados afluíram e despenharam-se às golfadas. Agora a nevada envolve num redemoinho alvo toda a cidade e açoita com as mãos lívidas o rosto dos viandantes.

Êles vão pelas ruas apressados; deslisam sem rumor de passos. Ouvem-se as vozes mais nítidas, como coisas isoladas e fugidas, sôbre o dôce fru-fru imperceptível dos flocos tombando.

Do alto em torrentes surdas a nevada cai. A grande catedral sossobra sob a tormenta dos farrapos brancos. Ninguém à volta. Vista a distância, lembra um navio que se afunda em pleno Ártico.



Um bivaque atrás das primeiras linhas

Tudo morreu no convez. Vêem-se apenas as vergas brancas e os mastros hirtos à tona.

Um acaso feliz depara-me um automóvel nosso que vai para cima. E horas seguidas vôo numa tempestade de neve, — eu próprio também farrapo duma tempestade maior.

Toda a planície é branca. Os alciões de neve veem às bândadas e abatem no mar imóvel. Outras vezes um desfazer de plumas palpitantes vôa e tomba lentamente, ou chovem, em poeira láctea, violentas bâtegas de alvura.

Chego às trincheiras. Um mar alvíssimo. A nevada voltou a cair, mas sem vento, mais quieta. Um Vesúvio de neve fez irrupção. Caem torrentes de lava branca; depois a cinza às ondas. Aqui e além curvam sob a tormenta restos esfacelados de Pompeias, arrasadas e sepultas. Mudamos de sector. Mas é sempre a mesma planície vessada de explosões e arregoada pelos fossos.

Esta terra morta, com cicatrizes fundas pelo corpo e os fantasmas de pedra à beira das estradas, ganhou enfim sua mortalha própria. A paisagem da Morte fantasmizou-se sob o lençol nivoso e frígido.

A nevada parou. Cai um grande sossêgo. Sobre a quietude das coisas pasma a reverberação da luz imóvel.

Fui à primeira linha visitar camaradas. Ali a terra branca lembra as paisagens lunares, cheias de silêncio e de abandono. Por entre as grandes

clareiras alvas os bordos das trincheiras e crateras refrangem de brancura. Até aqueles nomes pávidos da geografia lunar aqui diziam bem: o *Mar da Tranquilidade*, o *Lago da Morte*, o *Pântano dos Sonhos*. O chão está rasgado de grandes covas brancas, como túmulos abertos, a um luar álgido de além mundo. Lá dentro os espectros mexem, coçados nos lençóis brancos. E os poucos vultos que andam cá por fóra, saídos das campas — frangalhos de casas hirtas, espigões de árvores esgalhadas, pararam, hesitantes, encolhidos na sua pálida mortalha, com súbito mêdo a uma nova morte.

Dir-se-há que são novos ainda no seu mister de fantasmas.

Só quando a neve cai de novo, e o céu mais branco e turvo os cingê, êles então se animam e remexem, ronda calada no turbilhão alvíssimo.

Veio de novo um palpitar esvoaçante de plumas níveas. Nós próprios, amortalhados, fantasmados de brancura, pairamos com passos fôfos sôbre as penas brandas.

É tarde. Os sons morreram; e a luz mais ténue e imóvel se tornou. Vou para o túmulo também. Sigo sózinho para o posto pelas estradas ermas. Silencioso e distraído, descondensei-me. Já faço parte da nevada; vou ao sabor do vento, flutuando e nevando.

Passam por mim alguns soldados. Tão branco e puro vou que perdi os galões. Não me conhecem. Não me saudaram.

Deixei toda a aparência própria: sou um espectro, passando por outros espectros e todos mergulhados no seu destino íntimo.

Oh! se ela—a neve, caísse tanta que a gente palpitasse, como um fluido, escondido aos olhos dos estranhos . . .

Recolho. Vou entrar no meu abrigo.

Lá dentro tenho um pequenino fogão, salvo sob as ruínas duma *ferme*, e lenha, — a lenha que os soldados cortam no madeiramento das casas abandonadas.

Paredes meias do meu abrigo, um cemitério de guerra. Olho p'ra lá: as pequenas cruzes de madeira, sob a neve, alastraram numa forma difusa, e lembram, emergindo, alvinitentes, um tôsko campo fúnebre de mármore, mal esculpido ainda.

Sob o grande sudário alvo dorme um milhar de guerreiros. Entre os mais próximos veio dormir p'ra ali um camarada inglês, médico também. Bôas noites, colega. . . Mas que sono profundo e sossegado! . . . Pois se até as memórias dos seus nomes sôbre os braços das cruzes a neve sepultou! Quem os há-de acordar?! E agora a noite por cima! . . .

Ali é Morte e esquecimento puro. Mais perto ainda há doze soldados portugueses. Sôbre vocês, rapazes, pesa um esquecimento bem maior. . .

Bôas noites, meu nobre camarada. . . Quem sabê se êste abrigo noutro tempo foi teu?

Bôas noites, meus pobres irmãos de Portugal. . .

Adeus. Deito-me. O fogão fica aceso. Apago a luz e adormeço.

Altas horas acordo a um surdo rumor oceânico de ondas espadanando e refluindo na ressaca. Depois choques confusos e desabamentos.

Ergo-me e abro os olhos. O clarão vermelho das brasas, que ardem ainda, desenha, a sangue, pulsando frouxamente, as longas costelas curvas da carapaça férrea do meu abrigo.

Lá fóra um marulho de águas densas, onde êle flutua e voga.

Entorpecida de fadiga, a memória vê ainda a neve, sempre a neve. Cerro os olhos, aos poucos, sonolento. E na bruma da luz, do som e do ser dormente, vejo-me, novo Jonatas, dentro do ventre dum cetáceo, vogando, sumindo-me, afundando-me no abismo do mar dos polos, sob o surdo fender, ruir e espedaçar dos alvos *icebergs*.

-GRITOS NA NOITE

19 de Janeiro de 1918.

O TEMPO rodou. Foi-se a neve. Depois toda a lama do chão empederniu, gelada. As estradas teem uma crôsta sêca e dura. Volta o sol e volta a lama. Pelas manhãs, a água dos drenos é canais gela profundamente. Os ramos das árvores sem fôlha vestiram-se também duma bainha de gêlo, e quando o vento sopra, os galhos farfalham com estalidos sêcos, espilrando à volta uma saraivada de pedriscos duros.

Depois trovoada e a seguir a chuva, a chuva em grandes cordas.

Secou de novo o tempo.

Ah! mas quero-vos contar...

Hoje, meia noite seria, disse ao meu companheiro:

— Toca a deitar. Lá pela noite pode haver serviço.

Foi o tempo de estirar o corpo. Nas linhas os

grandes morteiros trôam. A seguir a inferneira ofegante dum S. O. S. As fúndas fauces de aço rugem, bramam, rebramam de ensurdecer. Saímos fóra a examinar. Vai alta a luta de lado a lado. Um camarada, para fazer-se ouvir nesta maré cheia de bramidos, grita-me ao ouvido:

— Decerto, algum *raid* dos *boches*.

Para trás, na espessura da noite, a toda a volta, as bôcas da artilharia escarram lume tonitruando com violência doida. No fundo jardim da treva desabrocham às centenas, para logo murchar e reflorir, os gigantescos cravos de fôgo.

São fogachos que pincham e se escondem e ressurgem depressa, mais depressa, ainda mais, como façandola de bruxas doidas na vertigem do bailado.

À luz dos *very-lights*, as árvores vestem-se de um zaimf fantasmal e drapejam gases azuladas. Depois cáem de súbito no escuro.

As horas passam. Afrouxou a luta. O que espanta é que os feridos inda não viessem.

Vamos de novo a deitar-nos, quando lá fora se ouve: — Ai! Ai! — mas num uivo rouco, num bramir de fera a quem rasgassem as entranhas.

Aqueles gritos são tão agudos e dolorosos que varam a noite e a alma. Logo a seguir as rodas da vagoneta dos feridos raspam e guincham pesadamente nos *rails* da Decauville.

E cá fora as vözes dos maqueiros:

— Há aqui feridos. Venham ajudar.

Já os enfermeiros rodearam a vagoneta. Como a Decauville pára um pouco longe da entrada do pôsto e o gemer guaiado indica grandes feridos, traz-se uma vela para alumiar.

Ao trémulo clarão vêem-se as faces dos dois maqueiros, brancas, sem pinta de sangue.

— Homens, que teem vocês?!

— É que as metralhadoras estão a bater a linha e, mesmo agora, aqui ao cimo, uma rabanada de balas nos passou tão-rente da cabeça, que nos pôs de pé os cabelos.

Cautelosamente transportaram-se os feridos. O meu colega tomou conta do mais grave. Já tem o corpo estirado sôbre a maca. Alguém diz: — É o rancheiro da *primeira*.

De pé, ao lado, um maqueiro alumia de vela na mão. A luz frouxa bate de cima. Lá se vê o grande vulto pálido donde saem sangue e gritos. Abriram-se as portas que escondem a Vida e ela aqui está, a palpitar, como um coração a descoberto.

Trabalha-se afanosamente. Cortam-se e arrancam-se os pedaços da farda esfarrapada e ensanguentada. O homem tem uma larga brecha numa côxa e um braço esfacelado, em chanfradura vasta e funda, do ombro ao cotovêlo. O ôsso fracturou, e a parte inferior do braço e a mão oscilam, bambos. O sangue pinga. Então o pobre levanta a cabeça: quer inteirar-se da desgraça; e, adivinhando-se condenado, o soluço que arranca do peito é espantoso e fundo como um mugido.

Perante o homem que o combate rasgou e vai talvez-morrer, tomou-me uma onda violenta de ternura.

Levanto-lhe a cabeça e dou-lhe cordeais à boca, ressequida de sede. E, afagando-lhe a cara, procuro amparar-lhe a alma.

— Homem, tem coragem. Não é coisa de perigo. Tens-nos aqui ao pé. Não chores. Não esmoreças.

Mas êle adivinha talvez no enternecimento com que lhe falo a horrível verdade. E, pondo os olhos em mim, quási com repreensão, arranca lá de dentro numa voz, que acaba soluçando:

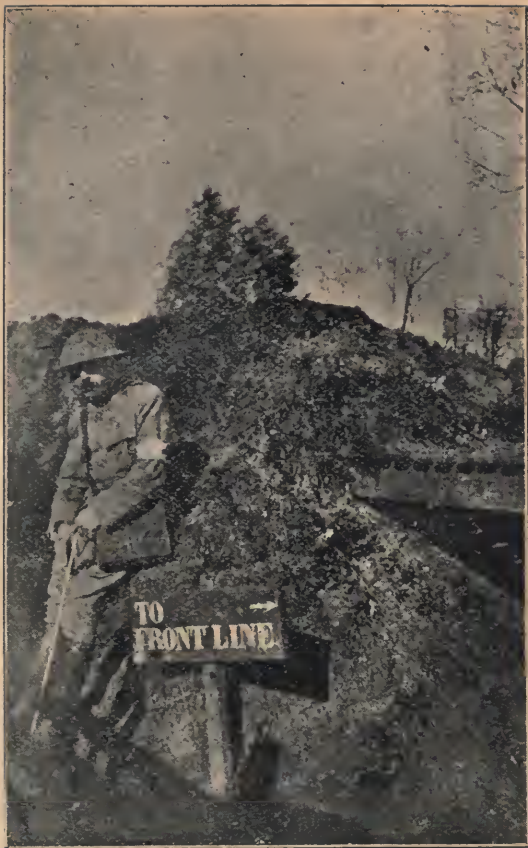
— Ah! senhor doutor! eu não choro por mim... É que eu tenho mulher e três filhos!...

Coitado do rancheiro da *primeira!*... Sente a vida fugir-lhe no corpo esfrangalhado; o sangue correu numa onda; martirizam-no as dôres e os próprios cuidados que lhe damos; e a sua alma salta lá de dentro com esforço heroico e parte num grande grito comovido para os que estão longe...

O outro que vem, êsse, fechou os lábios, cerrou os dentes, cravou os olhos em nós num desafio e sofre tudo, estóicamente, friamente, sem uma queixa.

Ah! rapazes! Como vocês são grandes!...

A ambulância-automóvel, que nós mandamos buscar à pressa, roda lá fóra, vinda de *Greenbarn*. Parou e arqueja ansiada, como um coração aflito. Mais um ferido ainda. E outro. E agora, devaga-



Abrigando-se das balas na *Baluchi Line*
(Neuve-Chapelle).



rinho — «Tenham cautela... Não os magoem...» — já se meteram lá dentro no fundo lóbrego do carro, nas macas sobrepostas, como os beliches.

O carro parte e corre. Lá vão. Coitados!

Mas nas almas ouve-se ainda aquele heroico e triste adeus à Vida.

É quasi madrugada. Sente-se a aragem fina percursora das tintas de alva. Um torpor ganha os membros. E, espreguiçando, o meu colega diz:

— Agora vamos deitar, que já ganhámos a noite...

E entramos no abrigo.

Já deitados, as pálpebras coladas de fadiga e a consciência entorpecida a afundar-se no sono, despertámos, sacudidos por um grito atirado à porta da nossa caverna, lá para dentro, num doído alarme:

— Senhor doutor: um *boche* ferido!...

O meu companheiro saltou da cama e enfiou porta-fora, tão depressa como a voz entrou. Quando saí por minha vez, vi já um tumulto de gente confusa entrando a bôca do posto e logo a seguir, como por encanto, o alemão estendido na maca alta.

À volta um redemoinho de gente curiosa.

Era um moço gigante, loiro e belo. Tinha a cara manchada de sangue, com grandes dedadas escritas. O fato de patrulha, impermeável e cinzento, que no feitio iguala a véstia larga e inteiriça dos palhaços, estava coberto de listras de

sangue e manchas de lama espessa, a lama da *terra de ninguêm*, por onde êle rojára em direcção a nós. Por baixo, na borda da farda, a fita da *Cruz de ferro*. Tem as divisas de cabo. Lavada a fronte e o rosto, fica a descoberto a sua única ferida: um pequeno buraco sangrento, de bordas regulares, entre as sobancelhas, por onde deve ter entrado bala ou pequeno estilhaço.

Agora, limpa do sangue, a face resplandece orgulho e audácia.

Mas a população do posto, uma vintena de homens, cinge-se à volta, com ânsia doida. Quer ver. Não há fôrças que os arredem.

Um deles segura o côto de vela único, que bruxoleia aceso. Uma luz amarela cadaveriza as expressões.

Ao clarão esférico, que palpita e anseia, vê-se apenas a face e o tronco do ciclope, e à volta, destacando, o círculo violento de caras imóveis e olhos devoradores, esbogalhados.

Tudo o mais a treva come.

As faces esfaimadas fluem e refluem, ao ritmo dos nossos movimentos, mas logo possessas e atadas pela mesma ânsia se debruçam, à uma, cravando o olhar sôbre o belo inimigo tombado.

Olham-no, como quem olha um habitante doutro mundo, tão diferente o julgam e êle é na alma, na língua, nos costumes e na sua formosura bárbara.

Então o gigante loiro, reanimado, volta a si.

Abre os olhos e deita, lá do seu além-mundo, um olhar pávido sôbre aquela turba de diabos trigueiros que o espíam.

De repente ergue-se a meio, afasta-nos a todos com os braços poderosos e tenta levantar-se e sacudir-nos. A luz recua. E o homem estrebucha na sombra, filado por dezenas de mãos, que se enclavinham. Lentamente tornamos a deitá-lo. Mas decerto, atingido nos centros cerebrais, o homem delira. Ergue-se de novo, brusco, brutal, selvagem, com o arranque irado dum titan lutando. Na sua bravura doida é mais belo ainda. Mas os outros à uma tomam-no, e no claro escuro dançante, na sarabanda de luz e sombra que pincha e flutua no estreito recinto, aos movimentos sacudidos da pequena luminária, trava-se a luta dos demónios ansiosos com o inimigo moribundo e doido.

Findou o prélio lúgubre. Eis o gigante sujeitado.

Agora esvaziam-se-lhe as algibeiras, repletas de pequenas coisas. Todos aguçam a garra para um *souvenir*. O meu colega dando o sinal, escolhe um pequeno objecto e oferece-me outro à escôlha. Então os homens abatem, sôbre a prêsa, como um bando de corvos. Querem arrancar-lhe os botões, a fita da cruz, pedaços da farda. Insa-ciáveis, remexem o corpo, como os gatunos das batalhas despojando um cadáver.

É necessário pôr côbro à violação.

—Alto aí!

O automóvel chegou de novo. Abalou com êle.

Cá fora dealba a manhã lívida. As coisas estremunhadas sacodem de si a névoa. Os homens pálidos tiritam ao frio agudo. Cançadas de latir e vomitar a morte, calaram-se as últimas metralhadoras.

O ESGALHADO

20 de Janeiro.

AQUI no batalhão há um corneteiro que dá pelo nome de Esgalhado.

O Esgalhado é um rapaz trigueiro, mais alto que baixo, fino e sucado de carnes, bem lançado, tirado das canelas.

Tem no rôsto perfeito, que a *patine* do sol e do vento recrestou, dois olhos vivos, muito vivos, dêstes que olham a direito, com insistência, quasi impertinentes. E sôbre o lábio um buço leve de guias arrebitadas. Pulsa-lhe a agilidade no corpo musculoso. Nado e criado lá pela Beira marítima, entre a Estrêla e o Mar, conjuga em si as duas graças portuguezas — a serranil e a marinheira. Parado, poisa as plantas no chão e arqueia o busto, como quem vai a bordo sôbre as ondas; e a andar, direito à meta, modela o corpo no geito alado do žagal, que, no viso dos montes, o pé fincado e o braço em funda, joga a lapada à testa do rebanho.

Com que olhos hão de olhá-lo as môças da sua terra!...

Adivinha-se ali um jogador de pau. Um destes faias da aldeia, lesto e atrevidos, que armam o reboliço numa feira.

E como é sêco, esbelto, ardido, airoso, não lhe vai mal, por minha fé, aquele nome de Esgalhado. Emfim um destes puros sangues lusitanos, já tão raros, estatulado pela fôrça da terra e pelo sonho ardente das mulheres, e cuja *maquette* devia figurar num museu étnico, a atestar ao forasteiro as virilidades tersas da raça.

No batalhão, entre os seus camaradas, é invejado e temido. Invejado, porque nessas aldeias de França, *estaminet* ou *ferme*, onde entre e haja *mademoiselle*, bem podem os outros arrastar a asa; a quem ela desde logo rende as derretidas graças é ao Esgalhado.

Contam-se até aventuras suas com *mademoiselles*... Mas que aventuras!... Cala-te, bôca.

E temem-no porque « não corta, nem está lá com razões ».

Diz-se mesmo que, em certos pleitos internacionais, sôbre primazias de raça, tem provocado alguns incidentes lamentáveis capazes de afectar as nossas boas relações com a « Velha Aliada ».

Em resumo, o Esgalhado é *chauvinista*. *Chauvinista* e repontão. Repontão com tôda a gente, incluindo os superiores. Por causa dessas e

doutras a ordem menciona frequentemente repressões e penas correccionais a seu favor. Ainda há três dias foi castigado. Todavia aquilo é homem pr'as ocasiões. Por exemplo: o batalhão tem que marchar algumas léguas. Mas os soldados vão estenuados, derreados, sem linha. É necessário animar os rapazes para cortarem com garbo estas estradas da grande França, cheias de soldados de todo o mundo.

Nessa altura o nosso corneteiro ergue a cabeça, respira fundo, empunha a tuba e tem fôlego para fazê-la vibrar e restrugir, horas seguidas, num clangor heroico. E, soprando e tangendo, ganhache o vulto tão soberbo andante, que se diria ser êle quem comanda a tropa toda.

Da última vez que o batalhão veio pr'as *trinchas*, a pé, duma distância de oito léguas, aconteceu que os soldados tiveram de palmilhar as longas estradas, açoitados por uma tempestade de neve. O vento era de fio e ponta, como naifa. E as lufadas dos flocos alvos batiam a cara, cegavam os olhos. Para o fim, os soldados, sob a pesada tralha das mochilas e espingardas iam exaustos, abatidos, os pés em ferida e os ombros cortados pelas correias, em carne viva.

Mas estes diabos dos ingleses surgem de cada canto, aparecem às portas e olham do alto do seu cachimbo se o portuguesinho se aguenta bem. Ao Esgalhado fervia-lhe o sangue. Para êle não há como um português. E dizia para um camarada:

— Estes tipos, se calhar, estão a fazer pouco da gente.

Nisto alguém se lembra que seria bom mandar tocar as cornetas.

Mas o Esgalhado leva a bôca ferida e retalhada pelo vento. Não importa: põe-na à bôca e arranca do metal sons dum timbre tão épico, tão vibrante e cadenciado, que daí a pouco o batalhão marchava todo como quem volta triunfante dum assalto.

Sob o esforço com que a bôca cinge e assopra, os beiços sangram. Pouco importa: êle toca. Ao vê-lo assim, ordenam-lhe que não toque mais: mas êle faz orelha surda. E de cabeça alta, o olhar em fôgo, é a bôca a escorrer sangue, o corneteiro toca, toca sempre.

O Esgalhado... ora digam: não é um nome de guerra? Não está mesino a pintar?

Pois ontem o Esgalhado portou-se como quem é.

Hão de lembrar-se do que eu lhes contei. Aí por volta da meia noite, foi um inferno de artilharia; depois vieram alguns feridos nossos e no fim veio até um alemão.

Ora o capitão Mousinho comandante da companhia que estava nas linhas e o alferes Lorga, comandante do pelotão que ocupava a primeira, já me contaram como as coisas se passaram.

O Mousinho até, como adoeceu e está febril, e a minha cama sempre é mais quieta, veio pra aqui esta noite e lá está. Cedi-lha.



Tenente-médico Moura Neves
no Posto de socorros de Green-Barn.

Eu vim pro posto e pensei em dormir na maca. Naquela maca, onde esta madrugada ainda, os soldados gemeram, agonizaram e deliraram.

Deitei-me lá. Apaguei a luz. Mas o quê? As paredes desta caverna embeberam-se em gritos, em aflição, em sangue. E no escuro começam a tressuar.

Por fim a sombra interior torna-se espessa, e mexe-se, estremece, toca a gente com grandes mãos aflictas. E ágora vão lá pregar olho.

Tornei-me a erguer. Risquei um fósforo e acendi a vela. Lembrei-me das palavras dos camaradas, ainda há pouco. Decidi-me e vou-vos contar isto, tim-tim por tim-tim, a vocês, vocês todos os que mais tarde hão de gostar destas historias.

E foi assim :

Às onze horas, na primeira linha, começaram a cair os morteiros pesados. Ao mesmo tempo sobre a esquerda as metralhadoras *boches* trabalhavam com mais fúria.

O Lorga, desconfiado, deu ordem ao sargento António para fazer também fogo de metralhadora.

Ao duodécimo morteiro que caía na primeira linha, a artilharia alemã rompeu num fôgo de baragem intensissimo sobre a segunda e em volta do comando da companhia.

Intento claro: — separar as duas linhas pelo fôgo de tal modo que pudessem cair sobre a primeira e seguir e levar tudo. As metralhadoras e as espingardas dos nossos despejam um aguaceiro de

projecteis sôbre a *terra de ninguem*. Dentro em pouco a nossa artilharia faz o mesmo.

Mas à esquerda no sector pegado, os *boches*, mais felizes aí, entraram já. Tiros, luta, feridos, mortos. E os portugueses recuam. Um alferes ⁽¹⁾ vem de lá, e, ao chegar ao nosso primeiro posto, diz ao cabo que ali comanda uns três homens, António Carlos Brandão:

—Retira, ó cabo, que os alemães já cá estão dentro.

Evidentemente supunha perigosa a permanência ali dum grupo tão pequeno.

O cabo respondeu:

—Não retiro. O nosso alferes Lorga é quem comanda aqui. E êle não mandou retirar.

Só quando recebeu ordem de retirar e exgotou as 24 granadas de mão, se foi juntar ao seu comando.

Então o Lorga organizou com parte das suas fôrças um grupo e à frente dos seus homens, trincheira fóra, à granada e a tiro, limpou-a de *boches*. Foi nessa ocasião que o alemão caiu. O Lorga mandou transportá-lo para o pôsto. Os restantes, saltando o talude, escoaram-se pela *terra de ninguem*.

E no escuro da noite, no trágico terreno revolvido, ouviam-se os gritos e o gemer dos feridos.

(1) Êste mesmo alferes se portou heroicamente, a quando o 9 d'Abril.

dos arrastando-se, debaixo da chuva da metralha.

Na segunda linha, entretanto, desde o começo, as granadas caíam, umas atrás outras, vertiginosamente, picotando a terra, cingindo o abrigo do comando e tentando encurralar os homens a toda a volta numa jaula de fogo.

Era a barragem. O inimigo fechava-os ali para saltar mais facilmente e invadir, deitar a garra, talvez mesmo avançar.

As vozes não se ouviram. E a deslocação do ar tornara-se tão violenta que, a cada passo, dentro do abrigo se apagava a luz.

O comandante, o capitão Mousinho, saiu fóra e lançou, por entre as explosões um foguetão de S. O. S., o alto grito vermelho, que corta a noite e sobe lento numa golfada de sangue, pedindo socorro à artilharia.

— Salvem as nossas almas!

E a artilharia não respondeu. As luzes às vezes falham.

Era, pois, inadiavelmente necessário levar uma ordem lá adiante ao telefone, senão estariam perdidos. Mas o caminho era a descoberto e as granadas tombavam às dezenas num vendaval silvante.

Ao lado, um outro abrigo já fóra pelos ares. E de lá tinham arrancado o rancheiro mortalmente ferido e outros já a caminho do pôsto de socorros.

O comandante então pegou dum pedaço de papel e rascunhou a ordem. O abrigo enchera-se de soldados, já porque era impossível andar lá fora, já porque êles nas ocasiões supremas se aproximam dos chefes que são fortes, tal como os viandantes, das árvores altas, quando o raio estala. Voltou-se e procurou com os olhos a ordenança para lhe entregar a ordem. Mas aquele papel era uma espécie de bilhete de viagem para o outro mundo. A ordenança estava enfiada, sem pinta de sangue. Não se mexeu, não abriu bico.

Fóra os rebentamentos sucediam-se e o abrigo dançava, violentamente sacudido. Mais alguns minutos e tudo iria pelos ares e o batalhão estaria perdido.

Entre os homens, à frente estava também o Esgalhado, — o correccional, a quem o capitão ainda há dias castigára.

Pálido, mas sereno, o comandante bradou, muito alto, para que a voz se ouvisse no meio dos estrôndos:

— Não há aí um homem valente que seja capaz de levar esta ordem?

O Esgalhado deu um passo à frente.

Nisto uma explosão ribomba quási ao pé.

E o comandante disse:

— Vai, Esgalhado, que ou morres ou ficas celebrado para toda a vida.

O outro, atalhou com secura:

— Meu capitão, dê cá o papel.

E abalou, porta fóra, a correr.

Cá fóra a noite endoidecera. Espilravam incendios e arrebetavam estrondos, como se a cada canto jorrassem vulcões.

E o Esgalhado corria. A terra-erguida e o ar silvando faziam-lhe um cêrco de chicotadas. Tinha dado alguns passos e uma granada logo por trás, explodindo, levantou, fendeu, cuspiu em mil pedaços uma vagoneta. Na corrida, tropeçava, batia nos troncos, ia cego. Mais adiante caiu numa cratera.

Té que chegou. A ordem partiu.

E logo após a nossa artilharia troava, febril.

E as almas oprimidas sentiram que estavam salvas.

O ALMÔÇO DO PINTOR

14 de Fevereiro de 1918.

EU dissera ao meu companheiro:
— Ora oxalá não nos suceda alguma.

E revolvia na idea aquele nosso jantar daqui há dias.

Estavamos a meio e vieram dizer que tinham trazido um morto ali da estrada. Fomos ver. Como era escuro já, tiveram que alumiar. Lá estava o soldado deitado na lama. Quando seguia, aqui perto, *pim!* uma bala *dum-dum* de metralhadora entrou-lhe pela bôca e estoitou. Trouxeram-no em braços e deitaram-no ali.

Debrucei-me. A sua cabeça era uma massa sangrenta e chata estendida no chão. Lembrava um destes balões vermelhos de *caoutchouc* com que as crianças usam brincar e que tivesse estoirado. Perdera de todo a forma primitiva e humana. Êste milagre de construção que nós trazemos sô-

bre os ombros estava ali esborrachado sobre a terra, alastrando carne, miolos, sangue.

No dia seguinte veio outro, tal e qual na mesma. Só a bala entrara pelo temporal.

O certo é que a seguir a gente senta-se para comer e custa a engulir o bocado. Temos no olhar o espectáculo do companheiro morto. Depois não é só isso: sente-se não sei que frio cá dentro e lembramo-nos que aquela bala, — *hein!* — podia ter entrado em nós. E a idea de que se pode ficar assim, palavra de honra, não é de abrir o apetite.

Pois é verdade. Ainda não lhes disse. Oferecemos ontem um almôço. Mas dia 13... quarta-feira de cinzas... Não vá o diabo tecer alguma...

E um almôço a um Pintor. Fazem favor de reparar que é com *P* grande.

Era ao nosso Pintor da guerra, Sousa Lopes. Já tinha visto, lá pela Lísbia, uma exposição sua, mais que suficiente para lhe ter amor, como se tem a um grande artista da nossa terra.

Mas também lhes digo: se o não admirasse ainda, começava a admirá-lo agora. Porque emfim para pintar a guerra veio fazer os cartões para as trincheiras. Eu vi, eu vi-o na primeira linha, a setenta, oitenta metros do *boche* sentar-se num saco e, imperturbável, apontar de *crayon* em punho, demoradamente.

E vi já os seus *esquissos* em que os soldados,

apenas debuxados, todavia surgem em sofrimento e alma, mas em alma nova, com aquela scente-lha de revelação profunda de quem viu a Verdade, o que só a trincheira dá.

Tenham a certeza que não são os Franciscos, os Maneis, os Antónios, muito pândegos e piadistas, e um tanto lamechas que teem por aí apparecido em certas páginas. E tenham também a certeza que se ninguem mais os souber dar, como êles são de verdade, pela pena, pela lira, pelo cinzel, êsse soldado, o verdadeiro, há-de ficar a tintas nos painéis de Sousa Lopes.

Êle veio cá, e aqui está, vendo, vivendo, sofrendo, para depois pintar. E os outros... Os outros, o melhor ê nem falar neles.

Em termos que eu a mai-lo meu colega quisesmos ter à mesa do abrigo o nobre camarada dos paineis.

Logo pela manhã foi uma azáfama. Mandámos às compras. Estudámos combinações culinárias. E, assentado o plano com o cozinheiro, mãos à obra. É que não se tem todos os dias à mesa um grande Pintor português. De mais a mais na guerra.

Por consequência puz o capacete, enverguei a máscara, peguei da bengala e fui à *Horta Selvagem*.

Porque hão de saber agora: nós descobrimos aqui num recanto da planície bombardeada e que há três anos se não cultivava, uma horta, uma velha



Alferes Lorga.

horta, que em memória do mimo antigo, ergue aqui e àlêm espontâneamente por entre aservas comuns seu talo de couve, folhuda e agreste.

E daí, baptisámo-la assim, à horta, com aquele nome à Júlio Verne.

Entendido: isto fica aqui entre nós, pela razão de que os invejosos são muitos e as couves poucas.

Que digo eu?... Pouquíssimas!... Imaginem que os homens da engenharia construíram pra ali uma *Decauville*, uma destas *Decauvilles* das linhas e cortaram-me a horta ao meio.

Pois, senhores, não só me não pagaram a expropriação, como acarretaram as cóleras *boches* sôbre a já minguada propriedade. Resultado: horta bombardeada, couves de pernas ao ar e poucos talos direitos.

Eis o triste quadro, que os meus olhos foram deparar. Vá lá uma pessoa ser proprietário com vizinhos tais.

Apanhei algumas fôlhas de couve; deitei um último olhar às ruínas de Cartago... quer dizer, da horta, e retirei-me.

E aqui está como o almôço abria com bacalhau, bacalhau vindo de Portugal, acompanhado de batatas... e couves. Nas linhas é opíparo. Estávamos justamente orgulhosos, e foi com mão solene que inscrevemos no *ménu* aquele prato.

Devemos dizer-lhes que eu e o meu colega fizemos um *ménu*. E em verso.

Abria êle por esta quadra que, se não honra os dois poetas, enobrece o pintor:

Bacalhau à Sousa Lopes,
— O *fiel*, com batatinhas,
Ao nosso Pintor da Guerra,
Que é fiel, pois veio às linhas.

Seguiam-se os outros pratos, cada um com sua oferta em verso. Diga-se todavia, em abôno da verdade: as demais quadras não pindarizavam ninguém. Antes pelo contrário: jogavam graças pesadas, a torto e a direito, o que é muito próprio das linhas. Convêm saber que havia mais convidados. Além do Pintor, em honra de quem se dava o almôço, e dos dois médicos anfitriões, assistiam ainda um poeta e um humorista.

E só, para lhes fazer crescer água na boca, sempre lhes digo o mais que se comeu: carne de porco com feijões, bifés com batatas e salada. A regar, vinho comum, vinho do Pôrto e café.

O que isto nos custou a conseguir, naquelas paragens, não é fácil contar-se. Daremos uma idea, se lhês dissermos que um ciclista andou de véspera a fazer compras numa pequena cidade, a duas boas léguas de distância.

A sala, — um abrigo de elefante, onde se não pode estar de pé — tinha sido formosamente engalanada com graciosos festões... de ligaduras.

E, à hora aprasada, a-pesar-de cair a chuva,

os convidados compareceram. Almôço animado. O cozinheiro, que era o meu impedido, a quem nem esta prenda falta, recebeu os cumprimentos da assistência. E conversou-se muito. Falou-se da guerra, da Arte, de Portugal... De muita, muita coisa.

E não se vá dizer que os artistas comem mal. Oh! não; fizeram as honras ao almôço.

Ora succedeu que, já no fim do repasto, naquella altura em que, de perna traçada e *abdulia* aceso, se prova o Pôrto e bebe aos goles o café e a conversa se anima e pontevista de fantasia, lá fora, nos *rails*, a carreta dos feridos raspou, rodando, aqueles guinchos ásperos e lúgubres, que dizem carga pesada.

Eu e o meu colega, por dever de officio, ergue-mo-nos instintivamente e sem pedir licença. E os outros seguiram-nos.

A carreta veio de lá rolando e guinchando, té que parou mesmo em frente da porta.

Acaso, não eram feridos.

Estendidos nos dois andares da carreta, estavam três mortos.

Um deles, todo cosido na manta própria, tinha a aparência egípcia de múmia, a nuca em linha direita aos ombros, os ombros em linha direita aos pés. O segundo, igualmente cosido no seu envólucro, conservava o mesmo aspecto, com a diferença de que tinha sido inteiramente decepada, rente aos ombros. Do último restavam, den-

tro duma espécie de saco com a forma e o tamanho dum presunto, qualquer coisa lá dentro que deveria ser como as sobras dum banquete de tigre.

Por muito acostumado que se esteja a estas coisas, de mim senti, talvez também pelo contraste brusco, uma circulação de gêlo calafriando o peito e os membros. Os outros não deviam sentir muito menos que isto.

Por seu lado o Pintor estacára ante o quadro trágico. Depois seguiu e andou à volta, olhando fixamente. E olhava, com olhos de quem pinta, mas também com olhos de quem reza.

Os seus olhos brilhavam de piedade, que é a mais alta compreensão, e humedeciam-se de respeito ajoelhado perante as réliquias sagradas do irmão que morreu em combate.

Ao lado, a um curioso, o maqueiro elucidava: — Foi um morteiro que caiu no meio dum grupo de homens. Matou oito. O resto inda lá está embrulhado com a lama, na cratera.

Hoje a carreta trouxe mais dois. Pestavam já horrivelmente.

E o maqueiro, encolhendo os ombros, voltou a elucidar:

— Dos outros três, não se aproveita nada.

OS QUE ENDOIDECEM

Fevereiro de 1918.

As vezes nas trincheiras os homens endoidecem. Uns de todo. Outros, de quando em quando, algum rebate de loucura. Quem nos diz que um dia não haja horas de loucura colectiva? Nós outros de Portugal temos as almas ardentes. Acontece até que elas ardem até queimar. Depois fica um rescaldo no meio de cinzas.

Não entendem talvez? Se tivessem lido, como nós, as cartas dos soldados, entendiam logo. Ao soletrar algumas delas, deparam-se certas fôlhas que queimam as mãos. Lêem-se e fica-se atônito perante os brados de paixão que por vezes saem delas.

Boa idea, esta de nos obrigar à censura de todas as cartas dos soldados para catar-lhes as revelações indiscretas. Tão boa que se deveria impôr essa tarefa durante umas semanas a alguns

estadistas portuguezes e grandes galões da tropa. Ficavam assim a conhecer uma coisa que anda nessas cartas e que êles nem suspeitam: a alma do Povo. E ficavam conhecendo também os motivos por que se está erguendo no coração dos soldados uma onda alta de desalento e revolta.

Talvez seja de interesse para o futuro fixar aqui alguns brados dessas almas e as formas dramáticas que toma o seu desespero.

Nós outros, os que temos por obrigação censurar as cartas dos soldados, fizemos um curso da sua alma. Muita frioleira, muita tolice; por vezes até brutalidades tôrvas. Mas de quando em quando, a gente pára, considera e remoe certas palavras cá centro.

Se nunca sentiste uma alma na mão, vem cá, pega destas cartas de soldados e lê: por fôrça que has de encontrar.

Aqui há dias estava eu a lê-las e de repente abri os olhos, espantado.

Era uma carta, que dizia assim:

«Querida adorada:

«Quando, há bocado, estendia as mantas para me deitar, sózinho, veio-me à idea que também tu estavas sózinha na nossa casa e deu-me uma dôr tão forte que tive de me sentar na cama.

«Alembrei-me de ti, querida adorada, e puz-me

a chorar. Acendi a vela e não pude mais comigo que não viesse escrever-te.

«Alembrei-me que passas as noites a matar-te, sem mim e sem os meus braços, que eram o teu leito.»

(Nesta altura a fôlha voltava e tinha escrito ao fundo: — Volta, querida).

«Foi da carta que me escreveste com aquela fala de que não fazes senão chorar.

«Eu que não era senão olhar para ti, vêr-te agora desamparada no meio do povo!... Eu que só trabalhava para ti e para o nosso filhinho, saber que vertes por mim o teu sangue pelas feridas dos teus olhos!...

«Cala-te, cala-te, querida adorada. Não chores mais, que eu estalo de paixão.

.....
Outra dizia singelamente a dôr do soldado que a Pátria abandonou:

«Quando nós daí saímos e que o combóio partiu parecia que se acabava o mundo com lágrimas e gritos. Mal que êle desapareceu vós esquecesteis tudo. Pois olhai que estamos aqui a continuar o que noutras eras fizeram os nossos avós.

«Dizeis que esta guerra era escusada porque não era conosco. Muito vos enganais. Lembrais-vos do António do Monte, a quem os ladrões assaltaram a casa uma noite e êle chamou por socorro e o vizinho não acudiu? Todavia êle só por si lá os deitou fóra. Passado tempo foi assal-

tado o tal vizinho; e o António do Monte bem ouvia os gritos, mas nada se lhe deu e deixou que o matassem e roubassem a contento.

«Ora aí tendes o que havia de acontecer-nos.

«Mas em que pensais vós, que não olhais para isto?! Porque não vem daí mais ninguém para nós descançarmos?

«À gente, mesmo assim, há-de cumprir o nosso dever. Não importa. Trabalhamos aqui mais pela nossa terra, os poucos que aqui estamos, do que vocês lá, todos juntos.

«Mas sabeí que mais nos doi o vosso esquecimento do que o muito que penamos por cá» (1).

Eu conhecia já da literatura popular o suficiente para avaliar a profundidade dos seus juízos e sentimentos. O que me tem surpreendido é o sabôr clássico da linguagem, em centenas de cartas lidas e que por vezes lembra a rude e forte concisão dos Quinhentistas, cuja inspiração, ao que vejo, lhes era transmitida pelo génio do Povo.

Êstes homens, sentindo-se abandonados pela Pátria, na sua grande necessidade de serem amados, concentraram-se quasi todos nos affectos in-

(1) Na data em que li estas cartas, logo tirei cópia das duas. Perderam-se com o meu livro de apontamentos, na batalha de 9 d'Abril. Porque as li várias vezes a camaradas do batalhão, fixeí algumas frases, únicas que reconstituo aqui. As cartas inteiras eram dois espantosos documentos. Leram-nas também A. Casimiro, Bossa da Veiga, Moura Neves e outros.



Outro aspecto do Cristo de Neuve-Chapelle.



timos. Mas alguns, feridos em cheio por êsse e também outros abandonos, começam a ser devorados pela tristeza.

Aqui há dias um oficial recebeu numa carta a noticia seca duma traição e meteu uma bala nos miolos. Já visitei o seu túmulo no cemitério de La Gorgue. Nem uma flôr, nem um enfeite. Uma cruz sêca, à cabeceira, com o seu nome.

Mais nada. Nem tanto talvez deveria ter o túmulo dum atraçoado. A bala que meteu na cabeça diz um desejo de esquecimento eterno.

Outros começam a revoltar-se contra o desprezo a que os lançaram. É ler as cartas dos soldados, donde trasborda um fel de desespero. Outros então, resvalando do desespero á melancolia e daí à indiferença apática, emparveceram.

Há pouco tempo trouxeram para aqui um soldado que tinha caído na neve. Não dizia palavra. Nem se tinha de pé. Parecia um farrapo. Na cara branca, macerada pela dôr, os olhos fitavam-se para alêm, seguiam qualquer coisa, agudamente, sem despregar. Sentavam-no e ficava para ali, sem mexer, curvado, os braços caídos, muito branco e os olhos sempre fixos, inalteravelmente fixos e pregados.

Reanimado por todos os meios, começou então a falar numa voz sumida, muito queixosa, em retalhos, de incoerências, mas cuja tristeza e saudade mal disfarçavam o drama intimo, que êle tentava esconder.

Mas, vai num mês, que aqui recolhemos ao pôsto um soldado do batalhão, atacado de melancolia.

Chamam-lhe Matias; e é Matias de baptismo. Tem uma cara simples de pastor.

Passa horas inteiras sentado e sem dizer palavra, brincando, distraído com objectos de acaso; como as crianças doentes. Leva noites a fio em branco, a cantar com voz lúgubre as cantigas da sua terra. Dizem os companheiros que a sua voz de noite mete medo. E quando a gente lhe fala e lhe pergunta o que tem, crispa toda a cara num mômo lastimoso e fala, mastigando e enovelando as palavras, de saudades da sua terra, de cartas da sua mãe, dum testamento . . .

Medo ao fogo e à morte? Mas não. Há tempos appareceu aqui, em pleno campo, um grande projectil de forma desconhecida. Os entendidos affirmaram que era uma bomba de aeroplano. Eu e dois soldados examinavamos e um dos dois lembrou-se de o chamar e pedir-lhe a opinião. O Matias veio; arrancou do chão com esforço o pesado corpo, tomando-o nos dois braços; considerou-o algum tempo, depois arregaçou o lábio superior com riso e desprêzo, mostrando a fiada dos dentes muito brancos e arremeçou para o lado o projectil com toda a fôrça, — gesto êste que podia ter custado a vida aos quatro.

Indaguei-lhe um dia a naturalidade. É da Pampilhosa da Serra. Não sei se conhecem? Não;

nem admira. Conheço eu por um mero acaso. Uma noite e um dia inteiro subi pela serra da Louzã, de automóvel, e de seguida, a cavallo e a pé, galguei desfiladeiros, caminhos tortuosos e despenhados bordando abismos, cortei ribanceiras, desci vales e lá cheguei enfim.

Naquele tempo pelo menos nem uma única estrada lá ia dar. Aquilo é no cabo do mundo. Tanto que uma aldeia ali perto tem êste nome, assim:—Vale Derradeiro.

Tudo são vales, funduras de abismos, quebradas de declive abrupto. E a toda a volta as altas serras meditando. Ao cair do Sol segue-se uma calma de além-mundo.

Sair um homem dali e vir para as trincheiras sem que o amparem de toda a forma, é tamanho solavanco para uma vida simples, que bem pode partir-lhe o equilíbrio.

A alma dele é aquela paisagem. Voltou à serra natal e ali erra por certo à busca do fio de voz materna ou amante que o prendia à vida.

Um dia, na sua sêde de abandonado, entrou a pensar na terra; e sonhou, sonhou tanto que ultrapassou todos os limites da realidade e caiu inteiro no sonho.

Inverteu assim aqueles dois termos da vida. Como um ébrio, que o sonho e a saudade embebedou, tropeça e cambaleia na realidade.

Quantas vezes êle há de levar as mãos aos olhos para sacudir êste mentiroso pesadêlo do exí-

lio nas trincheiras, que teima em perturbar-lhe a serranil visão, que a loucura acendeu lá dentro.

Quanto mais a Pátria se esquece de nós, mais a lembramos.

E cada um refugia-se no seu sonho íntimo.

Hoje, por exemplo, vieram cartas de Portugal. Tenho aqui uma. Cai à tarde. É lusco-fusco. À volta, na terra, as árvores despidas e hirtas do inverno.

Sim! tenho aqui uma carta. Não é uma carta, não. É uma vida palpitante nos meus braços.

Que me importa que as granadas cantem cortando o ar e os aviões encham o céu do seu lento zumbido?...

Que me importa?!

Fechei-me dentro de mim. Corri tôdas as salas da memória e de lá acordei e fiz erguer as visões mais queridas e fiquei a sós com elas.

Ah! pudesse eu refazer a vida tôda! Ah! pudesse eu, que sei agora, na violência da fome, quais os frutos mais dôces, ilimitar o poder do Fausto e moldar todo o passado pelo desejo de hoje!...

É quási noite! Que tristeza!

Aquela carta...

E uma saudade tão grande como o Oceano leva o meu coração à tona...

OS MORTOS

3 de Março de 1918.

Isto prás bandas da guerra é uma estrada única ladeada de cemitérios.

Nem sei para que puseram aí êsses postes vermelhos à entrada dos últimos caminhos com o letreiro: — *Danger*. Tolice! Aquelas cruzeŕes falam melhor.

Primeiro, lá de trás, são os cemitérios civis, onde alguns mortos elegantes habitam em *chalets*, pelas ruas centrais. Nos desvãos, dentro das covas térreas, entraram alguns guerreiros, intrusos. É o direito de boleto: instalam-se em toda a parte.

Logo os cemitérios militares, — um mar de campas rasas, com pequenas cruzeŕes todas iguais. Campas e cruzeŕes em linhas, e as linhas em fila até ao fundo. Ali mesmo na morte os soldados estão debaixo de forma, prontos para voltar à luta.

Seguem-se os túmulos que são a própria terra onde se tomba, campas do acaso, bordando os caminhos, de cruz à cabeceira. Algumas teem nos braços, em vez dum nome, só isto: — Desconhecido. Tombou ali, e ali ficou. Abriram-lhe a cova e meteram-no lá dentro como estava. Não é assim. Nem todos. Dalguns, tiraram-lhes o boné e enfiaram-no sôbre o tôpo da pequena cruz. Por sinal, cá de mim, quando passo desacompanhado, de noite, aqueles bonés, não sei porquê, mas arripiam. Como é de noite e estão sósinhos, parece que os homens vão erguer-se, tirar o chapéu do cabide e vir dali conosco pra nos contar a sua história.

Depois veem então as trincheiras. Essas são já a grande cova, onde se aprende o ofício de morto. Sim, uma cova muito longa, tão longa que nem se mede com a fita. A unidade métrica nas trincheiras são os sete palmos de terra. A primeira linha, com muitos soldados, é uma espécie de vala comum.

Alguns cemitérios civis, na zona de guerra, foram feridos pela metralha até ao fundo, ao corpo dos cadáveres.

Conheço eu um, — a dois passos do meu pôsto, — com um belo ponto de vista para meditações. É o de Richebourg St. Waast. Richebourg St. Waast foi o nome duma aldeia francesa. Hoje não há lá uma casa de pé. As granadas também entraram no cemitério. E por certo foram muitas, porque partiram as tampas de mármore, as pedras

dos epitáfios, os anjos de cálice, as cruzes e as corôas; revolveram tudo e deitaram fora ou amassaram os pedaços em montões. Aposto a cabeça que não tem um túmulo inteiro. Nalgumas campas as granadas, depois de partir a lousa, entraram dentro e estoiraram os caixões. Como depois veio a chuva e empoçou lá dentro, vêem-se os mortos a nadar na água verde.

Noutros lugares, os projecteis pesados, ao cair, pulverizaram tudo. Ficaram apenas grandes poços com água até ao meio, uma água verde e amarelada, formilhante de larvas e em cujo fundo um ou outro pedaço de cadáver apodrece.

À borda dum desses grandes poços de explosão, poisou, alevantada, a parte anterior dum caixão aberto e apodrecido. Vê-se ainda lá dentro, de face à gente, um morto ressequido e encolhido na postura perturbada de quem para sempre se estendera. Mas na cara gretada e carcomida, de órbitas fundas e queixadas entreabertas, há uma careta lúgubre de espanto. A fantástica mirra ergueu-se e ficou ali pasmada da loucura dos vivos, desta loucura nova e estranha, que até arranca os mortos ao sossêgo do túmulo.

«É a guerra aquele monstro...» dizia o bom do padre Vieira. «O pai não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor... até Deus nos templos e nos sacrários não está seguro.»

Ergue-te, ó padre, e acrescenta: — e os pró-

prios mortos nas suas covas não tem seguro o sono eterno.

Aqui para cima, em Dixmude, houve combates no cemitério. As granadas caíram, rebentaram, fizeram saltar fora, e atassalharam e desfizeram os mortos. No fim havia soldados feridos com esquilas de ossos dêsses mortos.

Aos cemitérios militares, é claro, sucede o mesmo. Por isso uma francesa que eu conheço, — mora aí em *Senechal Farm* — há dias, quando soube que o marido morto a combater estava num dêsses cemitérios, foi lá, fê-lo desenterrar e depois abraçou-se aos beijos àquela podridão, e trouxe-o comsigo.

Visitei quási todos os cemitérios portugueses.

Os nossos mortos ficam espalhados por todo o sector, dêsde as trincheiras até Calais e Étaples. Terra onde tenhamos ambulância ou hospital abriga alguns portugueses no cemitério. Os mais belos e gloriosos são os cemitérios de guerra, logo por trás das linhas. Propriamente nosso, não temos nenhum.

Porque não compraram aqui, na zona da frente, terreno para dois ou três cemitérios nossos? É que os altos comandos não podem pensar em tudo.

Assim, fomos recebidos por favôr nos cemitérios ingleses. E como até a simples identificação do nome posto na cruz foi escrita, a mór parte das vezes, pelos guardas ingleses, acontece que



O Pintor Sousa Lopes.



alguns são inteiramente indecifráveis, tão estropiados foram. «Luizel Evarista» li eu numa cruz. Mas há pior. E todos dormem ao lado dos ingleses.

Há cemitérios originaes. Em Pont-du-Hem os nossos estão enterrados num prado e entre as campas erguem-se ainda as árvores frutíferas.

Quando vier a Primavera, as árvores hão de chorar as suas lágrimas de sangue e neve sôbre a terra, já que as mães e as noivas lá não vão.

Em Le Touret há um grande canteiro de flôres, em forma de coração à entrada do cemitério.

Em Vieille Chapelle, no cemitério, o bairro português, que é todo a um lado, vai a caminho de duzentos habitantes.

Passámos hoje por lá. Eu lhes conto.

Ontem, noite ainda, por volta das quatro horas, tudo acordou. Na véspera, o batalhão voltára das trincheiras, e dormia, espalhado em La Couture. De súbito, toda a artilharia do sector, à uma, começa a disparar. A planície em muitos quilómetros de largo e fundo vomita fogo e metralha. É tamanho o abalo da terra que a minha cama dança e eu danço dentro dela. Os vidros batem, convulsos, nas janelas.

Já sinto vozes alarmadas, lá por fóra. Té que alguém bate com fôrça na porta.

— Que é lá?

— Ordem pró batalhão marchar dentro dalguns minutos prás trincheiras.

Levanto-me mal humorado. Faz um frio!

Fóra na estrada, ao livor d'antemanhã, o batalhão está formado.

Alguém explica:

— É um grande ataque dos alemães à nossa linha. Já entraram dentro. Vamos em refôrço.

Uma camada ligeira de neve brilha ao lusco-fusco levantino, sôbre a terra. E um vento fino e agudo como navalhas, corta, regela, açoita de arrancar as orelhas. Faz frio até à medula.

As sinetas de longe em longe tocam a gás alarme.

O batalhão em pé e em armas espera o sinal para partir.

A artilharia afrouxa. E nisto ordem de desfazer.

Já não temos que partir.

À noite veio ordem para sair de La Couture. Deslocamo-nos para alguns quilómetros atrás. Manhãzinha cedo, temos que marchar. E ninguém dorme.

Sabe-sè já que aquilo nas linhas esteve sério.

Ao romper da manhã o batalhão está pronto a partir. Do lado contrário chegam ingleses e páram ali a ocupar trincheiras.

Há dias que há um crescendo no ritmo da guerra. Sente-se qualquer coisa no ar. Será finalmente a ofensiva? E quando, companhia por companhia, o batalhão abala, tudo vai apreensivo.

Eu juntei-me à 3.^a, à *Quixote Company*, e marcho ao pé do comandante, que hoje, visto o outro ter ido a Portugal, é o tenente Frazão.

À beira da estrada e pelos campos a toalha de neve desfaz-se e a terra surge de baixo em largas manchas escuras.

Arma ao ombro, estrada fóra, o batalhão marcha. Atravessamos, num dos lados, Vieille Chapelle. E agora, lá à frenté, enxergam-se as cruces do pequeno cemitério.

Para cadenciar melhor o passo, o Frazão dá ordem aos tambores de tocarem. *Tan ta la lan. . . Tan ta la lan. . . Tan ta la lan. . .*

E os passos sôam mais claros, mais sonoros e batidos.

Os homens vão de olhos postos no cemitério.

Já se distinguem as campas. A neve debruou, sublinhou sôbre a terra as cruces e a beira dos covais com um friso alvo e candido. Assim alguém, lendo um poema, marca na página os versos mais belos e eloquentes.

Vamos mais perto. As campas distinguem-se uma a uma. Estão ali os camaradas d'ontem. Acolá naquela campa dorme um médico do batalhão, — o Sanches. E outros lá estão, com quem a gente falou e riu. Não mais verão a sua terra! Nunca mais! Nunca mais!

—Que parem os tambores!

E os tambores calaram-se. A companhia marcha como um só homem. Ouvem-se os passos melhor.

Sim! êles estão ali, os mortos belos, formados também em linha. Os mortos, não! Os que caíram a combater não morrem. É o Batalhão dos Eleitos.

Dominam a vida. Ocupam ali as trincheiras eternas. As suas feridas sangram ainda e êles continuam a bater-se, batem-se ali pra sempre, além da morte, pela sua Pátria.

Agora o bater dos passos ressôa cavo, como se atravessasse as lágeas dos túmulos sob a nave dum templo.

Estamos a chegar. E êles sentiram-nos e estremeeceram na cova, e à uma, lá do fundo, ergueram nas mãos que a neve esconde a sua Cruz de Pau, que é a mais alta Cruz de Guerra, que um soldado pode ganhar.

Ergueram-nâ pra nos lembrar a sua glória heróica de se terem dado.

Em frente. Estamos em frente. Um calafrio passa nas almas.

E então o Frazão olhou atrás, andando sempre; ergueu a cabeça, de sobrolho vincado e os olhos abertos num clarão. E com a sua voz austera e comovida, bradou:

— Continência aos Mortos!

Até ao último soldado a companhia segue d'olhos nas campas, em continência.

Sôbre Êles poisa o grande beijo de fôgo dos seus irmãos que passam.

Qual de vocês, rapazes, não teve os olhos rasos d'água?! Qual de vocês, já longe, não sentiu a garganta ainda atada e não enguliu as lágrimas em silêncio?!

UM RAID

12 de Março de 1918.

... **E** o coração da guerra começou a bater com mais violência.

Dum lado e doutro as artilharias trôam sem parança. Multiplicam-se as baterias, pela planície fora; surdem de cada canto as fauces de ferro ameaçando.

Ai! adeus, acabaram-se os dias... Já não há uma hora de sossêgo, desde os comêços de Março.

E no receio ou no preparo duma ofensiva — vão lá saber... a gente nunca sabe... — torna-se mais densa a infantaria junto às linhas.

Nós somos da infantaria e lá andamos no terrível apertão.

E vai, um belo dia, a 9 do mês, espalha-se a nova de que um batalhão dos nossos executára com rara valentia um *raid* sôbre os *boches*. Tinham matado, destruído, trazido prisioneiros. E citavam-se nomes com ciosa emulação — o capitão co-

mandante da companhia de assalto, Ribeiro de Carvalho, o tenente Luís Gonzaga, e outros.

Dêste se afirma ter desertado duma escola onde praticava, para ir tomar parte no assalto e que, tendo sido ferido, veio morrer a uma ambulância, após a operação.

E todos os que o conheciam, moço, alegre, bravo até à loucura, deploram com tristeza.

Aquela notícia do assalto e da bravura dos nossos, coroada de tão bons resultados, teve um efeito maravilhoso. Deu-se um grande levantamento moral.

Felizmente o tenente Gonzaga não morrerá. Tanto assim que, mais tarde, já êle fôra promovido por distinção ao posto imediato, ouvi da sua própria boca o relato do *raid*. Um estilhaço, ferindo-o no ventre, atravessára-lhe os intestinos e a ponta duma baioneta alemã rasgára-lhe a carne sob o mento, numa ligeira erosão. Foi quando convalescia já que me contou a sua história.

Fraco e magro em extrêmo ainda, tentava recompor, sob o olhar das damas enfermeiras, a sua linha militar. No seu corpo alquebrado mal surgia o antigo aprumo e elanço. Só nos olhos, monóculo entalado, o olhar lial e firme rebrilhava.

Estávamos sentados à beira duma cama.

E disse-me êle na sua linguagem pitoresca de soldado da grande guerra:

— «Pois foi assim, amigo:

No dia 7 fui avisado pelo ajudante Zé Ferreira

que o general Gomes da Costa queria alguns *boches* e escolhera a minha companhia para essa operação, tanto reclamo eu e os alferes Henrique Augusto e Cruz Oliveira fazíamos dela. Como estava na Escola de Observação, Tiro e Patrulha, mal soube da nova não tive mão em mim, e raspei-me. Nessa mesma tarde apareci no batalhão com espanto de todos, excepto daqueles que faziam parte da companhia de assalto, na qual o capitão Ribeiro de Carvalho cultivava a *panache*. Nós, na escola do comandante, cometíamos toda a espécie de loucura, cada qual com mais atrevimento, pra não ficar atrás do camaradinho que havia feito uma parte *liques*.

O dia 8 foi passado em reconhecimento à região a atacar e regulação do tiro pela artilharia; e uma visita às latas a La Gorgue (você sabe:— o nosso sector em miniatura, armado em lata e cimento no jardim do Q. G. 2).

À noite fez-se a divisão de grupos em corta-arames, protecção às metralhadoras ligeiras, granadeiros e fusileiros, distribuição de missões e munições. Às duas da madrugada marchamos pela trincheira para os pontos de saída. E cautelosos, em silêncio, rastejando, cortamos a *terra de ninguém*, té que às duas e quarenta e cinco estamos em linha a 25 metros do *boche*, devidamente escalonados em grupos por ordem de execução das missões. Então o capitão Ribeiro de Carvalho percorre a linha, nas barbas do *boche*, verificando

se tudo estava em ordem, não sem ter largado alguns feios palavrões, próprios da *trincha*.

Às três, a artilharia pesada começa a festa. O *boche* mostra-se inquieto. Gasta muitos *very-lights*. E bate toda a *terra de ninguêm*, ao acaso, com rajadas consecutivas de metralhadoras. E à minha frente, ali a dois passos, vejo os *boches*, sondando o chão, de pé no parapeito, inclinándose desconfiados. A gente reteve o respirar, mas parece-nos, tão próximos os vemos, que até as pancadas do coração êles podem ouvir.

Às quatro e cincoenta e cinco a nossa artilharia de campanha rompe um fogo infernal, desarumando a casa ao nosso Fritz, por completo. ●

Chegou a hora. Só mais cinco minutos. Às cinco horas temos que abalar.

Meu amigo, êstes cinco minutos são terríveis. O *boche* alumia toda a frente numa profusão fantástica de projecteis iluminantes. As balas das metralhadoras silvam, batem às cegas, à nossa volta. E o fogo da nossa artilharia é de tal violência que se diria um tufão passando, uma lufada horrível, contínua, arripiante voando rente a nós, à flor da pele, e caindo, estoirando do outro lado, ali perto. Tem-se a impressão que se aquilo abaixa um centímetro nos esmaga a todos. Nós cosemo-nos à terra o mais possível. Naquela altura somos mais baixos do que aquele cidadão que pra cuspir no chão tinha que se pôr nos bicos dos pés.

Vemos, a cada instante, as horas, nos relógios



Cemitério entre a 2.^a linha e a linha de apoio.
Neuve-Chapelle.

de pulso. E então eu compreendi que êsse instrumento, ocasiões há, é bem pequeno para marcar o tempo, quanto mais se o espanto, a noite, o fogo, o receio de sermos descobertos, o mêdo a que tudo falhe, a ansiedade da hora grande, o dilatam em proporções ilimitadas.

São cinco horas. A artilharia calou-se por segundos para alongar o tiro. E neste instante ergue-se tudo. Os cento e vinte homens, ao sinal dos alferes, atiram-se ao assalto. Mas como a artilharia não conseguira abrir o caminho por completo, teem os grupos corta-arames de acabar o serviço, de tal maneira que os 25 metros que nos separam do *boche* são transpostos, enervantemente, desesperadamente, não a passo de carga, mas pouco mais que em cadência ordinária. Saltamos dentro de trambulhão.

De frente, à queima-roupa, uma metralhadora desfecha contra nós. As balas rugem aos ouvidos.

Caio-lhe em cima com uma ordenança voluntária, a tiro e à baioneta. De lá veem também granadas de mão. Mas o *boche* apontador, com os intestinos furados, larga-nos a metralhadora.

Os meus soldados, já na *trincha*, varrem à frente os *boches* à baioneta e à granada. Corro a juntar-me a êles. Um alemão joga-me a baioneta, que me toca de leve; mas um soldado no mesmo instante desfecha contra êle. Foi ao entrar na trincheira de comunicação que um estilhaço me furou o ventre.

No centro o capitão Ribeiro de Carvalho corre com duas ordenanças sôbre um oficial alemão, que está com um grupo de homens, mas todos *cavam* prudentemente. Conseguem ainda assim apanhar-lhe as duas ordenanças.

Nesta altura, enquanto alguns soldados correm pelas *trinchas* de comunicação à linha de suporte, continuar a caça, convidam-se os *boches*, sãos e feridos, que estão dentro dos abrigos a vir comnoço.

—*Portugal très bonne. Came on tout de suite.*

Mas os *boches* recusam todos com pertinácia; motivo por que a engenharia faz saltar abrigos e abrigados com igual teimosia.

Eu já tinha uma metralhadora e um prisioneiro.

Mandei lançar os *very-lights* pra retirada e a artilharia cessar fogo. Ao meu lado, o Cruz Oliveira tinha as pernas furadas e uma delas, de peróneo feito em dois. *Comeu*, logo ao entrar da *trincha*, mas aguentou-se como um homem, até ao fim da *soirée*.

E êle coxo, lacerado, pingando sangue e eu a agarrar o ventre do lado esquerdo, a tombarmos um sôbre o outro e a perder as fôrças aos poucos, assistimos de pé à retirada dos soldados triunfantes, alegres, agarrado cada qual a um *souvenir*.

A malta veio toda, com 25 feridos ao que me disseram. Alguns foram como voluntários. E um que tinha de ficar noutra serviço, tanto protestou

a sua indignação por ficar e o seu desejo de ir comigo que o deixei ir e lá portou-se como os mais valentes.

Chegado à nossa *trincha*, fui para uma ambulância. Aí os seus colegas abriram-me a máquina e mexeram cá por dentro. - E ao que parece estive a *patear*.

E se mais lhé não digo, é porque mais não sei.»

E, sorrindo, o capitão Gonzaga mostrava as duas fieiras dos dentes alvos, com a alegria mōça de viver, que é mais profunda, nos que mais desprezam a morte.

SÔBRE A ARENA

13 de Março de 1918.

QUANDO retirámos dum dos extremos de La Couture para o outro, junto a Locon, tinham-nos dito que vínhamos para o repouso. Era justo. Oito meses de trincheiras, quási sem descanso, sendo os dois últimos dum inverno aspérrimo, haviam extenuado os soldados. Como não veio gente de Portugal para substituí-los, nem êles vão de licença, nem tão pouco chegam os grandes descansos compensadores que lhes teem prometido e todavia usufruêm os outros aliados, entre os soldados lavra o descontentamento, falemos claro,—a revolta.

Como todos os dias, nestes últimos tempos, êles afluem às centenas ao pôsto de socorros, eu sei, eu tenho visto, com dôr, a extrema miséria física em que se arrastam.

Desde que viemos para êste tal descanso, a vida tornou-se mais inconstante e exaustiva.

Todos os dias uma nova ordem manda uma, duas ou mais companhias ocupar a *Village Line*, a linha das aldeias, logo por trás das trincheiras. E como sucede estacionarem por essas alturas todas as baterias de artilharia ligeira, agora em constante actividade, e ser também essa linha especialmente visada pelo ininterrupto borbardeamento inimigo, os soldados, sôbre não terem uma hora de descanso, sofrem intoxicações em massa pelos gases e extenuam-se em marchas penosas às idas e às voltas.

Pálidos, magros, exaustos, os pulmões roídos dos gases, os pés triturados das marchas, sem esperança nem apoio moral, arrastam-se, sob o imenso fôgo que tomba do céu, por essas estradas, como uma legião miserável de abandonados.

Nós, os médicos, condoidos, damos todos os dias dezenas de convalescenças e baixas às ambulâncias. Logo as fileiras definham e então vem a estranheza, as insinuações, as ordens dos chefes para que sejamos mais cautelosos no afastamento dos doentes.

Eu próprio convesço agora duma pleuresia sêca que as neves e as inconstâncias dêste inverno rigoroso me acarretaram. Abandonar o batalhão para me recolher a uma ambulância, exactamente quando todos sofrem e mais são necessários os meus serviços? Impossível. Comigo mesmo debato essa questão. Acabo por me vergar voluntariamente à grande cruz que pesa sôbre todos os

ombros. Todavia, nunca o meu trabalho foi tão extenuante. Raro é o dia em que os gaséados, os feridos, os estropiados não enchem às centenas o pôsto de socorros. De dia um trabalho sem tréguas. De noite êsse mesmo trabalho que se prolonga muitas vezes até altas horas e o ribombo convulso, infernal, incessante das artilharias.

E agora, hoje, mesmo ao fim da tarde, — ordem ao batalhão para guarnecer alguns dos postos da linha das aldeias.

À noite, à pressa, forma o batalhão. Todavia umas duas centenas de doentes, gaseados e estropiados, a quem é totalmente impossível impor uma marcha, ficam ali com um médico. Eu próprio escolho acompanhar o batalhão e seguir para a frente.

A noite está como breu. Aqui a dois passos em *Vieille-Chapelle*, tombam, estrondeando e ecoando cavamente as granadas, umas trás outras implacavelmente.

As casas desabam. As nuvens de gases sufocam. Pelas estradas há mortos, há sangue, vísceras de cadáveres abandonados. É por ali mesmo, por entre o fôgo, os gases e a morte, que temos de passar. E seguimos.

14 de Março.

Cá estamos na *King's Road*, que é como quem diz *Estrada do Rei*, e que vai dum dos extremos

de Lacoutre à grande *Rue du Bois*. A noite horrível. Como estamos cercados de baterias e houye um borbardeamento intensíssimo de S. O. S. da nossa parte, com demorada resposta do *boche*, foi quási impossível pregar ôlho.

Hoje algumas baterias novas entraram em fogo. Eu mesmo vim instalar-me nuna velha *ferme*, onde se acoitam os oficiais artilheiros da bateria mais próxima.

De noite, são chamados abruptamente ao telefone; saltam da cama meios despídos; correm de cabeça ao vento e aí vão desabalados, admiráveis, para os seus postos.

Às cegas, as granadas *boches* veem de lá e tacteiam no escuro, à busca do inimigo. Aqui mesmo ao pé elas caem, com um desabar cavo de muralhas, um choque metálico de grandes chapas de ferro. E o duelo doido começa. A terra toda troveja. Elas de cá, partindo, elas de lá, chegando, — deflagrando, zinindo, retumbando — estabelece-se um concerto espantoso, em que sobreleva o raivar exaustivante das bôcas mais próximas, com os seus latidos de aço ensurdecentes, e se propaga, e multiplica ilimitadamente, terra em fóra, num rechoque estrepitoso de martelos-pitões, que milhares de ciclopes malhassem em bigornas gigânteas.

Cá fóra a noite, cheia de névoa, clareia-se dum relampaguear doido, incessante, dilacerante, como se a cada passo sôbre o chão explodissem simul-

tâneamente mil paióis, té que um clarão único, azulado, fosforejante, palpitando num frenesim de febre, dança fantásticamente sôbre a quietude pávida das coisas.

Ao fim uma madrugada de inferno, que nasce da bôca dos canhões, reflexo vermelho da fornalha imensa, alumia toda a terra. O ar pula e repula sôbre o estalar frenético dos látegos metálicos.

E eu, que vim pra fóra, já que o sôno é inconciliável, tremo todo, tremo do frémite da terra e dos refluxos do ar, tremo do frio agudo, e do espanto, do desvairamento, da estesia alucinante daquele espectáculo nunca visto.

15 de Março.

O dia de ontem, vagueei-o, amolecido e derancado. A fermesita, onde estou instalado com os artilheiros, é uma ruina comovente. Parte dela foi incendiada por uma granada. Tem os ossos ao léu.

Ao lado uma pequena capela, destas capelas, que há por aqui à beira das estradas. Pela *pature* da *ferme*, há um carreiro que leva ao meu pôsto de socorros. Êste é uma espécie de barraca de feira de Alcântara, com uma vasta cobertura de zinco em barriga de elefante e tão à vista do inimigo que os seus balões facilmente vêem o



Posto de socorros avançado, no sector de Neuye-Chapelle (Ponte da Torreira).

amontoar dos feridos e gaseados à porta. Logo de manhã emquanto trabalhava lá dentro, os *boches* divertiram-se atirando para lá algumas granadas, uma das quais passou por cima, rés-vés e outra explodiu ao lado. Doentes e maqueiros *cavaram*. Tudo andou de rastos pelo campo. Alguns para mais segurança mergulharam nos drenos.

Outrora, isto é, ainda há um mês, as granadas não excediam muito certos limites. Havia pontos onde se estava com relativa segurança. Agora mudou inteiramente. Cáem por tôda a parte e a tôda a hora. Chamam a isto os artilheiros bombardeamento de *pilha cão*. De modo que não há poiso seguro. Como também os *boches* sabem que a infantaria se acumula nestas aldeias, as casas são freqüentemente visadas. É rara a que esteja intacta. Pouco a pouco sob o aguaceiro de ferro vão-se desmoronando. Os habitantes fugiram na sua grande maioria. Raríssimos ficaram. E como todos abalam precipitadamente, as casas ficam abandonadas com o mobiliário, os bragais, as reservas alimentícias e até os animais domésticos. Galinhas passeiam ao acaso. Uma vaca além muge com aflição. Tudo isto respira uma desolação tristíssima. E esta noite, a acrescentar aos ralhos tempestuosos e intervalados dalgumas baterias próximas, juntou-se tôda a noite o uivar, agoirento, contínuo, enervante dos cães, abandonados chamando pelos donos. Dia a dia as coisas se arruínam a mais, carregando-se implacavelmente o seu as-

pecto de agonia. Aldeias morrem aos pedaços. Esta não tardará que desapareça. Todavia, ao repontar da madrugada, entre dois furores desta tormenta, ouvi as aves cantar, sem medo nem espanto, antes com efusão festiva e descuidada, como um protesto e réplica da vida, posta naquele humilde ser contra a loucura assassina dos homens.

E ao crepúsculo tombante da noite, entre dois sobressaltos dos canhões, quando entrava em casa ouvi junto à capela qualquer coisa como um balido lastimoso de ovelhas perdidas e açoitadas. Olhei e prescrutando o escuro, vi, tombadas por terra, vergadas, de bruços, de rastos, as sombras dalguns soldados, apertando-se num montão confuso. Rezavam, imploravam, unidos à lama, numa ladaínha gemebunda, donde por vezes saía um *miserere-nobis*, com ritornelo tão plangente e desolado, que dava calafrios.

Era o eco do outro canto das aves, erguendo-se e protestando a seu modo o amor e o direito sagrado à Vida.

16 de Março.

Hoje o bombardeamento com gases tornou-se mais intenso. Já de manhã foi um chover de *shrapnels* e 77 sôbre as casas, ao longo de tôda a estrada.

Agora à tarde as cápsulas das granadas começaram a tanger lúgubrememente a gás alarme. Daí a pouco não se via senão gente sufocando, tossindo, com o nariz e a guela queimada e os olhos irritados lagrimejando.

— Ponham as máscaras! Ponham as máscaras!
— grita-se.

E breve vê-se rodar a multidão dos fantasmas mascarados com os grandes óculos pávidos e a tromba horrível e anelada, caindo do fole que tapa a cara.

O Fraústo, um dos alferes artilheiros, vem em braços da bateria, tossindo, chorando, vomitando, rouco, aflito, indignado, os olhos a saltar e uma baba espumosa, orlando-lhe a boca.

— Morro! Sufoco! Malandros! Salve-me doutôr! Acuda-me!

Temos que o levar em braços para o posto. Prestam-se-lhe os primeiros socorros. Quero depois que êle ponha a máscara também, mas êle não póde, não quer. Continúa a sufocar, a chorar, a babar-se, ansiando horrorosamente.

Tiro a máscara e falo-lhe, encosto-o a mim, animo-o, convenço-o.

Saímos agora. Parece que o vendaval dos gases amainou. Destapam-se as caras. Mas chegam sempre mais e mais homens, que vomitam e choram e ansiam interminavelmente.

No ar passam cantando baixas as granadas em

siflos constantes. Devem ir para perto. Um soldado grita lá fora:

— Lá está uma casa a ir pelos ares. E agora a outra ao pé.

Olhamos. É no extremo da linha de casas que forma Le Touret, aldeia mesmo em frente e para onde amanhã devemos ir... descansar. Há dez dias ou mais que os *boches* se obstinam na destruição da aldeia, longa de dois ou três quilómetros, e que já poucas casas deve ter de pé. Ontem, esclarecem do lado, morrerem de noite numa casa dois soldados e um sargento. É para ali que vamos repousar...

No entretanto as granadas cáem sempre. E as telhas, as traves, as pedras das casas, que vão rachando e aluindo, saltam e voam pelos ares.

O crepúsculo chega. A maré cheia das sombras alaga a terra, dilatando e engrandecendo as coisas.

Alguma granada incendiária pegou fogo às casas. As chamas lavram rápidas. E a noite toma-se de pânico, rasgada de projecteis, devorada pelo incêndio de labaredas sangrentas e bailantes.

17 de Março.

Nova noite em branco. O bombardeamento não pára. O meu posto por um triz que não foi pelos ares com quantos eramos lá dentro. Esta-

mos em preparativos de partida. Saímos para Le Touret, e eu já levo saudades dos artilheiros. São quási todos rapazinhos imberbes e milicianos. O alferes Lisboa, que comanda a bateria, não terá 23 anos. Um rapaz, um alferes, um miliciano, a comandar uma bateria... E quantas baterias, quantas companhias, quantos batálhões assim... Pois não chega mais ninguém de Portugal... De resto bem comandada. Aprendi aqui a admirar os artilheiros. Suportam, como os infantes, uma vida de perigos e canceiras com a mais nobre coragem.

Rápidas despedidas. O dever e o tempo chamam com urgência. E lá vou com os meus homens por essas estradas à frente do batalhão, para montar o posto. Por essas estradas batidas de artilharia, salpicadas de explosões, roídas da metralha, onde, meia volta, a gente tem que se atirar ao chão, para não ficar sem a cabeça.

Lá vamos com o pesado carro sanitário, aos trancos, estugando o passo nas abertas da tormenta, pelos grandes caminhos solitários, que assim parecem mais extensos.

Chegamos. Procuramos casa. Raras estão inteiras. Rodamos, inquirimos, batemos ás portas. Não se encontra viva alma. Parece uma necrópole. Os poucos que aparecem lembram fantasmas, de pálidos, de enfiados, de sonâmbulos.

A esta rua imensa, por onde erramos, chama-se *Emperor's Road*, isto é Rua do Imperador.

Estamos no circo. Nem nos falta a invocação de Cesar.

18 de Março.

Os gases envenenaram toda a noite. Pouco depois de chegarmos chegavam êles também em ondas sufocantes. Eu e o enfermeiro Baldaia andamos pela estrada algumas duas horas, mandando pôr a máscara aos soldados. Isso não evitou que tivéssemos de socorrer muitos e muitos.

Além disso, agora, um dos dois enfermeiros succumbiu ao excesso de fadiga e emoções. Vou ficar apenas com um.

Como dormi pouquíssimo e as vigílias se têm acumulado, sofro da intoxicação horrível da fadiga. Mas o trabalho não pára. Já hoje as granadas feriram alguns homens e um deles gravemente.

Os alemães não cançam de bombardear a aldeia. E as baterias próximas, — porque o chão cobriu-se de baterias — trovejam de espaço a espaço.

Não há descanso possível. Tanto mais que esta *ferme*, esta caverna rebentada, onde me instalei com o posto, se encontra num estado de porcaria inconcebível. Preciso de lavá-la dalto a baixo. Parece que uma onda de lama passou por cima e a invadiu e embebeu de sujidade viscosa. A montureira ao meio apodreceu, encharcou, liquefez-se numa escuridão fétida, que só de olhar-se nauseaia.

O cubículo mais aproveitável para quarto de dormir, tem uma janela única sem vidros, nem porta, que deita para êsse saguão pestífero. É ali que tenho de me instalar.

Casa abandonada, — é claro. O mais pitoresco é que a dona chegou a carregar uma carroça com o mobiliário para fugir com tudo. Mas, por certo, alguma crise mais violenta do bombardeamento a obrigou a salvar-se deixando o resto.

À porta, na estrada, lá ficou a enorme traquitana com um castelo altíssimo de móveis alevantado em cima.

Pela tarde, chega a dona. É uma velha espantosamente feia e suja, bruxa digna da caverna hedionda que habita. Entra rapidamente; mete com ar quesilento seu nariz de fuinha por toda a parte. Percebe-se-lhe a surda irritação por ver o seu palácio invadido pela tropa. Modera-se, todavia. É que me quer fazer um pedido. Procura então convencer-me, num longo discurso lamuriado, cortado de sobressaltos, — sempre o ouvido atento ao canto das granadas — a que lhe faça transportar a sua carroça com a carga não sei onde.

Nesta altura, uma granada chega e estoira próximo. E sem esperar resposta, nem dizer mais palavra, ela aí vai, porta-fóra, esgueirando-se, sumida e curvada, como uma sombra.

E o carroção, atulhado com os trastes, alçando-se numa escalada promiscua de camas, caixas,

bancos, ferragens, pés de mesa furando, e tudo corroído e esbeçado do tempo, ali fica como a carcassa dum navio naufragado, que a ressaca do mar atirasse à praia.

19 de Março.

Porque o logar onde o Frazão se acantonou tivesse sido bombardeado, na noite primeira aqui passada, e as imediações da minha *ferme* fossem um pouco mais poupadas, ofereci-lhe a casa, para passar esta segunda noite.

Infeliz idea. Esta noite as granadas choveram para aqui, intermináveis. Vem uma a uma, de dois em dois ou três em três minutos, durante horas seguidas, com implacabilidade matemática.

Como no campo em frente da casa passa uma *Decauville*, a idea de que não somos nós o alvo procurado aquieta um pouco. Mas sente-se, quando as granadas passam, aquele rugir de vendaval sôbre as nossas cabeças. E porque são de 15 ou 21, o estampido das explosões, tão próximas, é suficiente para vencer a mais pesada modorra. E é que algumas caem tão perto que a casa treme toda e o projectar dos estilhaços crava-se nas paredes, dilacera o tecto, estoira as telhas e, por vezes, pedaços de ferro, a arder ainda, retinem, ressaltam dentro da própria casa vindos não sei por onde. A maior parte da noite passamo-la a pé, de



Capitão Luis Gonzaga

luz acesa. Mas, como a fadiga pesa de longe com mão de chumbo esmagadora, num ou outro intervalo de sossêgo, as cabeças tombam vencidas e os corpos rolam no chão, bêbados de sôno. Logo, breve tempo andado, a um novo rebentamento, abalando a terra e casa, abrem-se olhos desorbitados e turvos de pesadelo e novamente ficamos de ouvido à escuta, não vá cair alguma e esfrangalhar-nos a pousada.

Os soldados que aqui dormiam no palheiro da *ferme*, assim como os maqueiros refugiam-se num abrigo subterrâneo, a uns 60 metros da casa. O maior número dêles junta-se ao grôso do batalhão e andam a monte, dormem enterrados nas mêdas de palha pelo campo. Como ficam escondidos teem a ilusão de estarem mais seguros.

Todavia, os gases, as canceiras infinitas, o noctambular nas terras húmidas e a perseguição do fogo, acossando-os sem parar, devasta-os homens terrivelmente. De dia o pôsto enche-se dêstes espectros lívidos e lamacentos.

Mas o bombardeamento não sossega e a cada passo as granadas rugem sôbre êle e os estilhaços cantam no páteo e nas paredes. E vê-se então, se alguma rebenta perto, tôda esta gente fugir, esconder-se, rastejar, saltar os drenos e errar nos campos.

Assim o meu trabalho dura horas e prolonga-se fatigantemente por todo o dia e parte da noite,

cortado pela debandada dos doentes. Vão e voltam, sempre mais cansados. As faces cavam-se, dia a dia. As almas desmoralizam-se. A unidade e a disciplina desfazem-se nêste desfazer de feira. E não há maneira de os suster. Debalde a gente se interroga sôbre a utilidade desta permanência sob o fogo, inactiva, desmoralizadora, exaustinante. Os quarteis das brigadas, igualmente acoissados, procuram mais atrás lugar seguro. Mas nós ficamos. Ficamos encurralados. E há mais batalhões assim. São legiões de miseráveis atirados às feras.

Saíram do calvário das trincheiras para descansar. Prometem-lhes, dia a dia, nas ordens dos altos comandos, o largo repouso a que têm direito. E, ironia trágica, atiram-os ao circo. Dentro em pouco o batalhão estará reduzido a metade. Tem havido mais baixas nestes dias que em todo o tempo das trincheiras.

Eu, em convalescença duma doença, sob êste regimen esgotantíssimo, ando amarelo e magro como um cão. O torpôr e o embrutecimento degradam-me. Todavia reajo. Trago comigo uma pequena edição de algibeira do *Destinées* d'Alfred Vigny. Vamos, entre duas granadas, ler uma página. Por exemplo, aqui: — *La mort du loup*, a morte estóica do lobo, de quem o Poeta diz:

«Et sans daigner savoir comment il a péri,
Renfermant ses grands yeux, meurt sans jeter un cri.»

E gravo na memória, exaltando as últimas forças, o nobre conselho do lobo:

«Gemir, pleurer, prier, est également lâche.
Fais énergiquement ta longue et lourde tache
Dans la voie où le sort a voulu t'appeller,
Puis après, comme moi, souffre et meurs sans parler.»

É o último recurso:—tomar o partido das feras.

20 de Março.

Meu Deus, que noite!

A bruma entroviscante que estes dias fechou os horizontes adensou-se à tarde, e o borraceiro das nuvens entrou de filtrar e pingar humidade. No chão, uma lamiça turva, onde os passos resvalam. E pouco a pouco o escuro cresce e um céu baixo e chuvoso aperta-nos contra as misérias da terra.

Com o vir da noite vem a chuva. Não boie um sopro de aragem. Uma imobilidade soturna. E cada vez mais densa a treva. É um desfazer-se o negrume das nuvens contra o negrume do chão, penetrando-se, confundindo-se, misturando-se na mesma matéria torva e viscosa. Ao fim céu e terra formam um só abismo escorrente e caliginoso.

Dentro da minha caverna eu e o Frazão ageitamo-nos para repousar. A mesma necessidade nos traz a esperança de que o desfavôr do tempo ponha tréguas ao fogo.

Como as primeiras horas são quietas, essa esperança arraiga-se. Respiramos desafogados. E abatemos com a tonteira do sôno.

Curto alívio. Aí vem uma granada, depois outra, e outra. Uma pausa. E a scena repete-se. Veem, pois, às três, com pequenissimos intervalos. Chegamos, de relógio em punho, a medir os espaços.

Mas o arco que elas descrevem, atravessando os ares, encurta, a olhos vistos, assustadoramente. Já cercam a casa de explosões. Rasam a *ferme* tão de perto que na descida rápida ouve-se por cima um rugir de tufão. Agora veem às quatro e cinco, a espaços mais curtos.

A sua lufada é tão violenta e cerce que sopra até à medula. Súbito uma cai tão de perto que as paredes dançam e a explosão ensurdecente rasga, com a garra de ferro, e arranca e lança pelos ares pedaços do casebre. E outra logo estoura ao pé.

Cá fóra, a soldadesca estremunhada abala pelos campos. Nós, pois que nenhum dever ali nos tem, vamos igualmente. A chuva cai. O abrigo subterrâneo, próximo ao pôsto, encheu-se de gente. É para aí que nos dirigimos também e abrigamo-nos apenas com a saliencia que o terreno forma à

entrada. Lá no fundo os homens estão metidos dentro d'água.

Postos por trás da elevação da terra esperamos e vemos. Pois que a chuva gradualmente parou; ouve-se tudo melhor. A própria solidão da planície parece estar de ouvido álferta. Assim ouvem-se as granadas vir de longe, desde a origem. Uma detonação surda que mal se escuta. Depois um assobio longinquo. Agora o assobio é silvo e cresce e avança e ruge, ronca, urra, despenhando-se em tromba, num resfôlego espantoso, que só de ouvir-se gela, e curva a espinha. Logo raiva num fragoroso estampido e vê-se golfar do chão para logo se extinguir, um jacto vulcanico, vermelho-fulvo, de chama, lava e faúlhas ardentes. A seguir, curvados por trás do parapeito, ouvimos zunir, estrídulos, ós estilhaços . . .

Uma lenta hora esperamos que a tempestade amaine. Súbito calou-se tudo. E voltamos para o posto. Mal tivemos tempo de encostar a cabeça e elas que chegam de novo. De luz acesa, olhamos pelo som a distância a que caem. Voltam a ameaçar a casa.

Os soldados, a quem a nossa presença anima um pouco, postam-se fóra, colados às paredes, tanto mais que a chuva cai torrencial.

Como são quatro horas da manhã e me sinto fraco e esfaimado, entretemos o tempo a comer bolachas com mel. As granadas agora estoiram mais de largo, de modo que voltou a confiança e

rimos debaixo do furacão. São minutos. Não tarda que se aproximem. Esta já foi mais perto. E esta ainda mais. Outra, junto à casa, foi um trovão horrendo. Olhamo-nos, sem dizer palavra. Dum instante para o outro podemos ir pelos ares. E vai, — *zut*, — rompe, rugidôr e instantâneo, um furacão direito a nós, e ela aí cai, ribomba e arre-bata, espadanando aço, pedras e telhas, que chovem, saltam e tilintam sôbre a casa.

Então é a. debandada, o salve-se quem puder na noite lóbrega, na água e na lama. A turba dos soldados abala, gemendo, como um rebanho perdido na tórmenta. O Frazão sumiu-se, e não o torno a ver. Cá fóra chamo a minha gente. Seguem-me. Estão ali.

A chuva continúa a cair.

Como de começo não vejo o caminho, mal habituado ainda ao escuro de caverna em que entramos de súbito, carrego o botão da minha lâmpada eléctrica, seguro de que a chuva não deixa vêr de longe o pálido clarão, — não vá eu despe-nhar-me em dreno ou cova de cratera, posta adiante.

E uma voz irada, bruta, asselvajada de mêdo, grita do escuro:

— Quem é essa besta que vem de luz?! *

— Furioso comigo mesmo, com aquele abalar hediondo, com a bruteza do soldado, vou avançar pra lá e pôr-lhe a luz à cara, mas uma granada cai ao pé, no espaço que medeia, entra

no chão, rebenta, chofra no atascal, espadanando ondas de lama. Agacho-me; outros acachapam-se na terra. E tudo novamente debanda.

Agora caem, umas sôbre outras, às dezenas, sem parar, explodindo, revolvendo, esparrinhando.

A terra por onde vamos à tãa, sob a infiltração lenta da chuva tornou-se num mârnel lodoso, sem trilha, cortado de regatos, aberto aqui e ali em poços viscosos de cratera, imenso e espapachado onde os pés e as pernas se enterram, fundos. Ouve-se o patujar do tropel fugitivo, num surdo chape-chape. E, ao rápido clarão das explosões, lobriga-se o bando monstruoso das larvas rastejando, semi-imersas no lodaçal. Vamos alagados em água, e cada passo, que se arranca do pântano, com o pêso e a fadiga que nos entorpece, vale um martírio agudíssimo. Mas o pensamento acabou dentro de nós. Sente-se um vazio imenso. Tudo é aniquilação e envilecimento. Só no fundo da consciência uma voz brada revolta contra aquela situação inútil e degradante.

Breve a manhã clareia. Parou a chuva. O fogo afrouxa e cala-se. Olhamo-nos uns aos outros com espanto. Não somos homens; somos fañrapos amachucados e encardidos de lama. Nas faces descarnadas e amarelentas, olhos pisados sem brilho. Pingamos escorrências.

Voltamos.

A casa, posto que atingida, conserva-se de pé e durante o dia o bombardeamento continúa.

21 de Março.

Os homens e as coisas gastam-se rapidamente. Acelera-se com vertigem o ritmo da morte.

Uma das duas ou três únicas casas, por enquanto intactas, é aquela onde se abrigou o comandante do batalhão, o capitão Brun. É lá que passo algumas horas da noite. Mas logo de princípio começam a chover sôbre toda a planície as granadas de gases. Sopra o vento. Não obstante as portas e as janelas estarem fechadas, o quarto para onde eu e o Frazão nos atirámos, está empestado do cheiro nauseabundo. Pomos as máscaras e tentamos dormir com elas postas. Mas aquilo, horas seguidas, somado às nossas infinitas fadigas, cança de tal maneira que acaba por destruir a noção do perigo, e deitamo-la fóra. Ficamos prostados em tamanha sonolência, que somos insensíveis à idea da morte.

As granadas cáem às centenas, aos milhares, durante toda a noite. Entram na terra, com um baque surdo, sem estrondo, numa explosão abafada.

Mal clareia a manhã, olho pela janela. É uma madrugada amarela, empanada pela imensa nuvem dos gases, que o vento esgarça.

Ergo-me. Urge recomeçar a dolorosa faina.

O posto regorgita de gente. Para lá me arrasto. Durante a noite os gases envenenaram metade do



O Glorioso Sono.

Desenho do Capitão Menezes Ferreira.



batalhão. Há já alguns casos graves. Ferimentos até agora, todos ligeiros.

Pacientemente começo a observar os homens. Mas, como o tempo aclarou, decorridas as primeiras horas, os *boches*, que por certo viram o fervilhar da multidão junto do posto, estão a corrigir a pontaria para o fazer voar. Percebo-o claramente. Adquiro a certeza de que a *ferme* vai ser atingida e uma granada que estoire em meio da multidão pode acarretar um grande número de perdas. Convêm por consequência transferir o posto. Ora a única casa, cujas imediações até agora não fôram visadas, é a do comandante. Resolvo ir lá. Galgo rapidamente os 300 metros que medeiam, e expinho-lhe o caso. Mas êle objecta-me que não terá, por sua vez, para onde ir. E volto. Volto com a convicção de que o pôsto rebenta e alguém com êle.

Caem as granadas, e porque muitas são de gases, ordeno a todos os doentes que ponham a máscara.

Eu e o enfermeiro temos que nos aguentar. É impossivel fazer-se com desembaraço o serviço imenso que temos diante, de máscara posta. Por outro lado é mister observar cuidadosamente os gaseados, para não baixar homens à tôa. Muitos dos casos são ligeiros. Mas há ali homens com os pulmões quási inteiramente obstruidos, que mal respiram; alguns corações galopam em taquicardias doidas; e há olhos queimados, rubros de sangue.

Tenho que os auscultar com as granadas a cair a dezenas de metros. Por vezes o estampido é tão próximo e terrível, que os homens, de tronco nú, fojem-me às mãos. Segura-os ali apenas a esperança na *baixa* redentora, que os atire para as ambulâncias e hospitais da rectaguarda. Ao troar formidando, que tudo abala, vê-se no estreito recinto o torvelinho dos homens fugindo, agachando-se e cosendo-se às paredes.

Sente-se nitidamente que a morte vai chegar.

De repente há um fragôr cataclísmico. Uma granada cai em cheio, estoira, esfrangalha, abate um dos lanços da casa num desabar estrepitoso.

Alteou-se uma nuvem de gases, e ao estalar das traves e das telhas, a luz escureceu soturnamente. Um denso nevoeiro côr de mel envolve tudo. Logo o pânico tumultuoso, cortado de uivos dilacerantes, redemoinha no lusco-fusco.

E na bruma sufocante, que cheira a alho, os feridos arrastam-se, aos urros, em solavancos, golvando sangue, arremessando-se em gestos loucos, tisonados pelo fogo, e as caras hediondamente mascarradas de negro pelos gases.

— Às macas! Peguem dos feridos!

Bradamos, damos ordens, procuramos salvar o material, com que havemos de tratar os feridos, e, a plenos pulmões, sorvemos o ar mortal.

O enfermeiro Baldaia, ao meu lado, nem um instante perde o sangue frio.

Já quando partimos, inda se lembra que pôde

haver alguém sob os escombros e, sem temer nova granada nem o bafo do foco pestilencial, êle aí vai resolutamente, afrontando a morte.

A procissão trágica segue estrada fora, comigo à frente. Dirijo-me agora sem hesitar para a *ferme*, onde se instalou o comandante. Êle sai-me à frente, interrogando.

— Aí tem o que eu lhe dizia.

Breve os feridos alastram nas duas salas maiores da casa, lançados por terra, sôbre as macas. Só então reparo neles, e os observo rápidamente para escolher aquele de que hei de cuidar primeiro.

Um — o que foi colhido pela frente e em cheio, na explosão, ficou inteiramente esfrangalhado. Uma das côxas, cortada junto da bacia, pende, ligada apenas por um retalho de pele. Ao deitarem-no à maca, colocaram-lha às avessas de modo que a perna volta o calcanhar para cima. O ventre foi rasgado, lado a lado e de alto a baixo, tão brutalmente que a massa dos intestinos saltou fora e os excrementos extravasam e fedem. O fato e o corpo todo foram lambidos e tismados pela labareda; têm a cara farrusca, laivada de fuligem, como a dos carvoeiros; só o branco dos olhos e o bordo extrêmo da fieira dos dentes, alvejam na escuridão. Colhe com ambas as mãos os intestinos, e enterra-as na vasa fétida que sai.

Êste homem não morreu ainda. Mais do que isso fala; e fala na sua linguagem brutal e obs-

cena de caserna, em plena sinceridade, como quem desabafa e já não tem nada a perder.

Ao pé, outro ferido tem um lado da cara, incluindo o olho, deitado a baixo, num chanfro borbulhante de sangue, sob o qual se percebe a alvura rígida da caveira. E as suas duas nádegas foram esquarteradas dum só lanho até ao anus, perpendicularmente ao sulco natural, fendendo-as em quatro postas sangrentas.

Este tem a cara retalhada por estilhaços, às navalhadas. Aquele um golpe no pescoço, como se fôsse de machado, caindo de raspão. Há-os ainda com feridas de somenos. Auxiliado do Baldaia e do meu impedido, enceto a rude faina, pelos de mais gravidade, deixando todavia para o fim aquele cuja morte é uma questão de instantes. Ela é quasi certa para todos. A daquele é inevitável.

Mas êle tem os olhos abertos e vê, e é então que ergue da sujidade uma das mãos e a brande no ar e na sua linguagem espantosa brada, em ameaça:

— Que c Vocês abandonam-me! Deixem estar!

Entanto a sala encheu-se de *mirones*, oficiais e soldados, a quem o trágico painel concita.

E os alemães que viram tudo e sabem a *ferme* atulhada do povileu, visam-a e atiram para novo massacre.

Tão rápidas e rentes caem agora ali, que dum momento ao outro sumiu-se toda a gente.



Capitão Américo Olavo



Ficamos, com os feridos, eu, o enfermeiro, dois maqueiros e o meu impedido. Um dos maqueiros mesmo propõe-se, enfiado de medo, ir buscar ao posto destruido uma tesoura para abreviar a faina de arrancar as roupas. Tenho de cortar cerce, com brutalidade, aquele excesso de filantropia.

Entro a convencer-me que o improvisado pôsto irá também pelos ares.

Daí a pouco entrou o comandante e veio junto de mim constatar o perigo mortal em que estavamos todos, declarando-me que ficava ali para correr os mesmos riscos e auxiliar-me.

Deu ordem para que à pressa chamassem outro médico e as ambulâncias automóveis.

As granadas continuam silvando sôbre nós. Uma rebenta perto. E outra, e outra mais perto.

É então que me apróximo do moribundo. Ainda há pouco suplicava:

— Dêem-me um tiro!

Agora, de olhar sumido, pede água, já numa voz que vem de longe. E do fundo do seu abismo agita as mãos ansiosas, agarrando-se a coisas invisíveis, à procura dum último resto de vida a que prender-se.

Dou-lhe a água a beber e ageito-lhe os intestinos dentro do ventre.

Os outros gemem numa cadência lúgubre, donde sai entre soluços uma voz, chamando:

— Minha mãe! Minha mãe!

Quando o outro médico chega, pouco há que fazer. As ambulâncias automóveis veem também. E as granadas tacteiam, explodindo, à procura da casa. Estoiram, alargam braços de ferro, fazem dançar a *ferme*.

As ambulâncias automóveis partem, atulhadas.

Com a noite o fogo amainou de súbito.

E eu, mal que acabei de tratar o último ferido, dei mais alguns passos e tombei sobre uma cama, oprimido, queimado, exausto e todavia numa excitação maligna dos nervos em fogo.

Obsidia-me a visão espantosa do moribundo, que do limiar da morte me ameaça. E que ameaça para lá de mim quantos o abandonaram naquela terra. E para além ainda, a velha ambição do mundo que para sempre o abate e afoga na grande noite.

Agonizante, os pés já enterrados, sem remédio, na fundura negra do túmulo, e as mãos enclavilhadas sobre a borda do abismo, eu o vejo que se torce e ergue uma delas, e crispando-a, cheia de sangue e merda, contra o secular fantasma, — o espírito tirano, que êle mal distingue, — brada, pela bôca da Morte, às palavradas, num supremo ultraje, o seu grito terrível de maldição e de vingança!

NO ABISMO

22 de Março.

SAIO do batalhão para recolher a uma ambulância e, de caminho, corto a Locon e dirijo-me à casa, onde tenho um quarto, para mudar de roupa. Veem comigo o meu impedido e o enfermeiro Baldaia.

É alta noite. Acendo uma vela. Há algumas horas que sinto um mal horrível. Tomou-me uma tosse violenta, ao passo que me ganha o peito uma opressão e um ardor horrível, como se me houvessem despejado algum líquido corrosivo cá dentro. Os olhos doem-me agudamente. Vejo-me a um pequeno espelho metálico de algibeira. Diabo! Tenho a impressão de que uma névoa me não deixa vêr bem. É que estão irritados e laivados de sangue. Espreguiço-me. Sinto juntamente uma fadiga imensa e uma necessidade inquieta de me agitar. Disponho papéis; abro a mala; to-

mo e largo coisas à toa, até que enfim começo a despir-me.

Mas eis que anseio numa nova aflição. Arquejo, sacudido de haustos e vômitos hediondos, é, longamente, corre-me da bôca uma espuma branca e viscosa laivada de sangue.

Agora uma atonia funda prostra-me o corpo. Urge que me deite. E, quando vou a meter-me na cama, sinto um ardor violento e cruciante nos olhos que entram de chorar a grandes bagadas. De súbito cerram-se e quando tento de novo abri-los, sinto que as pálpebras estão violentamente coladas uma à outra. Então às mãos ambas afasto-as um pouco para logo as deixar cerrar, tão doloroso é êsse esforço. Mas, — coisa horrível! — eu não vi. Uma suspeita terrível me lanceia a alma: estarei cego?! Afasto de novo as pálpebras. Horror! Não vejo! Não vejo! Estou cego! O coração bate marteladas doidas. Sento-me na cama e procuro dominar-me. Digo a mim mesmo que é naturalmente inflamação passageira. Mas como não vejo e só o tacto agora me guia, na tontura da aflição e da fadiga extrêma, cambaleio e tropeço em tudo. Às apalpadelas consigo deitar-me. Tento descançar. Mas não há maneira: o coração acicatado da emoção horrível, exaustinado pelo veneno, galopa, galopa cá dentro. No quarto, por cima de mim, os meus dois pobres companheiros gemem, decerto alcançados pelas mesmas dores. Agora não gemem, uivam espantosamente. É o meu coração não des-



Uma casa de La Couture.

cança. Sufoco. Então num repelão deito a roupa fora, sento-me na cama e desato a bradar, chamando pela dona da casa:

— *Madame! Madame! s'il vous plait...*

E quando ela vem sobressaltada, grito-lhe ainda:

— *Je suis aveugle!*

Seguindo as minhas instruções, ela vai chamar um médico, que não deve estar longe.

Dentro em pouco o Maximiliano Cabedo chega, examina-me e, ao descerrar-me as pálpebras para vêr-me os olhos, donde as lágrimas correm num fluxo abundante, eu grito com a dôr agudíssima. O Cabedo faz-me um penso aos olhos, dá-me uma injeção de *pantopon* e resolve que eu parta imediatamente para o Hospital de Sangue n.º 1 em Merville, onde há um especialista de olhos. Já mesmo a ambulância automóvel em que eu devo seguir arfa lá fora à minha espera.

— Você tem que ir sem demora para Merville, diz-me êle.

— Deixe-me ao menos vestir-me, peço-lhe.

— Não pode ser. Tenha paciencia. Não há um momento a perder.

Sinto naquelas palavras, mais do que isso, dentro de mim qualquer coisa terrível que se aproxima. Serenamente digo-lhe algumas disposições da última hora. Êle escuta e encoraja-me.

Depois envolvem-me numa manta, deitam-me numa maca e lá entro na ambulância automóvel. Pelos gemidos percebo que os meus dois compa-

nheiros vão também. Por mim serenei um pouco. O *pantopon* aliviou-me as dôres e trouxe-me alguma quietude interior.

Veloz, o carro deslisa.

Que horas serão? Perdi inteiramente a noção do tempo e a minha propria consciência vai adormecida. Será noite? Será dia? Sinto apenas que corro estradas sôbre estradas, embalado pela trepidação do carro.

De repente, começo a ouvir — coisa nunca sentida! — romper a madrugada na garganta das aves. Primeiro é apenas um crepúsculo de vozes abafadas; depois um sussurro esparso de trilos amanehcentes; agora ergue-se um coral de cantos e evoés festivos, té que as vozes acordam e se levantam à uma e é a fanfarra alacre da multidão alada.

O canto das aves tonalizou-se de todas as cambiantes da aurora, acompanhando o esto ascensional da luz tão clara e vivamente que eu sinto com funda e dolorosa comoção romper lá fóra a manhã.

O carro parou: chegámos. Tiram-me lá de dentro e levam-me na maca para uma sala de espera.

Deve ser muito cedo ainda, porque o médico tarda. Mas uma voz interroga-me baixo, ao passo que me tacteiam o pulso. É êle: acaba de chegar. Percebo que me levam para junto dum fôgão, que arde. Depois rodeiam-me com sacos d'água

quente. Dão-me café, depois champagne. Todavia sinto ganhar-me um grande adormecimento, e vivo apenas, de longe, pelo tacto e pelo ouvido. Agora carregam comigo escada acima, e deitam-me numa cama. Não conheci ainda a voz do médico, mas é carinhosa. Mais do que as palavras, ouço a sua piedade, que quer sarar-me os males.

— Quem é o colega? Como se chama? — pergunto na minha voz debil.

— Tenente-médico Féria.

— Obrigado. Obrigado.

Agora vem um novo médico examinar-me. Ouço-o dizer, falando com alguém, que o especialista dos olhos não está actualmente no hospital, pois foi assistir a um congresso a Paris, e remata com enfado:

— Êste homem não devia vir para aqui. É levá-lo para St. Venaint, ao Hospital de sangue n.º 2. E diz «êste homem» com o desprezo frio de quem dissesse:—esta coisa. A este nem lhe pergunto o nome nem tenho que lhe agradecer. Conheço-lhe bem a voz.

De súbito um estampido formidando de rebentamento abala tudo. Depois outro, e outro. Os alemães bombardeiam Merville e por certo com granadas de muito grande calibre.

Géla-me a idea de que o hospital pode ser atingido e de que eu estou cego. Sinto mesmo no precipitar dos passos subindo, descendo, circulando

por escadas e corredores, um ritmo de pânico. Se as granadas ali cáem dentro, quem se lembrará de mim?

Mas houve um intervalo de sossêgo. E novamente me levam em maca e transportam para a ambulancia automovel. Lentamente o carro gira: vamos para Sant Venaint; mas o bombardeamento recomeçou e, corridas algumas rodadas, o carro pára. Devo estar no meio da estrada. E eis que um estampido se ouve tão próximo e violento, que eu salto no meu beliche. Gritos, alarme, um vozeio de turba aflita e passos que batem rápidos. Depois um silencio. Dentro ou sôbre o carro não ouço ninguêm. E os desabamentos explosivos succedem-se. São retumbos cavos de grandes massas que se despenham e rebentam. Tenho a visão de que as altas torres da cidade, sacudidas por um vento louco, desabam, tombando e restringindo sôbre um chão de bronze. *Pan . . . paan . . .*

É um espantoso dobre de finados. As explosões ribombam, ecôam, e voltam e não cessam. Agora na estrada, à minha volta, ouço um estrupido galopante e rodante de automóveis e carros e carroças que abalam, doidos, a fugir. Uma onda de sons e gritos desvairados precipita-se. Chamo debilmente:

— Oh! maqueiro! oh! condutôr! . . . Há aí alguêm?! . . .

Repito e nada: estou sôzinho! O coração gelame. Torço-me sôbre a maca numa aflição estrebu-

chante. Sòzinho! As granadas retumbam e trôam sem parar. Há sons de catástrofe, tão espedaçantes e rugidôres, que entram como um vento cá por dentro e fazem tiritar. A galopada passa, vôa, ruge, num rodar de fogo, precipita-se, cresce e roça por mim tão desabalada e vertiginosa que eu me convenço que dum momento ao outro vão chocar em mim, voltar o carro, arrebatarme e desfazer-me. Meu Deus! qué horrôr! Cego, sòzinho, nú e sem forças sequer para me erguer! Ah! morrer assim! Morrer sem vêr e sem dizer adeus à luz, ao sol, à terra! Isto é morrer mil vezes. É morrer no Inferno. É morrer na cruz da treva, rodeado de espanto e convulsão. Tento erguer-me, mas é impossível; estou inteiramente exausto. Só os nervos vivem tão intensamente que eu agonizo de aflição e pânico. Ranjo os dentes. Tenho um arrepio frémulo à raiz dos cabelos. O coração bate que quer saltar. E ao compasso louco da galopada a minha emoção dispenhou-se e cavalga também os corceis do pavor.

Quanto tempo estou assim? Meia hora? Três quartos? Não sei. Há aflições que o tempo não mede: são incomensuráveis.

Emfim o maqueiro e o condutor chegam; transportam qualquer coisa para dentro do carro; e explicam que é um ferido agonizante e um morto, que tombaram ali perto à primeira granada. O ferido já foi pensado e, como ambos são ingleses, vão levá-los no carro a um hospital seu. O bom-

bardeamento amainou. E rodamos enfim. Do hospital inglês vamos para S.^t Venaint. E a caminho eu penso com revolta no estoicismo do poeta, dando como exemplo, às agonias dos homens, a morte do lobo.

Palavras...

Tivesse êle sentido...

Não, que até os lobos teriam rugido, apavorados.

24 ou 25 de Março

Perdi a noção do espaço e do tempo. Caí num abismo, donde a custo arranco para voltar, à realidade. Por vezes a vida pára-me e depois tenho a impressão de que ressuscitei: é o coração que desfalece. Na memória poucas sensações persistem. Só isto: a cada arranco de tosse enche-se-me a bôca de sangue. Dão-me leite, champagne e drogas, e crivam-me o tronco de ventosas. A tosse não me deixa descançar. Adormeço e acordo a cada passo com pesadelos horríveis. Outras vezes passo horas sôzinho. Quero falar e chamar por alguém, mas enrouqueci de tal maneira que perdi a voz.

É certo também que nem fôrças teria para falar. Nem as tenho também para sentir. S.^t Venaint tem sido bombardeada com granadas de

38. Como esta gente no hospital não está habituada, tem o mêdo mais fácil.

Por mim, caí numa profunda indiferença. Só me custa sentir-me às vezes abandonado. E quando me lembro que longe daqui, muito longe, teria uma enfermeira disvelada e carinhosa e que a certas horas uma voz infantil viria perguntar: — «O papá está melhor?» — uma comoção fundamentalmente dolorosa estrangula-me a garganta.

28 de Março.

A meu pedido mudaram-me para um quarto, onde estava também gaseado, mas bastante menos, o tenente Frazão.

Já tenho um amparo moral. Continuo a não poder dormir, sacudido por ataques de tosse, acompanhados de fluxos de sangue. No corpo queimado pelos gases começaram a aparecer chagas. Sou um Job. Chego a ter repulsa de mim. Todavia vai-me penetrando uma grande esperança: quando descerro os olhos já vejo um pálido clarão, nevoeiro de luz, donde a Vida surge como um dôce fantasma.

A BATALHA DO LYS

9 de Abril de 1918

LAZARO, ergui-me do sepulcro. Vivo com a frescura de emoções de quem renasce.

Já vejo alguma coisa e dou o meu passeio pelo corredor do hospital.

Mas, porque a minha memória foi profundamente abalada e um véu de sombra me empana ainda os olhos, o mundo e a vida, onde eu reencontro, surgem do Céos, brilham a custo, através de um nevoeiro espesso e primitivo. Não vejo as linhas contornais das coisas e dos seres. Lobrigo apenas manchas paradas e sombras que se movem.

Voltou-me com violência nova o desejo de viver. Conseqüentemente o interêsse pelas novas da guerra.

Das nossas tropas vem a notícia de mais um *raid*, realizado com grande valentia. O Américo Olavo consegue levar a sua gente até à segunda



Um abrigo para Artilharia.

Duca



linha *boche*, mas a noite chuvosa, a terra encharcada, e mais do que isso a rápida retirada dos alemães, não lhe dão os felizes resultados que o seu valor merecia.

Com êste é o terceiro grande *raid* das nossas tropas, pois já antes do Olavo, o capitão Vale de Andrade realizára uma incursão às linhas inimigas com muito e feliz arrôjo.

De tôda a parte chegam sinais de que a luta se intensifica. Espera-se, a cada hora, que a ofensiva alemã, iniciada na direcção de Amiens se generalize a outros pontos da frente.

Mas, — coisa inevitável, — os nossos soldados, começam a revoltar-se. Sim, inevitável. Pois se de Portugal não mandam reforços e nos esquecem, e os altos comandos, sem a coragem de protestar por todas as formas contra êsse desprezo, fazem todos os dias aos soldados promessas de descansos e licenças que nunca chegam, e exigem dalguns milhares de homens o dolorosíssimo esforço, que nos outros exércitos se distribui por centenas de milhares, que menos se poderia esperar?

O desfalecimento, a exaustão, o desespero atingiram o auge nas nossas fileiras.

Hoje enfim as nossas tropas da frente vão ser rendidas em massa. É uma deslocação total para a rectaguarda. E como não há portugueses para essa rendição, o nosso pequeno sector vai cair em mão dos ingleses, ficando nós sem um soldado nas linhas!

Eu estou no *Hospital das Doidas*, em S.^{te} Venaint, numa grande parte do qual se improvisou o nosso Hospital de Sangue n.º 2. É um vasto conjunto de casas apalaçadas, dispersas num grande parque, em cêrca.

Há ali algumas centenas de mulheres loucas.

Às quatro horas da manhã, deitado na minha cama, acordo ao trovão estupendo dumã granada de 31 ou 38, estoirando próximo. O alto e vasto edifício baila sôbre os alicerces, e os grandes estilhaços, como bolidos incendiados, rugem e sibillam, sinistros, cortando as paredes e os telhados. Depois outra. E não param. De espaço a espaço, um abalo fundo de terramoto e o espadanar estrídulo da metralha. Para as linhas um rebentar de tempestade oceânica raiava, furibundo. O coração aperta-se à lembrança dos que andam àquela hora sôbre as altas ondas de fogo e terra.

Quási todos os doentes, que podem levantar-se, vagueiam de luz acesa pelo hospital. Médicos e enfermeiros, tudo se ergueu. O trovejar da planície enche as almas de assombro. Só quando dealba a manhã, e as primeiras grandes novas chegam, eu e o Frazão nos erguemos.

Às dez da manhã sabe-se já que os alemães, numa ofensiva de grande estilo, cuja largueza é por emquanto difícil de avaliar, romperam as nossas linhas e avançam.

Os feridos entram constantemente.

As faces andam pálidas e espantadas. A bata-

lha aproxima-se. Aumenta o seu marulho tonitruante. As novas que chegam rasgam a cada passo o âmbito da tragédia.

A larga cêrca do hospital povoou-se pouco a pouco de vultos, clamores e autos, ofegando.

Chego à janela: uma turba que a bruma do dia afunda, invadiu as ruas do parque e a antiga solidão de grupos gesticulantes, acampamentos de acaso, de mantas, máscaras, mochilas e armas, abandonadas sôbre a relva dos talhões. Mais e mais grupos entram. Uma ambulância automóvel desliza lentamente e pára em baixo à porta. Do fundo, com vagar, saem em braços volumes humanos, as cabeças e os membros descaídos. Os meus olhos, cuja névoa de sangue deixa apenas entrever as cousas, desta distância enxergam tudo aquilo em sombras moventes.

Com o giro das horas inunda-se o parque; a turba vem às ondas e reflui té se afogar nas casas e nas áleas, e cada vez mais o rumor, que exala, me inquieta e aflige.

— Vai encher-se tudo com feridos, — dizem.

Resolvo então ir ajudar os camaradas, que lá em baixo se estenuam na faina cirúrgica. Esqueço a minha trémula convalescença e desço, agarrado ao corrimão, as escadas que levam à cirurgia. A meio do último lanço chega-me, lá do fundo dos vastos salões, um bafo quente de fornalha e um borborinho confuso.

Entro na primeira estância: regorgita de feri-

dos, lançados em macas, a esmo, sôbre o ladrilho do chão, de lés-a-lés. Ao primeiro relance lobrigo apenas, lançada por terra, a massa azul-cinzenta das fardas, manchada de lama e sangue.

Ouve-se um remexer dorido, gemidos baixos, rouquejos. E logo, distintamente, salta-me, aos olhos a visão dum grupo trágicamente imóvel, ali ao pé, rente a mim, e à orla do amontoado humano: é um padre que reza, ajoelhado, as orações da última hora, dobrado sôbre um vulto estendido e inerte com uma face branca e fria de gelar.

O meu olhar, que sai da escuridão recente, ao encontrar-se de novo com o Mundo, cerra-se aflito e atônito.

Para seguir às salas da frente é mister entrar num cortejo de soldados, sopesando em macas mutilações humanas. Ali trabalham sem descanso três *équipes* de operadores.

Lançados ao acaso sôbre as macas, os feridos de mais gravidade esperam a sua véz. Um cheiro pesado e morno a éter, sangue e entranhas violadas entontece e engulha. À beira dêste ou daquele pingam nascentes de sangue. O chão é todo manchado pelo rio vermelho da vida que extravasa.

Oh! mas êste odôr a matança é intragável. Paro, hesito. Não, não posso. É demais para as minhas fôrças débeis. E depois êstes gritos!... Alguns psalmodiam queixas lúgubres. E, a espaços, forma-se um côro desgarrado de apelos e uivos, como de reses mal abatidas.



Capitão Fernando Soares

Um homem com a cara côm de chumbo e lama, sacode no ar um côm de braço empanado, todo rútilo de sangue, e implora, uivando:

—Não me deixem morrer! Tenham pena de mim!

Ali, para um canto, caiu uma horrível massa humana ensangüentada e informe; não se lhe vê a cabeça, todavia aquilo geme numa suprema despedida, muito baixinho, de cortar o peito:

—Ai! minha rica mãezinha!— como um degolado, cuja voz, tão sentida é, nascesse do próprio coração. .

E a um dos lados, contra a parede, alçou-se agora da sua maca um vulto lívido, numa palpação de fantasma, olhou de longe e à volta com duas brasas nos olhos, mexeu os lábios, quis dar um passo e recaiu pesadamente.

Vou tentar um esforço. A piedade galvanizou-me e dirijo-me a um dos médicos:

—Dê-me também que fazer.

Mas o odôr e a vista da carnagem acabam de vencer-me. Cambaleio, fecho os olhos, descaio contra a parede.

—Não, você, — diz-me êle, — não pôde ficar aqui, suba à enfermaria dos oficiais e, se quere, dê os primeiros socorros aos gaseados.

Saio; e resolvo não olhar aos lados, no receio de cair ao chão. Não obstante, aquela visão palpita à minha volta, já se esvanece, logo se aclara, numa lenta espiral de gestos e manchas de crúor. Vou à tôa; os sentidos tacteam.

Tropeço num vulto que está de bruços no chão. E, ao seguir no corredor, alguém, que passa sobre uma maca alta, chama pelo meu nome, numa voz passada de lástima e dôr. Voto-me e, quási na frente, uma cara marfínea, aberta em fundos de agonia, coálha dois olhos glaucos contra mim. Fito, atônito, aquele rosto de espectro, sem atinar quem seja.

E a voz volta, carinhosa, esmolando já de longe:

— Não se lembra?!

— Não me lembro.

Revolvo cá dentro a memória atorpida; mas em vão. Tento sacudir êste marasmo: tudo inútil. Quem será?! Aproximo a minha da sua horrível face. Que mágoa de o não conhecer! Mas, perante o meu espanto mudo, os olhos vítreos fecharam-se e a bôca emudeceu também, selada por um cansaço infinito.

A maca segue e eu fico a olhá-la aturdido, quási com remorso. Aquela alma, a debater-se no fundo da sua agonia, esperava decerto uma palavra amiga de confôrto. Que chama de sofrimento lhe queimou a face, se a não conheço? Sigo, mas a lembrança do desconhecido alanceia-me agudamente.

Subo de novo. Oficiais gaseados entram constantemente. Os dois primeiros já morreram de colapso cardíaco. Um tem na cara roxa de defunto uns olhos rubros de laca. Outros vêm, figuras

lúvidas, queimadas, farrapos e crostas de lama, cambaleiam, desabam sôbre as camas e depois que os despem ficam longamente sem falar nem bulir.

Há-os sacudidos de vômitos brancos, intermináveis.

— Da minha bateria escapei só eu, — diz um.

E aquele que está sentado, com a cabeça entre as mãos e os olhos perdidos, repete com voz cava, falando consigo:

— Fci o Alcácer-Quibir do C. E. P. . . .

Há-os tão inertes que parecem empedernidos de cansaço. Outros endoideceram de espanto.

O capitão Queiroz do 20 de Infantaria, amparado por dois soldados, avança, todo encharcado em lama, negro, desvairado, pintado a sangue e pólvora. Tomo conta dele; faço-o despír, examino-o, dou-lhe os primeiros cuidados. Foi atingido e rasgado por estilhaços aqui e ali, numa perna, nas costas, no pescoço, e sufoca de gases. Como conhece o Frazão, que está ali perto e me auxilia, conta-lhe a batalha em gritos, anseios e gestos doidos. Mas dir-se-ia possesso daquela visão de inferno. Como alguêm escapo a um cataclismo, treme todo ainda do grande arrepio.

— Eu estava nas linhas, Frazão. Saíamos hoje de manhã. Às 4 da madrugada rompe um dilúvio de metralha tão formidável; como nunca vi nem sonhei. A tempestade de ferro durou horas.

Um do lado confirma, com os olhos dilatados:

—Eu vi, eu vi: Ao atravessar os campos as granadas caíam aos milhares! Alevantavam o chão todo! A terra fervia em cachão!

E êste:

—As aldeias ardiam como archotes alumando a noite!

E aquele:

—Lembrava o Inferno, a terra toda a arder!

O outro agora ergue-se e avança, recua, esbracuja, pincelando a sua história num delírio.

—Depois ao vir da manhã atacaram. Atacaram em massa, às ondas, sempre em ondas, numa catadupa de homens. Só muito perto os vimos surgir do nevoeiro espesso da manhã. De nós os que ficámos, raros intactos, resistimos até à última. Houve cargas de baioneta. Uma fúria! Tu sabes: a coisa que mais detesto são os falsos heróis. Mas ninguém, ninguém faria mais. E tu conheces como estávamos cançados... A seguir abateram ou manietaram tudo à fôrça de número. Vi junto de mim, ali ao pé, oficiais alemães, pistola em punho, atirando sobre os poucos que tentavam salvar-se. Eu próprio estive envolvido. Atirei sobre um. Resisti. Furtei-me. O nevoeiro, o fumo da pólvora, a poeira levantada no ar eram tão densos, que pude escapar com duas ordenanças. Todo o meu terror era cair prisioneiro. Antes morrer, morrer mil vezes! Lá venho. Mas os caminhos tinham sido apagados pelos fundões dos rebentamentos e andámos de cova em cova, aos



Tenente-coronel Maia Magalhães



rebolões, errando. Logo, alguns passos dados, caio e zás! fico enterrado até os ombros na lama dum dreno. Já me dispunha a morrer, a ficar ali, sem fôrças para mais. E os meus homens,—como êles são dedicados!—teimaram, que não arredavam pé e, à fôrça de pulso, arrancaram-me ao charco. Lá vim, de trambulhão, caindo aqui, além me erguendo, no meio da tormenta. De comêço, ao rebeitar das granadas, inda me lançava a terra; depois, perdido, cortando os campos ao acaso, ferido, exausto, cambaleante, nem as ouvia, nem me importavam, insensível ao perigo.

Êste homem não cança de falar. O furacão da batalha entrou lá dentro, açoutou-lhe os nervos e a sua emoção despenhada rola e corre, sem parança. Ajunta traços novos: os feridos mais graves, que ficam à beira dos caminhos, de pernas jarretadas, nadando em sangue, à espera da morte.

Alguêm pergunta:

—E onde estão os *boches*?

E êle:

—Não sei: em La Gorgue, em Laventie... no diabo... Os nossos resistem em muitos pontos da *Village Line*. E encontrei batalhões de escoceses, os que haviam de render-nos, marchando para lá, magnificos, a cantar.

Um enfermeiro vem e diz-me que um oficial ferido, há pouco chegado, me pede para ir falar-lhe.

—Onde é?

—No pavilhão, ao pé da capela do hospital. Desço ao parque. A multidão peja o recinto.

A ressaca furiosa da batalha vem ali bater às golfadas, e espadana, volteia, ruga como as ondas, que invadem as grandes furnas a meio da costa, dentro do Mar.

Desde a manhã raras granadas caíam nestas paragens; mas agora ao começo da tarde afluem umas trás doutras; e, aqui e alê, desabam explosões, enquanto as *shrapnells* de 15 ribombam sôbre o hospital.

As ambulâncias automóveis entram, correm, partem de novo ou estacam e arfam trepidando. Paro desnortado. Para lá dos meus olhos baços vai um formilhar de espectros, que desemboca dos carros fundos, sopesa macas, e se dispersa ou choca em redemoinhos e grita, comanda, ulula.

Entro no pavilhão e busco com o olhar algum rosto conhecido. As granadas caem, estoiram lá fóra. Logo à entrada, dentro duma cama, vejo um homem em quietação extrema. Só a face, cujo tom plúmbeo ressalta na brancura do lençol, narra uma dôr horrível.

Os olhos estão cerrados, mas a contractura violenta dos masseteres, o latejar das têmporas e o premir raivoso dos beiços, de commissuras caídas, dizem o esforço de não gritar. É o capitão Almiro de Vasconcelos. Um enfermeiro conta-me em voz baixa que tem uma coxa esfacelada.

As camas estão cheias.

Então lá do meio um gesto brando acena-me. Avanço até ao leito, donde sai um meio corpo inquieto e uma cabeça de face inchada, os queixos afados, deixando ver junto da bôca o extremo duma larga ferida.

Custa-me a reconhecê-lo, tão deformado e branco tem o rosto. É o alferes Jaime Leote do Rego. E baixinho, que o bulir dos lábios abre-lhe dôres na face, conta-me o seu caso.

Noite ainda, marcha para a frente, a restabelecer as ligações telefónicas. Já alguns ingleses abandonam as baterias esfaceladas. E êle continua na sua faina, em meio da tempestade, arrostando longo tempo, no cumprimento terrível do dever, o vendaval de ferro e fogo, até que um estilhaço lhe rasga a face desde a orelha à bôca. Duas horas tem que andar a pé, esvaindo-se em sangue.

Lá fora e perto uma granada estoira com violência. Um sacudir convulso de paredes. E o moço herói, agora aniquilado, com inquietação febril, agarra-me na mão e pede que o não deixe, se acaso evacuarmos o hospital.

Vou saber,—digo-lhe;— e ao sair, acaba de se espalhar, veloz, a ordem de evacuação. Todos os doentes ou feridos que andem pelo seu pé, por grave que seja o seu estado, tem de abandonar o hospital e seguir para as ambulâncias da rectaguarda, a mais próxima das quais está

dali a três léguas. Os outros, os feridos de gravidade, hão de sair pouco a pouco nas ambulâncias-automóveis.

Como a tarde cai rapidamente e já se ouvem as granadas de pequeno calibre, prenúncio de que a batalha se avizinha, e os automóveis carreiam para ali novas de horror e faces de tragédia, o clamor, a angústia, o redemoinhar precipito da turba decuplicou.

Mais um automóvel com feridos.

São os homens patilhados da brigada do Minho. O capitão Franco esfarrapado, coxeando, cõr de cera; o tenente Branco com a cara e as mãos queimadas, em carne viva, e outros, outros ainda. Dentro do automóvel, em viagem, um estilhaço veio matar um dos feridos.

Encontro-me com o Frazão. Temos que sair quanto antes. A noite e os *boches* estão perto. Os corações das gentes batem com o ritmo espantoso da tragédia. Algumas levãs abalaram já e a estas horas seguem pelas estradas. Conto-lhe do Leote. Temos que ir lá, e vamos os dois falar-lhe. Êle sabe já. Mas os ecos surdos ou violentos das explosões incessantes, o receio de ficar para ali abandonado ou sepulto em escombros, na noite e na catástrofe, acendeu-lhe o desejo de viver numa fogueira de aflição. E, pois que se esvasou em sangue e lhe encheram os vasos de estimulantes para lhe manter o coração, tomou-o uma embriaguez louca. Tenta erguer-se, agarra-se-nos,

e suplica-nos, com gestos desvairados, que o não deixemos ali.

— Mas como, — dizemos nós, — se está exangue, sem fôrças e aos primeiros passos vai cair por terra?!

— Não! Não me deixem! Não me deixem! Vou amparado. Vocês seguram-me, verão... Eu posso...

O escuro da tarde já invadiu a sala. Há vultos que lutam, peito a peito, com a sombra e o pavor. E eu vejo apenas, alumando aquele fantasma estrebuchante os dois olhos fixos, a arder, como carvões acesos.

Pam. . . Pam... Boum... fazem lá fora as granadas. E êle quer saltar, ir connosco. Debate-se, alteia-se, crispa as mãos, como um afogado, prestes a afundar-se.

Está doido, está bêbado de pânico...

Eu que já conheço, por experiência própria, aquele estado de terror, que segue as grandes quebras físicas, em casos tais, sofro com angústia da minha piedade impotente.

Saímos. É forçoso abalar. No parque gente chama, corre, dá ordens. Os automóveis veem, voam, partem; a noite aguilhoa o movimento da turba vertiginosa.

Eu, o enfermeiro Baldaia, o meu impedido, o tenente Frazão e outros oficiais partimos num grupo. Ao sairmos, uma granada cai perto. Alguns soldados lançam-se por terra, e o Frazão increpa-os com escárneo, dizendo para lá das palavras

o seu espanto de que àquela hora alguém tenha ainda o receio de perder a vida.

Na estrada vamos engrossar o longo cortejo dos que retiram: — farrapos de regimentos, famílias de civis com as crianças ao colo, carretas conduzindo os restos dos lares, trabalhadores chineses, e, em grupos soturnos, soldados portugueses, ingleses, australianos, tudo numa torrente apressada, silenciosa, devorada pelo drama comum.

Atrás afogou-se na sombra o palácio dos doídos, dos cadáveres, dos mártires, dos moribundos, erguido à beira do rio humano, como um genial monumento de aflição.

Vamos, como feras acossadas por um incêndio, olhando de vez em vez para trás com olhos endoidecidos pelo espanto. Vamos levados, impedidos, arrastados, como coisas inertes na catadupa dolorosa. Andamos horas. Sigo amparado, vacilante, esfrangalhado.

A névoa, a noite, a fome, a fadiga, a cegueira, que de novo me empana os olhos, o surdo estrépito da caravana maldita galgando os caminhos, aquele potencial constante de misérias e dores já me alucinam.

Que verdade?! que pezadelo?! que sonho hediondo é este?!

E um desejo desesperado se enraíza cá dentro de juntar as derradeiras forças para numa revolta última, atirar-me à valeta e ficar ali até que a morte me salve.

ÀS GRADES

Janeiro de 1919.

ARESSACA da grande batalha tinha atirado para *Ambleteuse*, onde se haviam instalado os hospitais da base, milhares de feridos e estropiados.

Lá fui ter também na enxurrada sangrenta. A afluência foi tamanha que dum dia para o outro os hospitais ficaram repletos. Estropiado, febril, devastado pela intoxicação e quâsi cego de novo, errei naquela vila marítima durante todo o primeiro dia, sem encontrar logar, onde me abrigasse. Um acaso deparou-me o major-médico Azevedo Gomes, que me instalou na sua própria casa, onde residia com os demais oficiais da Cruz Vermelha. Passados alguns dias, o primeiro pavilhão do respectivo hospital começava a funcionar e fui transferido para lá. Aí vim a convalescer de parte dos meus males, graças aos cuidados gentis das damas da

Cruz Vermelha, cujo disvelo para com os feridos de guerra foi infinitamente carinhoso.

Recordarei sempre com alma agradecida as dôces figuras dalgumas dessas Mulheres, que suavizaram tantas das nossas horas amargas de doentes e exilados com a sua piedade e o seu encanto. E a *miss* May, que, longos dias a fio, com tanta solicitude curou a ferida dos meus olhos, daqui beijo as mãos delicadas, que me deram a luz.

Depois, pouco a pouco, os que tinham sido mais feridos tiveram licença de vir convalescer a Portugal. Voltamos à Pátria. Mas que torturas para nos arrancarmos às galonadas mangas de alpaca que tinham instalado as suas velhas ratoeiras burocráticas na base!

Que dolorosas batalhas ali tivemos que sustentar!

Diga-se, todavia, em abono da verdade, que dois chefes da base mostraram então o mais inteligente e activo carinho para com os feridos: o major Maia de Magalhães, chefe do estado maior da Base e o tenente coronel Eduardo Pimenta, que ali era o chefe dos Serviços de Saúde.

Aos dois devo também e, a mais que os meus companheiros de desgraça, o amparo amigo, que me prestaram nessa atribulada convalescença.

Chegado a Portugal, todos os colegas a quem consultei me aconselharam uma longa cura de repouso à beira-mar ou na montanha. E a própria junta militar que me examinára, me havia conce-



Pôsto de socorros de S.^t Waast.



dido alguns meses de licença para me tratar num sanatório.

Todavia, à minha volta, acto a acto, desenrolava-se a tragi-comédia dezembrista, envolvendo tudo e todos em ondas tórvas.

Homens de tendências as mais diversas tinham encontrado a palavra milagrosa sôbre que assentar o seu escuro pacto:—o combate à demagogia.

Começaram a prender-se aos milhares, por simples suspeitas, os republicanos. Quando êstes acrescentavam a qualidade de oficiais do C. E. P., eram por via de regras encarcerados. Assaltaram-se os jornais periodicamente. Instituições políticas e casas particulares não escaparam também. Em Lisboa e Pôrto os presos foram espancados e assassinados. Uma horda impune e anónima fazia pelas ruas perseguições a cavalo marinho e a tiro. Homens, os mais respeitáveis e categorizados, foram enxovalhados e brutalizados por uma escumalha mercenária, sob as ordens e a protecção de muitas autoridades. A isto se chamou:—combater a demagogia . . .

Quando, ainda fraquíssimo, repousava, com licença da junta para me tratar em sanatório, prenderam-me e encerraram-me numa cela da Penitenciária. É claro:—os meus males agravaram-se de tal modo que, passados quinze dias, recolhia em estado grave a um hospital militar, onde permaneci preso, durante três meses.

Logo de comêço enviei ao jornal *A Manhã* a seguinte carta:

« Penitenciária de Coimbra,
26 de Outubro de 1918.

Meu caro amigo:

Li na *Manhã* as suas palavras pedindo justiça para mim. Agradeço-lhas do coração. É o socôrro do amigo *in re incerta*. Já passaram dez dias depois da minha prisão, ignorando ainda os motivos que a determinaram: Como sabe, desde que regresssei da França, outra coisa não tenho feito senão cuidar da minha saúde, que trouxe rudemente abalada. Nem sequer me foi possível reatar os meus trabalhos literários. Chegado que ali fui, pouco depois de colocado numa ambulância, entrei, a requerimento meu, para um batalhão de infantaria, que estava então nas trincheiras. Nele me conservei até ser ferido em combate. Foi tal o golpe sofrido que durante dias estive cego e em risco de morte. Sofri algumas das pióres torturas que podem sofrer-se na guerra. Regressei a Portugal para tratar-me, tendo iniciado por indicação de alguns dos mais competentes médicos portugueses a cura de repouso ao ar livre e na montanha. Estou atualmente com licença militar da junta médica e a meio do tempo que os médicos julgaram necessário para meu restabelecimento.

Há mais de dois meses que vivia à beira-mar numa pequena praia do norte, encontrando-me à data dos últimos acontecimentos, em Carcavelos. Mal que li nos jornais um aviso que mandava se apresentassem os oficiais em determinadas condições, não sabendo ao certo se a nota me dizia também respeito, dirigi-me nesse dia, 14 do corrente, a Lisboa ao quartel general territorial do C. E. P. a apresentar-me ao respectivo snr. Chefe do Estado-Maior, e foi com a sua anuência que nesse mesmo dia segui para S. João do Campo; nos arredores de Coimbra, onde tinha então minha família. No dia 15, à noite, foram-me ali prender. São estas as condições em que entrei na Penitenciária. Ao entrar aqui, a minha saúde estava muito melhorada.

Deixára de ter hemoptises. Desde que aqui estou tem ela vindo a diminuir progressivamente.

Peço-lhe, meu amigo, que publique estas linhas no seu jornal. É a primeira vez, desde que vim de França, que escrevo para público. Até aqui só os louvores e as recompensas oficiais de guerra falaram de mim e do meu estado. Se agora quebro esse silêncio, não é por vanglória do que fiz, mas para comparação do que me fazem. Não imploro. Não me queixo. Nem me lastimo.

A-pesar-de ter quasi desde o primeiro dia minha esposa e meus três filhos de cama, epidemiados, e de ter estado sempre incomunicável, possúo ainda a fôrça de ânimo bastante para me conser-

var de cabeça erguida. Fala apenas com protesto e orgulho a dignidade ferida do soldado. Fala a consciência dolorosa de que eu sou um símbolo tristíssimo. Aqui dentro há outros soldados, vindos de França e África, que trazem ao peito condecorações nacionais e estrangeiras ganhas nesta guerra e que estão porventura em circunstâncias idênticas às minhas. E no silêncio da minha friacela, donde nem o Céu se vê, sozinho, aferrolhado como um penitenciário, minado novamente pela doença, a abrirem-se nos pulmões as chagas, que os alemães lá tinham rasgado, eu pergunto, pondo na voz apenas a alta tristeza de quem fala da sua terra:

— É esta então a Mãe-Pátria?!

Amigo gratíssimo

J. C.»

Esta carta foi publicada em *A Manhã* e aí levantou, com os protestos do jornal as queixas isoladas dalguís bons amigos.

Mais nada.

Passado um mês sobre a minha prisão, era interrogado e o general Paulino Correia concluia pela absoluta sem razão do meu encarceramento. Todavia, comunicado êsse facto repetidamente para o ministério da guerra, de lá ordenavam que mantivessem a minha prisão.

Sob mão de todos aqueles que mais haviam contrariado a nossa participação na guerra, eu ia



Belfroi de Calais



seguindo dentre as grades a marcha vitoriosa dos exércitos aliados.

Sabia bem que o meu destino estava ligado à sorte das armas nos campos da França. E foi dentro da prisão ainda que eu vi chegar claramente a hora do armistício e da vitória.

Nós, — quantos havíamos regressado a Portugal e que naquela hora vencíamos, — estávamos quasi todos presos. Os outros, — os que tinham contrariado a nossa participação —, êsses recebiam as honras e as glórias do triunfo.

Horas, que se haviam sonhado da mais alta alegria, foram de tamanho desespero, tão cruciantes de infamação, que não mais se podem esquecer. Estavam então nas prisões, e muitas vezes sem uma sombra de justificação, dezenas e dezenas de homens que tinham nos campos de batalha conquistado, por altos feitos, a cruz de guerra. O que se infamava neles era o próprio brio nacional. Uma pátria, que atura, sem um grande protesto, ultraje tamanho, sofre por certo de qualquer doença medular gravíssima. A táboa dos seus valores foi invertida; e só assim se pode explicar que os actos generosos e de sacrificio pela grei mereçam prêmio tão vil.

É certo que alguns homens isoladamente protestaram. Jornais houve que bradaram também justiça. E, pessoalmente, devo ao jornal *A Manhã* o mais grato reconhecimento pela campanha sem trégoas que moveu em favor da minha libertação.

Muitos homens protestavam a seu modo, trabalhando secretamente contra uma situação tão vexatória.

Todavia um dos males piores do dezembrismo foi essa deformação mórbida operada sobre o carácter nacional. Isso permitiu que a Alemanha, ainda depois de ter sido vencida no seu território, imperasse dentro de Portugal, vexando os que mais ardentemente a tinham combatido.

- Aqui, o armistício foi assinado bem mais tarde. Deu-se primeiro a eclosão do movimento monárquico, que durante longos meses se preparava por detrás do dezembrismo. Tinham-me soltado, havia poucos dias, e isso me permitiu assistir em Monsanto e depois no Pôrto à sagração épica, que o Povo fêz à República.

Os acontecimentos de então consentiram-me igualmente verificar mais uma vez, após as muitas demonstrações da guerra, que as nossas *elites* governativas, tôdas elas, mais ou menos, são incapazes dos grandes actos redentores, enquanto o Povo, apesar de ignorante e desorientado, é ainda e sempre a maior esperança, porque havendo conservado muitos dos velhos e nobres instintos, tem nas horas graves, as mais elevadas intuições.

ÚLTIMOS COMBATES

O homem, que assina a carta, que se segue, e é hoje uma das mais belas figuras desta Pátria, quando a escreveu, não pensava que alguém a desse à publicidade. Não importa. Êste documento pertence à História. Tanto a miséria, como o heroísmo que o repassam devem ser conhecidos. Escondemos ainda assim muitas das passagens mais graves, em atenção ao momento que passa. Um dia elas serão conhecidas com o muito que propositadamente temos calado. O resto, — que o sinatário nos perdôe, — publica-se, tanto mais que o seu nome é a melhor garantia às suas afirmações.

Estas páginas eram necessárias neste livro. São o seu remate lógico, em miséria e beleza. Estão cheias dos frutos sãos e venenosos duma árvore bôa, mal enxertada.

Tambem o mais e o melhor dessa carta é um canto lusíada. Há aí passagens que devem ser decoradas. Estremece nelas um ritmo de epopeia. Escondê-las seria um crime. Aí vai a carta:

Meu querido Jaime:

Flandres, Abril de 1919.

Ora vamos: Tu conheces, calculas, a situação em que estávamos depois do 9 de Abril. Sôbre o desastre e os crimes preparados ou perpetrados desde o princípio, — defectismo, desmoralização, inércia, etc., da parte daqueles, cuja inapetência guerreira se mascarava de incompatibilidades políticas, etc., — deu-se um grande êxodo, de oficiais para Portugal. A situação dezembrista, de resto, desejosa de liquidar esta coisa que a comprometia perante a *Alemanha vitoriosa*, produziu também todos os seus frutos. Depois do 9 de Abril, a-pesar dos esforços tenazes e inteligentes, honra lhe seja, do tenente-coronel D. José de Serpa, Chefe do E. M. da 1.^a D.—dificilmente se conseguiu arrancar aos ingleses as nossas unidades, reduzidas a trabalhos inglórios da rectaguarda, embora cheios de perigo e obrigados à morte.

Quando eu cá cheguei em Junho tudo estava um pouco desmoralizado. Como dogma fixára-se a impossibilidade de fazer a mínima coisa com os soldados. Davam-nos como liquidados, exaustos, incapazes. E tu vês o interêsse com que certas criaturas cobriam a sua inapetência guerreira com essa incapacidade...

Ia-se morrendo nos bivaques miseráveis e de má lingua, propósitos defectistas, vergonhas,—



Coronel médico Eduardo Pimenta

além do veneno que nos continuava chegando cada vez mais forte de terras de Portugal. Mas tu sabes...

Eu apresentei-me no batalhão com o Fernando Soares que foi sempre, junto de mim, um honesto e lial cooperador. Bom moral sempre e comigo.

Eu, Soares e alguns camaradas, desde Agosto, como de há muito, — magoados com a situação única das tropas portuguesas em hora de tanta glória para todos, começamos a lançar com entusiasmo a idea de formar batalhões de *élite*, com oficiais oferecidos, para tomar parte imediata na ofensiva.

O Garcia Rosado consegue arranjar transportes para reforçar o C. E. P., mas Sidónio não consegue arranjar soldados.

Eu baixo ao hospital, para repouso e cura dos meus ouvidos, em Setembro. Encontro-me com o Ferreira do Amaral.

Nós sabemos que, de cima, os comandos nada farão, nada poderão fazer, sem uma decisiva afirmação partindo de algures, nas unidades. Os chefes, e tínhamos na divisão um homem da craveira de Bernardo de Faria, ainda os melhores, eram impotentes.

Eu ponho-me em relações com o Rosado. Afirmo-lhe, primeiro que a hora é ainda de esperança, embora de esforço. Ninguém acredita na possibilidade de se levar um batalhão à linha de

fogo, às claras, (nem os ingleses...) com entusiasmo, decisão e honra. O Amaral com o 15, em que tem um grande prestígio, eu com o 23, onde há oficiais honrados e sargentos em termos, podemos organizar dois batalhões de assalto.

Baixo ao hospital. Ferreira do Amaral propõe a organização do 15 ao general. Responsabiliza-se por isso. À tarde Amaral vem ao hospital contar-me a sua *démarche*. Eu estava com febre e contente. Havia rapazes, de artilharia, de visita junto de nós.

O Pedro estava tombêem comigo. Êstes oferecem-se para o 15, batalhão de assalto. Nessa manhã eu falo ao ajudantê do general que, por êste, vem saber da minha saude. O general aceita. Numa carta que lhe mando digo-lhe que o momento é precioso e, perdido, se perde tudo. No dia seguinte o ajudante do Rosado vem e pergunta-me se a minha saude sofria com a alta imediata. Está o querido Sousa Lopes presente. O general aceita... Mas a minha saude dá-lhe aso a considerandos. Quando é preciso sair?

— Hoje, às três horas, o major Amaral segue comigo para o Q. G. C. de automóvel, diz-me o ajudante.

São 12 horas. Eu digo: — Fale ao Director do Hospital. À 1 hora estou pronto.

E saímos os dois, Amaral e eu.

Não quero dizer-te a ansiedade que me tomava.

Compreendes o que eu jogava ali, do meu olho e do meu amor próprio.

.

Chegámos a Roquetoire... O comando reuniu os comandos.

Não te direi, hei de dizê-lo um dia talvez, — o que nós acusamos e dissemos.

Eu disse o que podíamos fazer, o único possível para salvar, do atoleiro em que se encontravam, as tropas do C. E. P. . . .

E viemos. O meu batalhão eram os meus amigos e os sargentos. Houve uma pequena coisa: um grupo de soldados bradando coisas que eram a acusação dos grandes culpados daí. O Soares foi mais uma vez óptimo.

A grande maioria dos oficiais manifestou desejo de que o Helder viesse comandar-nos. Todos os oficiais aplaudiram. O general soube e nomeou o Helder.

E começou o trabalho. Tínhamos 400 homens; faltavam 600. As insubordinações sucediam-se. No bosque de Pacaut procedeu-se a uma operação para reduzir uma das mais graves. Houve mortos e feridos.

O 15 ia marchar com subalternos de infantaria, artilharia e até de administração militar, todos voluntários. No meu batalhão, onde se encontrava já, desde Julho, o alferes Granger de cavalaria, apresentaram-se os alferes voluntários. Gente rija,

belo moral... Completaram-se os quadros de oficiais. O Helder não repousava, era êle quem lembrava as medidas necessárias. Os comandos, apesar de terem como única esperança a nova solução, pareciam dormir. Ah! mas eu esquecia, o general Birdwood, do 5.º exército, nosso amigo, — dissera ao Rosado o desejo que tinha em ver, nestas horas formosas, alguns batalhões do C. E. P., que tanto sofrera, compartilhar da grande batalha vitoriosa...

Vê bem...

E o 15, que estava já connôco em Haveesquerque, seguiu para a frente, alguns dias antes de nós...

Em 3 de Novembro, sôbre reduzidos dias de esforço, a enquadrar, vestir, erguer o moral dos homens, já todos lusíadas e redimidos das misérias de até ali, — o batalhão organiza uma festa militar.

Recebi sete Cruzes de Guerra para os meus soldados. Os jogos desportivos correm duma maneira admirável. A missão inglesa aplaude, e os oficiais franceses, ao ver desfilar em continência primeiro, e depois em coluna de marcha, cantando, *the best portuguese batalion*, — dizem a sua admiração. Era já o milagre!

Ah, caramba!

No dia seguinte, 4, marcha para a frente...

E a marcha fazia-se entre cantos, sob bandeiras...

Nunca vi tropa assim, diziam camaradas com lágrimas nos olhos.

Os comandantes de algumas unidades, para vincar o nosso exemplo, mandaram formar, para saudarem assim o 23 que passava... A semente estava lançada. O mal vencido.

De Havequerque a Lavantie. De Lavantie a Sequedin, Lille, e de Lille a Florest, na fronteira... Os ingleses pasmavam.

Preguntavam os franceses vendo, sob a chuva, o batalhão impecável florido de bandeiras e cantos...

— *Guerre finie?*

— *Non finie, — Commencer!* — diziam os soldados...

Ah! o formoso desfile!...

O 15, por má sorte, ficou numa brigada inglesa que estava em descanso. Nós fomos para a 148 Brigada do General Kennedy.

Em 7 entro na linha com um batalhão inglês, o 21 de Londres na Belgica, em apoio da 1.^a linha sobre o Escalda. A 4.^a com o Barros Basto ocupa Froyennes, sobre o canal.

Rijos bombardeamentos.

Em 9, um perigo nos ameaça. O *boche* retira. A brigada vai partir. Mas... nós ficamos. E dizem que seremos empregados em trabalhos de engenharia!. Oficiais e soldados choram de raiva... Então os nossos comandos não informaram os comandos ingleses do convite de Birdwood? Es-

crevo, aflito, ao Helder. Mas o Helder tem um gesto grande. Vai ter com Kennedy.

— «Eu vim para bater-me. Trago mil homens, mil corações que, mal saibam que não seguirão em combate, sofrerão amargamente. Por esses mil corações, peço-lhe intervenha de forma a seguirmos com a 148 Brigada».

Kennedi é cavaleiro e nobre. Um *gentlemen*.

No 21 de Londres os oficiais ingleses querem-nos com êles, contentes, dizem-nos a sua mágua.

Mas, à noite, um telegrama chega com os parabens, para mim, do comandante Newton, do 21 Londrino.

O batalhão segue na perseguição do inimigo.

E seguimos, atravessamos o Escalda a 9, e a 11, quando a nova do armistício chegou, iamos a caminho dos postos avançados, de novo.

Tinhamos sido dos primeiros a entrar nalgumas povoações belgas.

.

«O seu idealismo deu um concurso brilhante à tarefa de salvar as tropas do C. E. P. do atoleiro em que se afundavam» — diz uma carta do G. Rosado.

Fizémos o milagre que ninguém esperava.

Desajudados, salvámos. O 15, o 23 e o 9 com o Batalhão de Metralhadoras pesadas, prestaram aqui enormes serviços. O 15 seguiu para a frente, mas as circunstâncias não lhe permitiram entrar em combate. O 23, depois de marchas triun-

fais, vencida a desmoralização pelo ardor e patriotismo dos seus oficiais, bate-se no Escalda, e segue até 11 com as guardas avançadas em perseguição do *boche*. O honrado 9, que o capitão Costa Cabral comandava, não chegou a partir. O 35, aproveita as circunstâncias, e tem alguns pelotões seus na linha com os ingleses o que importa a todos, embora só o 23, como unidade constituída e nossa, entrasse em fogo.

Entramos em combate. Os ingleses cobriram-nos de provas de carinho. Rehabilitámos isto. Salvamos isto. Sanções? O meu batalhão foi proposto pelo nobre chefe que aqui tivémos, general Bernardo de Faria, para um louvor em ordem de corpo e uso dum distinctivo especial. Nada. Nada. Queixei-me, disse a nossa pena do desprezo a que nos votavam, ao general Rosado.

Este fez do 23 o mais formoso elogio. Mas mais nada. Para os oficiais, tão poucos, que correram a oferecer-se, alguns com folhas de serviço honrosíssimas, na Flandres, — não houve um louvor.

Mas escreveu-se uma carta ao Helder, em Janeiro em que as estações superiores lhe perguntavam se com efeito fazia política no batalhão, política republicana . . .

Teu irmão

Augusto Casimiro.

O SOLDADO DA GRANDE GUERRA

TENHO visto que os senhores se habituaram, pela leitura de certos relatôs, a olhar no soldado da grande guerra uma espécie de compadre de revista, com muita *piada*.

Essa visão é afrontosa e achincalhante.

Colectivamente na guerra, na nossa guerra, salvou-se—o soldado. Êle foi, sempre que o não enganaram, paciente, sofredor e heroico. Teve na mór parte das vezes a compreensão das coisas mais elevadas.

Sempre que as vozes puras o chamaram para o grande sacrifício, êle seguiu.

Os, que o reduziram à caricatura grotesca de Zé Povinho reinadio das trincheiras, ou nunca o viram nêsse lugar, ou lhe atribuem as suas próprias dimensões para não fazerem por sua vez triste figura. Assim, ficam todos pequenos.

Sim! o soldado salvou-se. O resto, tendo todos



Outro aspecto do cemitério entre a 2.^a linha e o apoio Neuve-Chapelle.

os defeitos das nossas *elites*, foi-lhe por isso mesmo, como não podia deixar de ser, inferior. Entre os oficiais, por via de regra, quanto mais galões, pior.

De facto nós não tínhamos um exército capaz de fazer a guerra moderna. Lá, volvidos alguns meses, havia muitos oficiais inteiramente educados e prontos para a grande labuta. Se tivessemos adoptado o sistema inglês das rápidas promoções por distinção, — sistema democrático e único capaz das boas transformações, — ter-se-iam evitado muitos erros e vergonhas.

A quantos bravos e inteligentes oficiais abafaram a iniciativa e o espírito de comando em pequenas missões! Do que muitos eram capazes viu-se nos últimos dias da luta quando meia dúzia de rapazes arrebataram o comando, pelo poder da sua fé abrasada, às mãos inertes e hesitantes dos grandes agaloados.

Quando mais tarde, — porque ainda é cedo, — se fizer a história completa do C. E. P., então se compreenderá inteiramente a verdade do que afirmamos. Muitos dos nossos oficiais, — não obstante levarem a alma envenenada desde a Pátria, — lá na grande escola da guerra, isto é, de dôr e de grandeza, transformaram-se. Lavaram em sangue e lágrimas muitas das impurezas de educação; e alargaram infinitamente, ao contacto daquele novo mundo, a estreita curva do seu pensamento.

No soldado a transformação foi maior. Neles,

os grandes sentimentos, conservados íntegros pela primitividade do seu isolamento, como não se haviam estiolado ao calor artificial de certas estufas, esbracejaram frondes magnificas, ao sol das batalhas.

O que o nosso soldado era,—sabemos nós. Galhofeiro e manhoso, foi-o êle sempre nas casernas pátrias.

Importa saber não o que era, mas o que é, depois da guerra. Porque a guerra educa. É a mais intensiva das escolas. A sua consciência, que, à partida, era uma luz bruxuleante, engrandeceu-se, dilatou-se, incendiou-se, e as velhas virtudes da arraia-meúda, que neie dormiam, acordaram à uma, para se afirmarem mais unia vez a única grande força da grei, como em todas as horas críticas da nossa história. De novo, como sempre, uma reduzida minoria de eleitos e iluminados, afrontando as misérias dos seus iguais na escala social, se encontrou unicamente com a arraia, para realizar os milagres que redinem.

Êsse soldado é ainda o mesmo de Aljubarrota e do Mar. É. Contou-me o capitão Gonzaga que, um belo dia, quatro ou cinco soldados do seu batalhão discutiam *tesuras*, na primeira linha. Cada um citava os feitos guerreiros dos seus longos dias de trincheira. Até que um deles rematou:

— Pois sim, vocês serão muito *tesos*. Mas eu quero ver quem é capaz de ir agora ali, em frente, à trincheira do *boche*.

Era dia pleno. E, sem mais discussões, ei-los que abalam, cortando, como podem, a *Terra de Ninguém*, até às linhas inimigas.

Para qualquer dos combatentes, feito semelhante com tão pequeno número d'homens e, à mais ingrata das horas, é coisa tão incrível de tentar-se, que, por isso mesmo, êles conseguiram alcançar o fim projectado e, após curto combate, regressar à nossa trincheira, sãos e salvos, trazendo alguns *souvenirs*.

Foi tamanho o alarme nas linhas inimigas, pela suposição de que se tratava dalgum ataque muito mais vasto que, passados instantes, os alemães rompiam um bombardeamento ferocíssimo sôbre as nossas linhas. Vários comandantes, que a essa hora estavam reunidos numa brigada, chegaram a inquietar-se seriamente.

Não é tal e qual, digam lá? o soldado das aventuras e das escaladas na India?

O nosso soldado, depois dalguns meses de França, tornou-se num homem novo.

Não se trata agora do soldado bonacheirão e humilde.

Êsse homem novo é o Esgalhado, repontão e arisco, que, chegada a hora terrível, se oferece à morte, para salvar o batalhão; é o Baldaia, que, em cumprimento do seu dever, rompe por entre as granadas, os gases e o pânico, sereno e indiferente a todos os perigos; é o *rancheiro da segunda*, que na agonia, esquecendo-se de si, lem-

bra apenas os séus; e é aquele que numa noite de inverno, quando um oficial parando na trincheira diante do seu vulto, martirizado pela doença e pela fadiga, lhe pergunta como vai, responde neste grito sublime, onde ecoa a voz imortal do conde de Avranches:

— Isto já não é corpo nem é nada. Agora é só coragem.

Mas êste homem, que se ergue assim sôbre a sua infinita miséria terrena para afirmar a vitória ardente do espírito, numa tão sobrehumana atitude, que iguala a santidade, adquiriu uma noção especial dos valores morais, viu os homens nas contingências mais duras e tirou a sua lição.

Aprendendo a desprezar a morte e o sofrimento soube também qual o valor da vida. Atirado para um oceano de dôr, encontrou-se sôbre o caminho da verdade.

Abriu os olhos, viu: e por isso lhe clareiam, por vezes, a púpila faúlhas de desprezo e cólera.

Não; deixem-se disso: já não é o soldado cerzido com os velhos palavrões retóricos, nem o banal *taratã* reinadio e *piadista*. É certo que êle joga o seu comentário: é certo. Mas o melhor da história, nesse gênero, está por contar.

E lá vai também, para os senhores se convencerem, uma historiazinha:

Um dia, no meu batalhão, certo general seguia pela primeira linha com vários oficiais, e dá de frente com um soldado que vinha em sentido con-



1.^a Linha — Neuve-Chapelle — Sub-sector esquerdo.



trário. O soldado pára e perfila-se em continência. O general então, no bom intuito de levantar o moral às tropas, prèga-lhe um curto sermão, cheio dos narizes de cera da retórica oficial, incitando-o aos actos heróicos.

Acabada a prédica, voltam os dois a seguir o seu caminho em direcções diferentes. E vai, volvidos passos, o soldado pára, e volta-se, e êle, que é capaz de todos os heroismos, porque lhes estão no sangue e na alma, e escusa de palavras sonoras, mede ó general dalto a baixo, vê-o desaparecer numa curva, e comenta simplesmente:

— Ora, vai-te despir.

O soldado, que volta da guerra, é assim. Aí o teem. Conheceu algumas das mentiras militares e algumas das verdades essenciais na vida.

Eu os vejo, como o Pintôr os viu, o tronco envolto na çamarra, e as pernas nos safoes, hirsutos e felpudos, como os Lusitanos bárbaros d'outrora. Descem do seu calvário, patujando, a fundo, com as suas tôscas botifarras dentro da neve e da lama, nos trilhos aspérrimos da *trincha*.

Vergam ao pêso das armas, da mochila, do capote, do capacete, da máscara, e mais ainda da miséria, da doença, do cansaço e do abandono a que os lançaram: Vergam ao pêso da mais espantosa cruz que Cristo algum acarretou. São enormes: cresceram na proporção das dôres sofridas; enchem a vida com as suas figuras. Alguns trazem ainda nos olhos o clarão dos horizontes sem

fim onde se ergueram. Doutros o olhar nada em desdem e orgulho.

Não suponham que estiveram durante dois ou três anos na guerra, sofrendo, sangrando, matando e morrendo, para continuarem a ser os soldados bisonhos. Os que voltaram são uma fôrça que foram espantosamente activa e fecunda. São braços que aprenderam a manejar de mil maneiras a foice da Morte. São almas que mergulharam no abismo do sofrimento e da miséria até ao fundo. Tiveram as mais tremendas revelações. Êsses poucos são uma legião de gigantes. Não vale a pena esquecê-los e desprezá-los.

Contem com êles.

POST-SCRIPTUM

O FACTO de escrever êste livro tem uma consequência lógica e moral: — afastar-me da vida partidária.

Por essas páginas fóra demoustra-se que não tenho as virtudes dum bom correligionário. Quando fui para França levava já o desejo de me afastar do partido a que pertencia. Quando aqui regressei, o regimen de opressão, que se usava contra os democráticos, impedia-me de o fazer, como outros com mais responsabilidades fizeram, *abandonando a actividade política*, eufemismo, que, em certas alturas, perde toda a utilidade retórica. Também o não faria, antes do termo da guerra.

Sujeitei-me assim a todas as consequências da fé política imputada.

Entreí precipitadamente na vida partidária e, em parte, na ilusão de que os partidos novos não reeditariam os êrros velhos na sua vida interna.

Iludi-me e errei.

Um homem, que procura a beleza e a verdade, não deve manchar essa missão com a cegueira das paixões políticas. Os que nasceram para cantar e exaltar os corações alheios devem ter a voz clara e isenta e não hipotecar a sua liberdade por um fio que seja.

Desgraçadamente a vida partidária em Portugal gira ainda em volta da educação monárquica. Quem dentro dos partidos quiser servir ideais, obriga-se principalmente a servir os homens.

Demais, a minha maior actividade partidária realizou-se em volta da guerra. Não me arrependo. Julgo até que o máximo título de glória e motivo suficiente a justificar a existência e defeza desse partido foi o papel decisivo que teve na nossa participação. Eu levei, nêsse particular, até às últimas conseqüências as responsabilidades do meu credo.

Essa é a grande obra desse partido e dos partidários, que a souberam levar até ao fim e a toda a altura dos seus deveres.

Emquanto êle se propunha tão elevada missão, cabia-lhe toda a razão de existência, e quem abandonasse a sua bandeira perdia vergonhosamente as insígnias de cavaleiro.

Hoje o caso mudou. Mudou inteiramente.

Aquela missão foi realizada. Diga-se, pois, sem rebuços: o partido, tal como está, não tem razão de existir.



Capitão-médico Jaime Cortesão
e capitão Augusto Casimiro.

Não tem, porque está cheio de erros personalistas. Não tem, mais ainda, porque é incapaz de cumprir a missão a que é chamado. Hoje a grande obra de defesa da República é actualizá-la com nobreza e inteligência. A única maneira de a garantir é torná-la progressiva e fecunda, fazê-la entrar nas grandes correntes do trabalho moderno.

Emquanto o partido fôr uma mistura desconexa de conservadores e radicais, de espíritos livres e pessoas intolerantes, apenas jungidos no mesmo esforço pelo pulso dum grande homem, essa missão não se realiza.

Porque,— manda a verdade se diga — êsse partido, que se arroga o título de radical, tomou semelhante palavra em certas conjunturas no sentido peor, encantando os ouvidos de muitos apenas pelo gôsto de oprimir crenças alheias.

O snr. Dr. Afonso Costa é bem a expressão máxima dêsse partido. Dotado duma clara inteligência, bem intencionado e voluntarioso, soube realizar um grande esforço na obra da nossa participação.

Tem, por isso, um grande lugar na História. É credor, por êsse título, àlêm doutros, à gratidão nacional.

Mas não abrangeu aquele grande acontecimento em toda a sua extensão. As limitações do seu temperamento e da sua cultura não lho consentiam. Assim se explica, por exemplo, que não tivesse o rasgo de marchar decididamente no caminho das realizações económicas. •

Ao rever as provas destas páginas, chega-me a notícia do seu afastamento voluntário do partido.

Assim êste mais depressa vai desagregar-se ou então modificar-se tão profundamente na sua textura e modo de ser que dele só fique o nome.

Pelas notícias de Paris vejo igualmente os grandes serviços que êle está prestando ao país na Conferência da Paz. Tão grandes, como ninguém mais os poderia prestar. Aqui lhe ficam as minhas homenagens. Aqui lhe ficam, na convicção de que toda a Pátria lhas deve prestar.

Por mim não abandono a vida política, como alguém que um dia professou ideais ardentemente, a não pode abandonar.

Defino a minha atitude honestamente.

Venho de empenhar o meu esforço em luta de tamanha grandeza que não mais posso servir mentiras ou misturar-me em prélios mesquinhos.

A guerra armou-me com uma alta e aguda lança.

Mais do que nunca eu quero combater.

Proponho-me, todavia, não a empunhar em defesa dos erros alheios, nem lhe manchar o brilho na poeira tórva, que levantam os maus combates.

NOTA

O maior número das fotografias tão curiosas, que documentam este livro, à excepção dos retratos, pertencem ao tenente-médico Moura Neves, bom soldado e bom camarada no batalhão do 23.



ÍNDICE

| | Pags. |
|--------------------------------------|-------|
| Prefácio | 9 |
| O génio do Povo | 13 |
| O Palácio na lama | 25 |
| Luta inglória. | 43 |
| Em viagem | 54 |
| Baptismo de fogo | 65 |
| Os sete círculos da guerra | 75 |
| Ecce Homo! | 83 |
| Três dias, como tantos | 90 |
| Dezembro de 1917. | 105 |
| A terra fantasma | 112 |
| Gritos na noite | 117 |
| O Esgalhado | 125 |
| O almoço do Pintor | 134 |
| Os que endoidecem | 141 |
| Os mortos. | 149 |
| Um <i>raid</i> | 157 |
| Sôbre a arena | 164 |
| Nô abismo | 191 |
| A batalha do Lys | 200 |
| Às grades | 215 |
| Últimos combates | 223 |
| O soldado da Grande Guerra | 232 |
| Post-scriptum. | 239 |

ÍNDICE DAS GRAVURAS

| | Pag. |
|--|------|
| Jaime Cortesão, retrato tirado em França. | 3 |
| Coronel Pereira Bastos. | 9 |
| Em Dohem. | 17 |
| Alferes miliciano Hernani Cidade | 25 |
| No pátio duma <i>ferme</i> na Flandres. | 39 |
| Beffroi d'Armentières | 41 |
| O Cristo de Neuve-Chapelle. | 49 |
| Uma cara das Trincheiras (o alferes miliciano Carneiro Franço | 57 |
| Capitão Augusto Casimiro | 65 |
| 1. ^a linha — Centro de Neuve-Chapelle | 73 |
| O alferes Carneiro Franco, à porta dum abrigo na 1. ^a linha | 81 |
| 1. ^a linha — Neuve-Chapelle | 89 |
| Trincheira coberta de neve. Desenho do Capitão Menezes Ferreira | 97 |
| Durante um bombardeamento de gás | 105 |
| Um bivaque atrás das primeiras linhas | 113 |
| Abrigando-se das balas na <i>Baluchi Line</i> (Neuve-Chapelle) | 121 |
| Tenente-médico Moura Neves no Posto de socorros de Green-Barn | 129 |
| Alferes Lorga | 137 |
| Outro aspecto do Cristo de Neuve-Chapelle | 145 |

| | Pag. |
|---|------|
| O pintor Sousa Lopes | 153 |
| Cemitério entre a 2. ^a linha e a linha de apoio Neuve- -Chapelle. | 161 |
| Posto de socorros avançado, no sector de Neuve-Cha- pelle (Ponte da Torreira) | 169 |
| Capitão Luís Gonzaga | 177 |
| O glorioso sono.—Desenho do Cap. Menezes Ferreira . | 185 |
| Capitão Américo Olavo | 189 |
| Uma casa de La Couture. | 193 |
| Um abrigo para artilharia. | 201 |
| Capitão Fernando Soares | 205 |
| Tenente-coronel Maia Magalhães | 209 |
| Posto de socorros de S. ^t Waast. | 217 |
| Beffroi de Calais. | 221 |
| Coronel médico Eduardo Pimenta. | 225 |
| Outro aspecto do Cemitério entre a 2. ^a linha e o apoio Neuve-Chapelle. | 233 |
| Capitão-médico Jaime Cortesão e capitão Augusto Ca- simiro | 241 |
| Mapa da região do norte da França onde operaram as nossas tropas | 245 |

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TIPOGRAFIA DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 18 DE JUNHO DE 1919.
PORTO

0-56

UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY

Los Angeles

This book is DUE on the last date stamped below.

REC'D LD-URC

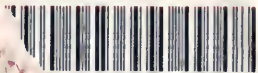
MAY 7 1984

MAR 28 1984

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY



A 000 090 053 0



00927 3151

ENCADERNAÇÃO
da

